



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FERNANDO LOPES DA SILVA

**PRÁTICAS JORNALÍSTICAS E AMPLIFICAÇÕES
FICCIONAIS NO LIVRO-REPORTAGEM HONORÁVEIS
BANDIDOS, DE PALMÉRIO DÓRIA**

UBERLÂNDIA-MG

2018

FERNANDO LOPES DA SILVA

**PRÁTICAS JORNALÍSTICAS E AMPLIFICAÇÕES
FICCIONAIS NO LIVRO-REPORTAGEM HONORÁVEIS
BANDIDOS, DE PALMÉRIO DÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Curso de Mestrado em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura, memória e identidades

Orientador: Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa

UBERLÂNDIA-MG

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586p
2018 Silva, Fernando Lopes da, 1981-
Práticas jornalísticas e amplificações ficcionais no livro-reportagem
Honoráveis bandidos, de Palmério Dória / Fernando Lopes da Silva. -
2018.
132 f. : il.

Orientador: Daniel Padilha Pacheco da Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.933>
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica -
Teses. 3. Dória, Palmério - Crítica e interpretação - Teses. 4. - Teses. I.
Costa, Daniel Padilha Pacheco da. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. III.
Título.

CDU: 82

FERNANDO LOPES DA SILVA

**PRÁTICAS JORNALÍSTICAS E AMPLIFICAÇÕES
FICCIONAIS DO LIVRO- REPORTAGEM HONORÁVEIS
BANDIDOS, DE PALMÉRIO DÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Curso de Mestrado em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa : Literatura, memória e identidades

Uberlândia, 26 de abril de 2018.

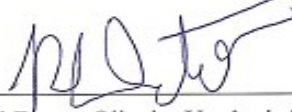
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa/ UFU
Orientador - Presidente



Prof. Dra Sandra Sueli Garcia de Sousa/ UFRJ



Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venâncio/ UFU

Aos meus professores pelas
valiosas contribuições e
generosidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e avós, os primeiros mestres que a vida me concedeu. Por eles terem segurado a minha mão, desde meus primeiros dias de aprendizado;

Ao meu orientador e professor Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa, pelos repetidos esforços e serenidade com que orientou esta pesquisa interdisciplinar;

Aos professores que me acolheram com o devido respeito nas disciplinas do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários: o professor Dr. Carlos Augusto Melo e a professora Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo. Agradeço também os secretários do referido Programa, Maiza Maria Pereira e Guilherme Gomes, pelo respeito e simpatia.

Ao professor Dr. Rafael Duarte de Oliveira Venâncio, pelo aprendizado e generosidade durante meu percurso. Agradeço também o incentivo das professoras Dra. Sandra Sueli Garcia de Sousa, Dra. Maria Cecília de Lima e Dra. Ana Flávia Cernic Ramos.

Aos meus colegas de pós-graduação, agradeço pelas palavras e gestos de apoio que motivaram a minha caminhada;

Aos meus amigos, colegas de trabalho e familiares, por compreenderem os momentos que estive ausente para dedicar a esta pesquisa. Em especial ao Ronaldo, Régis, Ednei, Patrícia e Rosana pelos momentos de escuta, amizade e encorajamento.

Certamente tenho muito para agradecer, creio que nenhum percurso é trilhado sem força de vontade, disciplina e apoio dos nossos pares.

“ O homem comum, diante da instabilidade da vida, vale-se de sua capacidade de imaginar outra história e, por isso, sonha, fabula, cria metáforas, em lugar de descrever, com rigor e precisão, os fenômenos conhecidos ”
Cremilda Medina, 2003, p.58.

RESUMO

Esta pesquisa pretende discutir o conceito de livro-reportagem a partir das relações que estas narrativas estabelecem com os textos jornalísticos em circulação nos periódicos, por um lado, e com o sistema editorial, por outro. Para cumprir esta proposição, foi eleito como objeto de pesquisa a análise da estrutura interna do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, do jornalista brasileiro Palmério Dória. Ao basear seu fio narrativo no momento em que José Sarney assumiu pela terceira e última vez a presidência do Senado Federal (2009), o referido livro-reportagem busca reconstituir uma série de escândalos políticos envolvendo o protagonista e as pessoas próximas a ele, caracterizados como honoráveis bandidos, segundo a expressão historicamente consagrada pelo filósofo alemão Karl Marx. A reportagem apresentada em forma de livro é narrada dispondo de uma série de técnicas comuns à escrita jornalística: apuração de dados, citações, entrevistas e testemunhos. Além da apresentação dos elementos referenciais recenseados pelo jornalista, a narração ressalta, em tom irônico, características físicas e psicológicas dos personagens, atribui-lhes pensamentos, compartilha anedotas com os leitores e descreve cenas e cenários, amplificando ficcionalmente os elementos fatuais e jornalísticos. Assim, a compreensão de um dos livros-reportagem mais bem-sucedidos do mercado editorial permite elucidar o próprio conceito do livro-reportagem, entendido tanto como subsistema jornalístico quanto como formato editorial.

PALAVRAS- CHAVES: Narrativa; Livro-reportagem; *Honoráveis Bandidos*.

ABSTRACT

This research intends to discuss the concept of reportage book, focusing the relationships that these narratives establish with the journalistic texts circulating in the periodicals, on the one hand, and with the editorial system, on the other. In order to fulfill this proposition, it was chosen as object of research the analysis of the internal structure of the reportage book *Honoráveis Bandidos*, by the Brazilian journalist Palmério Dória. Inicia Ting his narrative in the moment that José Sarney took over the presidency of the Federal Senate (2009) for the third and last time, this reportage book relates a series of political scandals involving the protagonist and the people close to him, characterized as honorable bandits, according to the historically consecrated expression by the German philosopher Karl Marx. The reportage presented in book form is narrated with a series of procedures common to journalistic writing: data collection, citations, interviews and testimonies. In addition to the presentation of the referential elements enumerated by the journalist, the narrative emphasizes, in an ironic tone, physical and psychological characteristics of the characters, assigning them thoughts, sharing anecdotes with the readers and describing scenes and scenarios, fictionally amplifying the factual and journalistic elements. Thus, the understanding of one of the most successful book reports in the publishing market allows us to elucidate the very concept of the reportage book, understood both as a journalistic subsystem and as an editorial format.

KEYWORDS: Narrative; Reportage book; *Honoráveis Bandidos*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALUMAR	Consórcio de Alumínio do Maranhão
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ELETOBRAS	Centrais Elétricas Brasileiras
ELETRONORTE	Centrais Elétricas do Norte do Brasil SA
MG	Minas Gerais
PDS	Partido Social Democrático
PF	Polícia Federal
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - LIVRO-REPORTAGEM: FORMATO, CATEGORIAS E CONTEÚDO	16
1.1 A impressão gráfica, a difusão dos livros e dos periódicos.....	17
1.1.1 O formato periódico e livresco a partir da impressão gráfica	19
1.1.2 O contexto político e social da impressão gráfica	22
1.1.3 O jornal livro e o livro-reportagem durante o regime militar	26
1.2. As relações do livro-reportagem com o sistema editorial e a imprensa ..	29
1.2.1 O desejo por liberdade jornalística	31
1.2.2 Os agendamentos do livro-reportagem com a imprensa regular	33
1.3 As especificidades do livro-reportagem: subsistema jornalístico	39
1.3.1 Subsistema jornalístico	39
1.3.2 A leitura do livro-reportagem prevê uma atualização	41
1.4 Proposta de classificação para os livros-reportagens	44
CAPÍTULO 2 –AS FONTES DO LIVRO-REPORTAGEM <i>HONORÁVEIS</i> <i>BANDIDOS</i>	49
2.1. O jornalista escritor Palmério Dória.....	50
2.2 As fontes que compõe o livro-reportagem Honoráveis Bandidos.....	54
2.2.1 Memória	57
2.2.2 Os 50 anos rememorados de José Sarney.....	59
2.3. A matéria jornalística	62
2.3.1 Dados oficiais e o que a imprensa divulgava sobre José Sarney.....	64
2.3.2 Entrevistas	71
2.4 Epílogo ilustrativo	78

CAPÍTULO 3 – AMPLIFICAÇÕES FICCIONAIS DO LIVRO-REPORTAGEM <i>HONORÁVEIS BANDIDOS</i>	81
3.1 Os cenários que compõem o livro-reportagem	82
3.2 Os pensamentos atribuídos a José Sarney	85
3.3 A reportagem contada em um livro	89
3.3.1 A descrição do dia da eleição no Senado Federal	92
3.4 Os retratos das personagens que orbitam José Sarney	95
3.4.1 Personagens reconhecidas pelos leitores do noticiário.....	98
3.4.2 Ilustres desconhecidos	102
3.4.3 Personagem em um anedotário.....	105
3.4.4 Personagem apresentada por charges	106
3.4.5 O retrato de José Sarney e o epíteto honorável bandido	111
3.5. A descida ao inferno de um honorável bandido?	115
3.6 Uma sátira da política nacional	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	127

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação propomos abordar as relações do livro-reportagem com a imprensa regular e o sistema editorial, a partir da análise da estrutura interna de um dos seus títulos mais bem-sucedidos, o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, escrito por Palmério Dória. A obra apresenta uma pesquisa jornalística aprofundada sobre a carreira política deste que pode ser considerado um dos mais representativos políticos do período da redemocratização do Brasil: José Sarney – o primeiro Presidente civil empossado depois do regime militar brasileiro (1964-1985).

Honoráveis Bandidos foi lançado no ano de 2009 pela *Geração Editorial* e foi considerado o lançamento mais lucrativo da editora naquele ano. A obra teve grande repercussão devido aos atos de violência praticados, na noite de autógrafos da obra em São Luís (MA), por pessoas simpatizantes a José Sarney. De acordo com Ripardo (2009), até o final de 2009 estima-se que foram vendidos 28 mil exemplares do livro, que ocupou a quinta posição dos livros mais vendidos, na categoria não-ficção. O livro-reportagem também foi indicado ao Prêmio Jabuti de Reportagem, no ano de 2010.

O livro-reportagem de Palmério Dória nos permite compreender não apenas um dos desenvolvimentos mais recentes de reportagens apresentadas no formato livresco, mas também o modo pelo qual esse suporte permitiu pintar um retrato da figura mais representativa do pemedebismo desde a democratização do Brasil. A moralidade do Governo é constantemente questionada pela mídia, ao “espetacularizar” denúncias de corrupção. Ainda que a imprensa não seja o lócus de produção da verdade, o grande público ainda vê a imagem e a mensagem no noticiário como evidências icônicas da realidade. Os telespectadores, muitas vezes, ignoram que as cenas a que assistem nos telejornais são selecionadas e editadas e nem sempre notam as possibilidades de especulação desencadeadas pelos discursos jornalísticos.

De acordo com Souza (2015), a personalização do Estado todo-poderoso na imprensa é acrescentada a uma teatralização da política nacional, na qual o conflito de interesses políticos é substituído pela concepção de um mundo dividido entre honestos e corruptos, polarizando, em uma perspectiva moral, o debate político nacional em torno de personagens ficcionais. Em se tratando da estrutura narrativa de *Honoráveis Bandidos*, as elaborações ficcionais percebidas na narrativa tanto amplificam e confere destaque a um fato proveniente da apuração jornalística, como favorecem a um

argumento moral defendido no decorrer da obra, de que os representantes públicos eleitos pelo povo se tratam de honoráveis bandidos que desvirtuam as práticas políticas nacionais.

Dessa perspectiva, o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* não se resume a documentar a carreira política de José Sarney; Palmério Dória concede à narrativa tratamento distinto daquele presente nos textos noticiosos publicados nos periódicos regulares. Quer dizer, o autor não se limita à enumeração de fatos recenseados por um repórter, mas busca conferir a sua narração uma fruição distinta aos textos publicados nos jornais, como se observasse o desenrolar dos acontecimentos políticos de um lugar privilegiado que lhe permitisse descrever os passos, a intimidade e os pensamentos das personagens que transitam nos bastidores do poder público nacional. No caso de *Honoráveis Bandidos*, o livro denota diferentes estratégias textuais, desde a própria narração de cenas satirizando os bastidores da política até a exploração de técnicas narrativas como, por exemplo, a citação, a apuração dos fatos, o comentário, a descrição detalhada dos cenários, a ironia e a anedota.

Ao revisitarmos a história da imprensa no século XIX, percebemos que o texto noticioso e o literário foram frequentemente publicados em um mesmo suporte. O pesquisador Afrânio Coutinho (1968) rememora que o jornalismo oitocentista cumpria, por vezes, o papel de revista literária, publicando contos e folhetins em periódicos, enquanto que escritores literários viam nos periódicos jornalísticos uma atividade lucrativa para sua subsistência. Entre os escritores brasileiros que atuaram na imprensa nos últimos dois séculos, destacamos os autores Machado de Assis (1839-1908), Clarice Lispector (1920-1977) e Jorge Amado (1912-2001).

Deste modo para Coutinho (1968), desde o surgimento da imprensa, o jornalismo impresso constitui veículo do pensamento social e político, valendo-se de um aspecto ensaístico e panfletário; “o próprio noticiário, por sua vez, em mãos de literatos, sem ter a estética como objetivo principal, ganha um tom harmônico que se avizinha, muitas vezes, da crônica” (COUTINHO, 1968, p.92-93), podendo também ser escrito como uma sátira autêntica dos acontecimentos contemporâneos.

Além da já mencionada proximidade entre o jornalismo e a literatura, publicados em um mesmo suporte periódico e impresso periódico, o pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2009) aponta na década de 1950, a ascensão da grande-reportagem, inspirada em estratégias da narrativa literária. Os jornalistas se serviram de tais recursos tanto para contextualizar os fatos por eles narrados e conferir maior detalhamento ao texto, como também para dar ênfase às personagens, ressaltando aspectos físicos e psicológicos. Lima (2009) ainda esclarece que estas estratégias textuais foram relevantes para o surgimento do livro-reportagem, caracterizado pelo autor como subsistema do jornalismo. À medida que é engendrado o livro-reportagem neste contexto histórico, as reportagens publicadas no formato livresco ocupam posição de destaque no mercado editorial, principalmente no período brasileiro pós-redemocratização.

Embora o tema tenha sido objeto de importantes estudos de alguns pesquisadores, com destaque para o pesquisador Edvaldo Pereira Lima, ainda são poucos os estudiosos que realizaram uma análise detalhada de importantes livros-reportagem do mercado editorial. Como exemplo de pesquisas que contribuem para a elucidação do tema, mencionamos a pesquisa da jornalista e mestre em Letras Ariane Carla Pereira¹ (2006) que, a partir da análise do livro-reportagem *Rota 66*, do jornalista Caco Barcelos, contrapõe o discurso do jornalista-escritor com o discurso dos policiais sobre a morte de jovens na cidade de São Paulo; e a pesquisa de mestrado em Teorias Literárias de Sabrina Schneider² (2007) – intitulada *A ficcionalização do real no livro-reportagem Abusado: o dono do morro dona marta, de Caco Barcellos*, cujo objeto de estudo é o livro *Abusado*, também escrito por Caco Barcelos –, que utiliza como método de pesquisa a identificação de enunciados ficcionais no discurso jornalístico.

As pesquisas mencionadas nos inspiraram a lançar reflexões sobre uma importante obra que trata a política nacional contemporânea, o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*. A exiguidade de pesquisas sobre o tema nos motivou a realizar

¹ O artigo “Os discursos no discurso do livro-reportagem” da autora Ariane Carla Pereira foi publicado na Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia (Caligrama) da Universidade de São Paulo, no ano de 2006.

²Sabrina Schneider, mestre e doutora em Letras, área de concentração Teoria da Literatura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

um estudo descritivo e, a partir da obra analisada, contribuir para a compreensão do formato no sistema editorial. Para compreender as nuances do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, procuramos, nesta pesquisa, combinar uma metodologia analítica que seja capaz de decifrar a sua estrutura interna. Portanto, o referencial teórico contém elementos fundadores da narrativa jornalística, dos estudos literários e das Ciências Políticas. Além dos pesquisadores já mencionados nesta introdução, também compõem o referencial teórico Tom Wolfe, Nilson Lage, Antoine Compagnon e Roger Chartier.

Ao elegermos o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, de Palmério Dória, levamos em consideração tanto a importância histórica do seu protagonista quanto o sucesso comercial alcançado pela obra. O objetivo geral da pesquisa é analisar este livro-reportagem que mantém relação com as narrativas do periodismo regular e insere-se no sistema editorial mais amplo, fazendo valer de uma pesquisa jornalística aprofundada e de técnicas narrativas que lhe confere maleabilidade de tratamento. Desta perspectiva, pretendemos, nos objetivos específicos: (a) assinalar as ligações do livro-reportagem com o periodismo e o sistema editorial; (b) identificar as fontes utilizadas no livro-reportagem; (c) analisar os retratos das personagens apresentadas no decorrer da obra como honoráveis bandidos; (d) contribuir para a definição do formato livro-reportagem, a partir da análise de um dos seus exemplares mais significativos, tendo em vista a importância histórica do seu protagonista para a política nacional.

Ao tratarmos, no primeiro capítulo, das ligações do livro-reportagem com a imprensa e com o sistema editorial, observamos as especificidades de ambos os formatos, bem como os critérios de produção e recepção da reportagem apresentada em livro. Contextualizamos, nessa análise, a difusão da impressão gráfica, a permissão para imprimir no Brasil e a importância adquirida pelo livro-reportagem a partir do século XX. Esses apontamentos favorecem abordar os motivos que levam um jornalista a deslocar seu texto do periodismo regular para o mercado editorial, a tratar em suas páginas diversos temas, o que levou Lima (2009), em suas pesquisas, distinguir os livros-reportagem em categorias.

O segundo capítulo apresentamos Palmério Dória, o autor do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* e exploramos as fontes que compõem o livro-reportagem analisado. A narrativa do livro-reportagem começa a partir da eleição de José Sarney à

presidência do Senado em 2009. Entretanto, à medida que as cenas da eleição são apresentadas ao leitor, a narrativa é interrompida para compartilhar fragmentos dos “50 anos dedicados à vida pública” (argumento ostentado por José Sarney no dia em que ele foi eleito presidente do Senado). Com a narrativa, o livro-reportagem propõe compor “um retrato do Brasil na era Sarney” (subtítulo do livro).

O terceiro e último capítulo detalha o modo pelo qual o livro-reportagem em questão apresenta as personagens da obra e amplia a narrativa jornalística, fazendo uso de ironias, metáforas e anedotas. Por vezes, a narração das cenas cede espaço para as digressões, nas quais são traçados os retratos das personagens que são designadas, desde o título da obra, como honoráveis bandidos. Diante dos arranjos políticos de José Sarney, *Honoráveis Bandidos* anuncia para os leitores a descida ao inferno do protagonista, após denúncias contra a família Sarney, faz uma sátira da política nacional e destas personagens que, desde o início da redemocratização, tem logrado se perpetuar no poder.

CAPÍTULO 1- LIVRO-REPORTAGEM: FORMATO, CATEGORIAS E CONTEÚDO

O pesquisador da área de Ciências da Comunicação, Edvaldo Pereira Lima, apresentou o conceito de livro-reportagem no ano de 1993, quando escreveu o livro: *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Dada a falta de pesquisas e referências teóricas que conceituam o livro-reportagem, Lima (2009) o caracterizou como subsistema do jornalismo, tendo em vista tanto as características e princípios que regem o gênero jornalístico reportagem, como também o aspecto editorial desse veículo de comunicação não periódico, o qual é, habitualmente, publicado por jornalistas que ocupam a função de escritor.

Neste primeiro capítulo, propomos tratar das ligações do livro-reportagem com o sistema editorial, caracterizado por Lima (2009, p. 28) como sistema que “obedece às particularidades específicas da linguagem jornalística, facilmente identificáveis na linguagem que veicula, mas [que] naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento”. Para o autor, as características peculiares do livro-reportagem fazem com que este vá além do factual e consolide espaço no sistema editorial, preenchendo lacunas deixadas pela imprensa e diversificando as possibilidades das práticas jornalísticas.

Na seção inicial, “A impressão gráfica e o sistema editorial”, pretendemos tratar do modo pelo qual a impressão gráfica favoreceu a difusão dos livros e periódicos e demarcou textos jornalísticos publicados no formato de livro. A seção seguinte, “As relações do livro-reportagem com o sistema editorial e a imprensa”, aborda a reportagem publicada no formato livresco, a qual, por um lado, é influenciada pelas premissas do sistema editorial e, por outro lado, mantém vínculo com os agendamentos da imprensa. Na terceira seção, “As especificidades do livro-reportagem: subsistema jornalístico”, apresentamos o compilado das características do formato. A quarta seção aborda uma “Proposta de classificação para os livros-reportagens”, contendo as diferentes categorias propostas por Lima (2009) para classificar os livros-reportagem em função dos diversos temas que pode agendar e o tratamento narrativo dado pelo autor na escrita do livro.

1.1 A impressão gráfica, a difusão dos livros e dos periódicos

A difusão dos livros e dos periódicos impressos está intimamente relacionada com os avanços tecnológicos que possibilitaram a reprodução em série dos textos, a partir das inovações técnicas para imprimir em larga escala. Se antes da impressão por tipos móveis era preciso que o copista ou o autor transcrevesse o texto manualmente, caso desejasse reproduzi-lo, os artefatos móveis feitos de metal, no século XV, substituíram os suportes de pedras em argilas que reproduziam o texto em pergaminhos, permitindo que o mesmo texto fosse lido, transportado e distribuído pelo autor ou editor de diferentes modos.

Certamente os processos analógicos dessas transformações incidem sobre o suporte material sobre o qual os textos são escritos, o qual permite a leitura desses últimos. Seja apresentado em um pergaminho, encadernado o impresso ou disponibilizado digitalmente, a apresentação do texto em um suporte envolve a normatização de técnicas tipográficas e de editoração, que tanto estandardiza as impressões gráficas em grande escala, como também padroniza os arranjos em que os livros e periódicos são disponibilizados digitalmente.

Ao tratar, nesta seção, da difusão da impressão gráfica, pretendemos observar de que modo a impressão gráfica favoreceu a consolidação dos periódicos e da distribuição dos livros, constituindo o sistema editorial que opera na contemporaneidade. O livro-reportagem, objeto de pesquisa proposto nesta pesquisa, traz consigo as especificidades dos dois sistemas: por um lado, é caracterizado como subsistema jornalístico e se relaciona com as especificidades dos periódicos, por outro lado, está inserido no mercado editorial e se destaca na categoria “não ficção”.

Compõe essa seção um breve histórico da impressão gráfica, já que a instalação de impressoras móveis nos países americanos e europeus foi fundamental para difusão dos livros e periódicos. Segundo os pesquisadores Peter Burke e Asa Briggs (2006), enquanto impressoras foram instaladas em vários países no século XVI, registrando quatro impressoras funcionando na América do Norte, em 1680, no Brasil, os livros que aqui circulavam vieram de Portugal até 1808. Neste período, com a permissão para imprimir, foram fundados “jornais políticos e efêmeros como *O Marimbondo* (1822),

Bússola da Liberdade (1832), *O amigo dos Homens* (1844), *Marmota* (1844) e *O Esqueleto* (1846), todos no Recife” (BURKE; BRIGGS, 2006, p. 72).

Cabe salientar que, tão logo foram liberadas as impressões nos solos brasileiros, começaram a circular os primeiros jornais impressos. Com a modernização dos equipamentos e das tiragens, os jornais passaram a ser vendidos nas ruas a preços acessíveis; surgiram as primeiras bancas e predominaram nos periódicos os textos conservadores e folhetins. A chegada das impressas móveis a partir do segundo reinado (1840-1889) brasileiro também influenciou a produção e o acesso aos livros, com a fundação da Biblioteca Pública de Salvador e da Biblioteca Real no Rio de Janeiro, além da instalação de quatro livrarias na cidade do Rio de Janeiro, ambos eventos datando meados da década de 1810³.

Os diferentes pontos de percepção sobre a difusão do letramento, do sistema editorial e da mídia suscitam várias discussões acerca dos seus efeitos sociais, que inevitavelmente variam de acordo com a sociedade e o contexto cultural. Devido à proliferação dos periódicos e dos volumes de livro editados, antes de proceder aos avanços da impressão gráfica, inicialmente propomos salientar o caráter revolucionário que incide sobre o sistema editorial, do manuscrito à impressão gráfica.

1.1.1 O formato periódico e livresco a partir da impressão gráfica

As inovações que permitiram imprimir textos e imagens em larga escala tiveram impacto notório na difusão de livros e periódicos. Embora as novas técnicas de impressão tenham modificado o custo e o modo pelo qual os textos são distribuídos, o historiador Roger Chartier (1999a) considera inevitável continuidade entre a cultura do manuscrito e do impresso, sobretudo no modo como os livros são organizados, contrariando a perspectiva contundente de ruptura:

³³Informações disponíveis no artigo: “200 anos da Primeira Biblioteca Pública do Brasil: considerações histórico-biblioteconômicas acerca dessa efeméride” Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n2/a02v17n2.pdf>. Acesso em 24 Mar. 2018

Um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós Gutenberg baseiam nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como o outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Esses cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações, (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno. A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito. (CHARTIER, 1999a, p. 7-8).

Chamam a atenção, a partir dos avanços na impressão gráfica, os diferentes conteúdos que o livro apresenta: primeiramente, o livro de estudos – textos que, na Idade Média, eram conservados, formando grandes enciclopédias reunindo textos clássicos de diferentes assuntos e que ainda têm seu formato comercializado na contemporaneidade. Há também os livros em tamanho mediano, que são facilmente transportados em viagem; estes livros existiam desde o manuscrito, quando eram reproduzidos por copistas, e permanecem na atualidade sendo vendidos em livrarias para uso pessoal ou ficam disponíveis para consultas nas estantes das bibliotecas. O livro em pequeno formato, que cabia no bolso, trazia preces ou textos de entretenimento (anedotas e histórias ficcionais curtas).

Ainda somos herdeiros dos livros apresentados em diversos formatos, antes mesmo da impressão gráfica. Entretanto, independentemente do tempo, todos esses formatos em que o livro pode ser comercializado interferem no modo como ele é apresentado: as letras tipográficas (tamanho, traçado etc.) devem ser confortáveis para leitura, a qualidade do papel interfere no custo, na legibilidade das letras e na qualidade com que as imagens são apresentadas.

O pesquisador Emanuel Araújo (2000) assinala ainda na contemporaneidade as páginas dos livros sendo colocadas com as mesmas margens dos livros manuscritos na Idade Média e os tipógrafos concedendo na leitura a mesma familiaridade das páginas. O acabamento – o modo pelo qual o livro é encadernado e pelo qual são fixadas as suas páginas em um mesmo volume –, embora tenha se sofisticado com os avanços tecnológicos utilizados para imprimir, sempre incidiu no custo de produção, que previa formatos vendidos por preços variáveis à qualidade do suporte. Manteve-se a organização do livro, do manuscrito ao livro impresso e digital, mas a tecnologia

possibilitou melhores resoluções das imagens e da própria leitura das inscrições tipográficas, além do acesso remoto a vários títulos.

Deste modo, Roger Chartier (1999a) assegura que, embora permaneça, do manuscrito ao impresso, a estrutura o livro organizado pelo códex, o sumário e as páginas encadernadas, o mesmo não ocorre ao pensar nos diferentes gestos que condicionam a leitura dos pergaminhos até a leitura do impresso ou, ainda, no suporte digital. Se antes o leitor mobilizava as duas mãos para segurar o pergaminho, impedido de sublinhar o texto ou escrever ao mesmo tempo em que manuseava o rolo, o livro impresso permite ao leitor sublinhá-lo e escrever em suas bordas.

As obras impressas produzidas a preços acessíveis influíram na difusão da leitura; os equipamentos digitais, por sua vez, permitem ao leitor consultar outras obras sobre o mesmo tema, favorecendo o surgimento de leituras fragmentadas e hipertextuais. Tratando-se do jornal impresso, o pesquisador Nilson Lage (1981) propõe que o formato do jornal impresso é fundamental para entendermos o que ele representa culturalmente. O pesquisador assinala que, mesmo que não dominemos o idioma no qual um impresso foi escrito, basta avistarmos um feixe de folhas de papel dispostos em cadernos, com textos arranjados nas páginas em várias colunas, acompanhados de títulos com padrões tipográficos diferentes do corpo do texto e imagens em destaque, para termos a percepção visual de que aquele impresso veicula notícias relevantes para o leitor do material. Se, por certo, há diferenças entre os periódicos impressos, percebe-se que:

Cada detalhe nos remete a uma categorização: o modo como se distribuem os elementos gráficos (a paginação ou projeto gráfico) relaciona-se com escolas e correntes de arte, de modo que alguns jornais se enquadram no design industrial despojado e outros lembram a organicidade flamejante do artnouveau. Certos elementos constantes têm valor particular, porque significam o compromisso com o passado comum à indústria dos jornais: a forma retangular e o tamanho incômodo dos veículos standard, que nos obriga a abrir os braços para virar as páginas, asseguram às novidades do dia-a-dia a confiabilidade da tradição. (LAGE, 1981, p.6).

Assim como os livros, as técnicas de impressão gráfica, paginação e disposição de conteúdo de um periódico influem na recepção de quem o lê, dada familiaridade em relação a outros periódicos. As impressoras móveis foram fundamentais para a produção dos periódicos em grande escala e as práticas capitalistas asseguram a necessidade

constante de se manter informado sobre o mercado, além de propiciar o surgimento das empresas de comunicação. Assim sendo, já no século XIX, Chartier pontua que, “quando o jornal adquire um grande formato e uma distribuição ampla, quando ele é vendido na rua a cada número [...] [ocorre] uma atitude mais livre: o jornal é carregado, dobrado, rasgado, lido por muitos” (CHARTIER, 1999a, p. 82).

Em vista dos movimentos que permitiram a reprodução dos textos em diferentes suportes, percebemos que a impressão gráfica modificou não somente os gestos dos leitores, mas também o papel do editor e do autor de livros e periódicos. No entanto, foi somente no século XVIII que surgiram os primeiros escritores dispostos a viver da produção autoral de livros. A produção estandardizada acompanhou as necessidades sociais em cada época, mas se consolidou devido à propagação dos ideais iluministas e as práticas capitalista e mercadológica. É imprescindível observar o contexto político e social que envolve a difusão da imprensa e as publicações editoriais, já que as especificidades interferem na comunidade jornalística e no mercado editorial, até os dias atuais, e se articula com a produção do livro-reportagem.

1.1.2 O contexto político e social da impressão gráfica

Segundo Burke e Brigs (2006, p. 21), “os debates na mídia na segunda metade do século XX estimularam a reavaliação, tanto da impressão gráfica como de todas as outras tecnologias que foram tratadas como maravilhas”. Em síntese, os dois pesquisadores contrapõem a noção de tecnologias inovadoras que substituem um suporte, em benefício da noção de mídias que interatuam em um mesmo meio, de modo que os manuscritos continuam tendo relativa importância frente aos livros impressos, que permanecem circulando em tempos de mídias digitais. Os pesquisadores propõem um sistema em que cada meio tem sua relativa importância de difusão.

Neste aspecto, Burke e Brigs (2006) se dedicam a observar a implicação das representatividades textuais que perpassam a história não exclusivamente com efeitos culturais e tecnológicos, mas, sobretudo, com consequências políticas, sociais e econômicas. Os pesquisadores assinalam que, até o século XVIII, a informação escrita era valorizada para finalidades científicas e políticas nas cortes europeias e entre raras

comunidades letradas. A divulgação da informação impressa só se destaca popularmente a partir do século XIX, devido às impressoras gráficas, bem como às práticas capitalistas, a urbanização e o desenvolvimento industrial e comercial, que interferiram nas noções de produtividade e na urgência de manter os comerciantes e empresas informados sobre as demandas do mercado.

Com as ferrovias favorecendo o tráfego dos periódicos nas cidades do interior, os impressos passaram a circular por todo território nacional e a ser vendidos nas esquinas das grandes cidades. A redução dos custos para imprimir e dos impostos sobre produtos impressos propiciou as impressões em grande escala em toda Europa:

É de importância estratégica na história da mídia britânica a maneira como diversos jornais e vários segmentos da população viram a abolição dos impostos sobre impressão e papel – e sobre a propaganda. Os impostos de consumo sobre papel, criados no reinado da rainha Ana, foram considerados por radicais como “taxas sobre conhecimento”, e a sua revogação foi saudada pelo *Morning Star* como “um dia de festa em todos os calendários ingleses”. Para o *Daily Telegraph*, era de importância fundamental que a produção de papel fosse dali por diante “governada exclusivamente por regras comerciais”. Não seriam somente os jornais que se beneficiariam da revogação dos impostos. “Toda a classe de literatura também teria proveitos – Shakespeare, Milton e Shelley”, assim como a “literatura de ferrovia disponível nos jornaleiros de W.H. Smith”. Para o *Daily Telegraph*, a revogação abriu aos escritores “um campo consideravelmente extenso para uma atividade de gênio e de talento como jamais eles haviam desfrutado. (BURKE; BRIGS, 2006, p. 195).

Deste modo, caracteriza a difusão do impresso a partir do século XIX, além da redução dos custos para imprimir, os jornais apresentando temas variáveis em suas páginas e a proximidade da linguagem escrita dos periódicos com a oralidade. Como era limitado o acesso das pessoas à leitura, Burke e Brigs (2006) ressaltam que a oralidade facilitava aos compradores a transmissão e encenação dos textos para aqueles que não tinham as competências necessárias para decifrar as inscrições textuais. Neste aspecto, revelam-se as questões sociais que envolvem a difusão de livros e periódicos na sociedade oitocentista.

Segundo Burke e Brigs (2006), em 1850, mesmo com a circulação dos impressos, metade dos adultos europeus não sabia ler. Já no Brasil, em 1890, 90% da população brasileira era analfabeta. Em países como Cuba, no final do século XIX, trabalhadores de empresas de fumo se associavam para pagar o salário de um colega que, em vez de

produzir, lia em voz alta e mantinha a todos informados. As proximidades entre o texto literário e o texto jornalístico em um mesmo suporte periódico era comum na imprensa brasileira oitocentista e contribuiu para o letramento e o acesso à cultura até o início do século XX. Como afirmam os historiadores:

A imprensa ajudou a padronizar e a fixar as linguagens vernáculas anteriormente fluidas – especialmente nas formas escritas –, a fim de vender livros fora de uma região. [...]O Brasil também tinha seus folhetos de cordel, do final do século XIX ao final do século XX: esses folhetos eram textos curtos, na faixa de oito a 32 páginas, impressos com número reduzido com prelos manuais, com estabelecimentos de pequeno porte, num estilo mais amadorístico que profissional (por exemplo, os tipos de letra poderiam mudar de uma para outra página). Havia, muitas vezes, uma ilustração em xilogravura na capa, substituída nos anos mais recentes por fotografias coloridas. Os textos eram tradicionalmente divididos em gêneros, tais como profecias, romances de sofrimento e folhetos de valentia, associados a figuras de heróis que iam de cavaleiros medievais até cangaceiros modernos, notadamente Lampião (BURKE; BRIGGS, 2006, p.73-74).

A produção de jornais entretendo e agendando temas que interferem na opinião pública, circulando nas ruas das cidades e vilarejos e sendo lidos em voz alta por aqueles que dominavam a leitura, tanto chamou a atenção dos empresários que viram nos periódicos uma forma de interferir nos gostos e hábitos de consumo da população, e também do governo, que notou o conteúdo dos livros e periódicos interferindo na satisfação e inquietação das massas populares.

No Brasil, a imprensa regular favoreceu não apenas o reinado a publicar temas do seu interesse, no início do século XIX, como também o jornalismo panfletário a publicar temas contrários à monarquia, tais como a abolição da escravatura e os ideais republicanos. Escritores e jornalistas passaram a ter seus escritos observados de perto por censores governamentais para evitar a publicação de textos contrariando interesses religiosos e criticando o governo. Entretanto, os denominados pasquins – jornais independentes dos interesses governamentais – perderam força no final do mesmo século, sucumbindo às pressões governamentais e comerciais e consolidando o seu caráter efêmero, conforme observam Burke e Briggs (2006).

Para Nelson Werneck Sodré (1999) o governo e o mercado tanto interferem nos temas agendados socialmente, como o autor assinala também, no início do século XX, o surgimento dos primeiros conglomerados de comunicação norte-americanos, mesclando

nas páginas dos periódicos desde cobertura de guerras até a exploração de crimes e histórias sensacionalistas e histórias ficcionais curtas. Em vista desse contexto, a sociedade estruturou uma

[...] força da engrenagem que se compõe de agências de notícias, agências de publicidade e cadeias de jornais e revistas, (com) sua influência política, sua capacidade de modificar a opinião, de criar e manter mitos ou de destruir esperanças e combater aspirações. (SODRÉ, 1999, p. 5-6).

No final do século XIX, seguindo, ainda que tardiamente, as influências do jornalismo europeu e norte-americano, o Brasil, já na primeira fase da república (1889-1930), passa a incorporar um processo de produção estandardizado com textos jornalísticos mais breves e informativos, elementos gráficos e a redução de espaços nos periódicos destinados aos gêneros ficcionais. No século XX, consolidaram-se na imprensa tradicional textos com teor mais conservador, pouco opinativo e ideológico; além disso, foram aumentadas as inserções publicitárias, refletindo implicações econômicas e políticas. Desde o seu surgimento, os periódicos sempre evidenciaram suas possibilidades ambivalentes: fossem emancipadoras, transgressoras de uma ordem, ou garantidoras da obediência às regras e ao poder instituído, ela consagrava o que seriam leituras edificantes e o que deveria ser censurado.

A comunidade jornalística brasileira continuou a lidar com os riscos do ofício, ainda no século XX. Chamava a atenção os episódios em que os censores fechavam as redações jornalísticas e os escritores viam seus livros queimados em praça pública, como aconteceu com as obras do escritor e jornalista Jorge Amado, em Salvador, durante o governo Vargas:

Não era um incêndio comum, mas a queima de 1.827 livros considerados “propagandistas do credo vermelho”, como eram chamados pelos militares que, nos dias anteriores, tinham percorrido as livrarias da cidade e apreendido quantos exemplares encontraram. Entre os livros que viraram cinzas naquela tórrida tarde primaveril em Salvador, 1.694 – mais de 90% – eram de autoria de um jovem jornalista e escritor baiano: Jorge Amado. (RAMOS, 2012, s/p).⁴

⁴ Matéria publicada no jornal Correio 24hrs. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

Até os jornais que atendiam os interesses do governo sofreram com a censura instalada nas redações no período Vargas (1930-1945). Durante o regime militar (1964-1985), o Ato Institucional nº 5 (AI-5), no ano de 1968, deu ao governo o direito de suspender os direitos políticos de qualquer cidadão ou membro do legislativo, proibiu manifestações e aplicou censura prévia à imprensa e às manifestações culturais. Por vezes, esses regimes ditatoriais favoreceram a concentração de editoras e conglomerados de comunicação nas mãos de poucos, ou seja, a imprensa ligada aos grupos políticos durante o século XX.

Mesmo depois da redemocratização brasileira e da Constituição Federal (1988), ainda prevalece na imprensa contemporânea a empresa jornalística predominantemente massificada e caracterizada pela informação diminuta e por esparsos textos opinativos. Isso faz Nelson Werneck Sodré (1999, p. 1) pontuar que, “por muitas razões fáceis de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. O autor acrescenta ao contexto brasileiro os ditames institucionais e comerciais, a imprensa amordaçada por censores políticos e econômicos e a dependência da lógica do mercado em que as publicações até hoje estão inseridas.

Esse cenário denota a perspectiva, proposta por Lima (2009), do jornalista que, tendo algo a dizer, vai fazê-lo distante da “superficialidade e do extremo oportunismo com que se apresenta o trabalho da imprensa cotidiana” (LIMA, 2009, p.32). Para a comunidade jornalística subsiste a imagem do trabalho jornalístico limitado pelas amarras políticas e pelo interesse dos proprietários das empresas de comunicação. No próximo item, será abordada as implicações do contexto aqui tratado na motivação do jornalista em publicar um livro-reportagem, ainda durante a ditadura.

1.1.3 O jornal livro e o livro-reportagem durante o regime militar

A censura limitou a difusão dos livros e periódicos, desde o Primeiro Reinado Brasileiro até a instalação da Nova República e do estado democrático vigente. Em todas as épocas, os jornalistas e artistas de diversos segmentos permaneceram com o desejo de exercer o ofício com liberdade, sem preocupar com a censura. Ilustram esta assertiva as palavras de Millôr Fernandes durante o regime militar, na peça de teatro

Liberdade, liberdade: “Não tenho procurado outra coisa na vida senão ser livre. Livre das pressões terríveis da vida econômica, das pressões terríveis dos conflitos humanos, livre para o exercício total da vida física e mental. Livre das ideias (sic) feitas e mastigadas” (FERNANDES e RANGEL, 1977, p. 13).

Millôr Fernandes, assim como outros jornalistas, se afastou da grande mídia em pleno regime militar para escrever no impresso *O pasquim*, importante veículo da contracultura e da resistência política na década de 1960. Se, por um lado, a ditadura irrompe processos comunicacionais e culturais, ela também ressalta a efervescência ideológica de favorecer o direito à voz, à livre opinião e às performances culturais (música, teatro, literatura, etc.) apresentadas em diferentes suportes.

Neste período de censura e intolerância à liberdade jornalística e cultural, encontramos no Brasil a circulação de conteúdos jornalísticos e literários em suportes distintos aos formatos periódico e livresco, respectivamente. Ao revistar a imprensa alternativa brasileira durante o regime militar, o pesquisador Bernardo Kucinski (2001) relata tanto a publicação de livros literários no formato de jornal (jornalivro), como a publicação de reportagens no formato livresco (Coleção Exta-Realidade).

O *jornalivro* propiciou a reimpressão de livros literários de domínio público em formato tabloide, vendidos em papel de imprensa com baixo custo de produção e preços mais acessíveis aos leitores, a partir de 1971. Concomitantemente ao evento, a equipe de redatores da *Revista Realidade* (1966-1976) publicou uma coleção de livros-reportagem denominada *Exta-Realidade Brasileira*, que circulou até 1977.

Entre os livros-reportagens lançados pela *Extra-Realidade*, destaca-se a obra *O ópio do povo* (1976). Ele aborda como os interesses políticos e comerciais da Rede Globo de Televisão favoreceu o regime militar e comprometeu a idoneidade da prática jornalística nos anos de 1960-1970. O livro compara a então maior emissora do país a Hollywood, com produções na teledramaturgia de alto custo mobilizando a audiência de todo país. Caracteriza emissora carioca como força desarmada por sua capacidade de agendar temas em seu noticiário ou desviar com entretenimento a atenção das massas populares para as questões políticas.

Portanto, tanto o jornalivro como os livro-reportagens publicados pela *Exta-Realidade Brasileira* representam o trânsito entre os suportes físicos editorial e

periódico no Brasil durante a década de 1970. De certo modo, essas tendências textuais do livro-reportagem remontam estruturas textuais de tempos anteriores. No início do século XX, surgem as chamadas grande-reportagens, que tratavam de temas e personagens com mais profundidade e consagravam o estilo autoral de alguns repórteres. Frequentemente, as publicações eram fragmentadas em várias edições dos periódicos dominicais, durante semanas e até meses.

Sobre o gênero jornalístico grande-reportagem, observamos que o termo vai além da extensão do texto. Tom Wolfe (2005) revela que alguns repórteres eram considerados especiais na imprensa estadunidense de 1950 pela capacidade de ir além do “furo jornalístico” e escrever reportagens que traziam nos textos cenas inteiras, diálogos e descrição minuciosa das personagens e cenários. No Brasil, essas reportagens eram apresentadas em suplementos dominicais, na Revista Cruzeiro (1930) e na Revista Realidade (1960). A série de livros-reportagem apresentadas pela Revista Realidade na década de 1970 possui o mesmo estilo da grande-reportagem, mas o texto é apresentado para os leitores em formato livresco.

No que concerne à apresentação de um texto impresso em diferentes formatos, é imperativo que, mais do que movimentos de conteúdos apresentados em suporte periódico ou em livro, estes eventos também carreguem implicações econômicas e socioculturais com profundo impacto sobre as práticas leitoras. De um lado, temos os custos do jornal livro, que é mais acessível às massas populares no formato tabloide do que outros livros e permite que os textos sejam transportados e dobrados pelos leitores durante a leitura, como acontece com o jornal. De outro lado, temos a reportagem apresentada em livro, o formato que implica historicamente a autoridade detentora do saber entre suas mãos, como argumenta Roger Chartier (1999b). Neste aspecto, o historiador assinala que, desde o seu surgimento, o livro tenciona estabelecer uma ordem, seja esta “a ordem de sua decifração, a ordem no interior do qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação” (CHARTIER, 1999b, p. 8). Na próxima seção serão relacionados esses três pressupostos do sistema editorial ao livro-reportagem, tendo em vista que ele constitui um veículo de comunicação não periódico inserido no mercado livresco.

1.2. As relações do livro-reportagem com o sistema editorial e a imprensa

Como foi visto acima, a autoridade do livro relaciona-se a três princípios: o que possibilita a decifração dos textos pelos leitores, o que propicia a compreensão da obra e, ainda, quem permite a publicação de um registro escrito.

Tratando-se da decifração de um livro, primeiro pressuposto, o acesso é o ponto chave das transformações sociais relacionadas à imprensa e ao mercado editorial. Conforme visto na seção anterior, a impressão gráfica favoreceu a difusão de livros e periódicos em grande escala nos centros urbanos. A escolarização também teve impacto nos índices de analfabetismo e favoreceu a decodificação dos textos a partir do século XX. Consequentemente, nessa linha temporal, os livros didáticos, as bibliotecas, as livrarias, as bancas de periódicos e a tecnologia a serviço das informações, o surgimento de canais de comunicação multimídias, interferiram na comunicação e no tráfego dos conteúdos, caracterizando novas possibilidades comunicacionais.

A decifração de um livro-reportagem mantém relação com as possibilidades de acesso ampliadas pelas habilidades leitoras, mas também se articula com as linhas de interesse do público leitor por temas que se vinculam com a realidade. O livro-reportagem *Abusado* (2004), de Caco Barcelos, por exemplo, retrata a vida de Juliano VP, o líder do tráfico do Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro, mas, diferentemente dos agendamentos midiáticos sobre o traficante, o livro concede à narrativa uma conotação mais humana. O livro-reportagem também pode resgatar uma personagem histórica, a exemplo de *Olga* (1993), de Fernando Morais, que trata de temas de domínio público como, por exemplo, o nazismo e o governo de Getúlio Vargas, mas revela bastidores desconhecidos pelos leitores. Em ambos os casos, o acesso a outros conteúdos e conhecimentos favorecem o leitor a se interessar, decifrar e interfere na compreensão da obra.

Em se tratando do trânsito entre os formatos periódicos e o livro, “é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor” (CHARTIER, 1991, p. 182). A partir desta menção, tratamos

também o segundo pressuposto de Chartier: a compreensão de um texto. O texto apresentado em livro-reportagem tem seu conteúdo relacionado à apuração jornalística, mas o leitor sabe que está lidando com um texto mais denso do que habitualmente lê no noticiário. Portanto, a forma de apresentação de um texto interfere no seu sentido, já que os livros não são lidos de forma homogênea, variando de acordo com a comunidade de leitores, com as expectativas, com os gestos e hábitos que as práticas leitoras podem conter.

Dessa assertiva decorrem as observações centrais deste capítulo: compreender que a reportagem apresentada em livro traz implicações que conferem novos gestos às práticas jornalísticas e leitoras. No que se refere ao jornalista investido na posição de escritor, há o ímpeto de que as páginas do livro-reportagem permitam usufruir de dada liberdade que não lhe foi concedida na imprensa regular. Em se tratando do leitor de um livro-reportagem, subsiste o desejo de obter na leitura do livro os detalhes que não encontrou na imprensa regular.

Os textos publicados em diferentes suportes interferem nos critérios de recepção do leitor, como ressalta Chartier:

A diferença pode decorrer de uma decisão do editor, que, em uma era de complementaridade, de compatibilidade ou de concorrência de suportes, pode visar com isso diferentes públicos e diferentes leituras. A diferença pode estar ligada, mais fundamentalmente, ao efeito significativo produzido pela forma. Um romance de Balzac pode ser diferente, sem que uma linha do texto tenha mudado, caso ele seja publicado em um folhetim, em um livro para os gabinetes de leitura, ou junto com outros romances, incluído em um volume de obras completas (CHARTIER, 1999a, p. 138).

De certo modo, a coexistência desses formatos não incide sobre uma teoria de substituição de um suporte pelo outro, mas representa novos espaços e possibilidades de leitura que, para o historiador, são acompanhados de novos hábitos que estão sempre permeados por gestos, que se dispõem no ato de ler. A centralidade do leitor neste processo em que textos são apresentados em diferentes formas, permite-nos refletir sobre o seu papel ativo. Em contrapartida, também devemos refletir sobre as mudanças no mercado editorial e as escolhas feitas pelos autores de disponibilizar seus textos em diferentes suportes (impressos e virtuais), mantendo relação mais próxima com os leitores.

Por fim, tratamos o terceiro pressuposto que se relaciona a autoridade de quem permite ou encomenda uma publicação, seja ela periódica ou em livro. Por diversas vezes, como mencionado na seção anterior, os livros só circulavam nos reinos mediante autorização com selo real e mesmo após a proclamação da república, periódicos e livros foram queimados em praça pública por representar ameaças ao poder vigente. Várias redações jornalísticas também foram fechadas, periódicos foram retirados de circulação e jornalistas foram exilados e mortos. As limitações decorrentes da autoridade que permite ou encomenda um livro-reportagem será tratada no primeiro item desta seção, que aborda o ímpeto por liberdade que motiva um jornalista a publicar um livro-reportagem.

1.2.1 O desejo por liberdade jornalística

As circunstâncias que motivam os jornalistas a publicarem reportagens em um formato emancipado do periodismo decorre do breve contexto histórico já tratado neste capítulo: por um lado, as publicações jornalísticas estandardizadas na imprensa regular são fortemente influenciadas pelo mercado; por outro, o governo intervindo com censores, desde a imprensa oitocentista e durante o regime militar, limita a atividade jornalística.

Ainda que, na contemporaneidade, o jornalismo esteja inserido no contexto democrático, foi constituído outro grilhão econômico com as inserções publicitárias governamentais e, principalmente, privadas, que são responsáveis por importante fatia do faturamento dos veículos de comunicação. A destinação de verbas públicas para publicidade concentra-se na maior parte em poucos grupos midiáticos que, embora minoritários, representam conglomerados de comunicação ligados aos políticos e empresários de diversos setores.

Dessa forma, perdura a assertiva do jornalismo surgindo como engrenagem da estrutura capitalista e industrial. Ademais, essa lógica da informação com o elemento mercadológico incide na prática do jornalista, que “mantém, às vezes, a ilusão de dominar o fluxo dos acontecimentos apenas porque os contempla, sob a forma de

notícias, na batida mecânica e constante dos teletipos (ou, mais recentemente, o cidadão que os vigia na tela do browser ligado à Internet)” (LAGE, 1981, p. 19).

A estrutura do texto jornalístico limitado a técnicas padronizadas de apuração e redação da notícia acompanham as práticas mecanizadas do mercado tecnocêntrico. Sobre um véu de discurso imparcial, com textos curtos que se restringem a apresentar a novidade, os agendamentos da imprensa são feitos frequentemente a partir de limitadas demandas de consumo que encadeiam hábitos populares, gostos e definem o que é socialmente aprazível e desprezível. O desejo de vários jornalistas em apresentar um trabalho mais autoral, quando se dispõem a escrever um livro, é também percebido na explanação do jornalista Felipe Pena sobre o livro-reportagem:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação [...]. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

Percebemos, nas palavras de Pena (2006), a necessidade do jornalista que se propõe a redigir um livro-reportagem, realizar um trabalho que lhe possibilite ir além do factual e instantâneo, uma vez que a notícia diminuta é feita amplamente nos portais de notícia em tempo real. O jornalismo apresentado em livro aponta para o perene, já que “a superficialidade é uma condição que pode e deve ser combatida, sempre que possível”, como afirma Lima (2009, p. 41), alinhado com a perspectiva do livro-reportagem feita anteriormente por Pena (2006).

Por vezes, tentado fugir do protótipo mercadológico, o jornalista vai buscar um modo de exercer o seu ofício de modo independente as empresas jornalísticas. Foi assim que surgiram os pasquins na imprensa oitocentista, entre eles *O Marimbondo*, já mencionado neste capítulo, que defendeu iniciativas revolucionárias durante o primeiro reinado. Entretanto, a maioria dos periódicos independentes circulou brevemente, por conta da censura. Se, na atualidade, o ciberespaço permite uma infinidade de posicionamentos, o texto jornalístico digital independente tem um alcance de audiência limitado, quando comparado a outras mídias, principalmente se o nome do jornalista for desconhecido da grande imprensa.

O propósito de se desvencilhar da superficialidade dos relatos e do patronato próprios da mídia convencional anima jornalistas a apresentar reportagens no formato livresco, e por vezes, o livro-reportagem faz parte, desde o princípio, de um projeto de publicação em formato livresco. Este é o caso da obra *A candidata que virou picolé*⁵ e *O príncipe da Privatária*, outros livros-reportagem do jornalista Palmério Dória, também autor de *Honoráveis Bandidos*. Ambos os livros partem do interesse do autor pelo modo de consolidação do poder político nacional e, ainda que tratem personagens conhecidas do noticiário (José Sarney, Fernando Henrique Cardoso, Michel Temer, Renan Calheiros etc.), as obras foram projetadas desde o princípio para serem lidas no formato livresco.

O livro-reportagem *A candidata que virou picolé* trata das tentativas de Roseana Sarney se candidatar à presidência da República e teve suas vendas limitadas nas bancas e livrarias de São Luiz, no Maranhão. De acordo com Dória (2015), a família não tomou nenhuma medida cautelar contra o autor, mas comprou todos os exemplares disponíveis à venda na capital maranhense. Trata-se de um outro dispositivo para retirar o livro de circulação, embora a atual disseminação de livros na internet tenha dificultado as tentativas de impedir a publicação do livro.

Em se tratando da liberdade experimentada pelo jornalista que apresenta a reportagem em livro, é imprescindível pensar que a obra também mantém vínculos com a imprensa regular, por se tratar de um texto jornalístico. Os livros-reportagem publicados pela *Exta-Realidade Brasileira*, por exemplo, faz referência ao título do periódico *Realidade*, que circulou no Brasil como símbolo da contracultura por dez anos. Propomos examinar, no próximo item, os diferentes vínculos que o livro-reportagem pode vir a ter com a imprensa regular.

1.2.2 Os agendamentos do livro-reportagem com a imprensa regular

Em suas pesquisas, Lima (2009) personificou o autor de um livro-reportagem como um jornalista que opta por exercer o seu ofício distante do oportunismo

⁵ DÓRIA, Palmério. *A candidata que virou picolé*. Casa Amarela: São Paulo, 2002.

mercadológico dos veículos de comunicação. No entanto, subsistem situações em que o livro-reportagem mantém vínculos variáveis com a imprensa regular.

Há casos que o livro-reportagem pode originar de uma série de reportagens já apresentadas na mídia. É isso o que acontece com o livro *Dossiê Brasília: os segredos dos presidentes* (2005), de Geneton Moraes, que traz os bastidores, retratos e a íntegra da entrevista concedida pelos quatro ex-presidentes do Brasil (José Sarney, Fernando Collor de Mello, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso) ao programa dominical na Rede Globo – Fantástico. Neste caso, o livro-reportagem se apresenta como uma extensão, em outro suporte, do conteúdo já exibido no noticiário. Além das entrevistas dos ex-presidentes, compõem o livro-reportagem a descrição das características físicas e psicológicas dos personagens, a recapitulação de momentos em que eles exerciam o cargo, o contexto que antecedeu a entrevista e a descrição do cenário onde os depoimentos foram concedidos. A capa do livro-reportagem apresenta o logotipo do programa Fantástico da Rede Globo. São poucos os livros-reportagens que fazem menção direta às coberturas apresentadas em um determinado programa televisivo e que as utilizam para validar o interesse dos leitores.

Com frequência persiste a relação entre os livros-reportagem e os agendamentos midiáticos, já que os primeiros abordam regularmente os temas já tratados na imprensa. Nos últimos anos, vários jornalistas lançaram livros que tratavam da Operação Lava Jato, tema recorrente nos noticiários⁶ impressos e televisivos. De acordo com o Boletim Manchetômetro⁷, a Operação Lava Jato foi o tema mais relevante apontado durante o mês de maio de 2017 pela imprensa. Tendo o mesmo tema em comum com os noticiários, alguns livro-reportagens sobre a Operação Lava Jato constituem um compilado do que já foi apresentado pela imprensa; outros conduzem a narrativa a partir de alguma personagem – como, por exemplo, Sérgio Moro⁸—ou alguma instituição envolvida – como, por exemplo, a Polícia Federal (PF).

⁶ Disponível em: http://www.manchetometro.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim-M_maio.pdf.

⁷O Manchetômetro é um site que faz acompanhamento mensal da grande mídia, vinculado a um grupo de pesquisa com registro no CNPQ e sem fins partidários.

⁸Sérgio Fernando Moro é juiz e ganhou notoriedade na imprensa julgando a operação Lava Jato.

Os livros-reportagem sobre a Lava Jato apresentam títulos que assumem a posição do autor sobre a operação como, por exemplo, *A Outra História Da Lava-Jato* (2015), com subtítulo “Uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia”, do jornalista Paulo Moreira Leite, ou *Lava Jato* (2016), com subtítulo “O juiz Sérgio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil, do jornalista Vladimir Netto”.

Ambos os livros-reportagens tratam do mesmo tema, mas encadeiam os fatos e os apresentam para o público com perspectivas divergentes, conforme anunciado e perceptível nos próprios títulos. O interesse por qualquer um dos títulos sobre a Lava Jato parte de uma inquietação comum: o detalhamento dos fatos, das entrevistas, bem como o ponto de vista compartilhado sobre um tema por uma comunidade de leitores, que já ouviu sobre o tema nos noticiários e nas redes sociais, o que, de certo modo, torna-os decifráveis e coincidentes às linhas de interesse do público.

O vínculo desses livros-reportagens com os agendamentos midiáticos interfere na sua publicação como veículo de comunicação e no interesse das editoras em publicá-los. Por se tratar de um subsistema do jornalismo, o livro-reportagem agenda temas e personagens que, por vezes, já são de conhecimento do leitor pela imprensa. Quando aborda assuntos já noticiados, como é o caso da Operação Lava Jato, há de se supor que o livro-reportagem atende também à expectativa de um leitor que, tendo um escopo relativo de informações sobre um assunto, deseja encontrar no livro algo que não encontrou nos periódicos. Lima (2009) considera que o livro-reportagem pode vir a prolongar o agendamento de um tema feito pela imprensa, mas pondera:

O fenômeno da periodicidade é carregado de ligação íntima com a atualidade. E ambos, a meu ver, possuem conexão com a natureza cíclica com que certos princípios e valores repetem ao longo do tempo. As repetições não acontecem com as mesmas características externas, sempre, a cada momento surgem sob uma nova luz, sob uma diferente particularidade [...]. Um certo interesse que a opinião pública brasileira teve pela revolução cubana nos anos de 1960, quando o ex-presidente Jânio Quadros condecorou Guevara, voltou no final da década seguinte quando Fernando Morais lançou seu pioneiro *A Ilha*, pela Alfega Omega, e outros jornalistas como Ignácio de Loyola Brandão, seguiram-lhe os passos com outros livros sobre Cuba. (LIMA, 2009, p. 47-48)

Os livros *A ilha, um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais, e *Clube de Fidel*, de Ignácio de Loyola, foram lançados, respectivamente, nos anos de 1976 e 1978, quando o Brasil ainda estava em plena ditadura. Cuba sofria o embargo americano e também controlava rigidamente o turismo internacional para a ilha. Mesmo com a censura, havia a curiosidade sobre o modo de vida dos cubanos vivendo isolados do mundo capitalista. Pouco antes do Golpe Militar, em 1964, a Revista Realidade publicou uma matéria sobre o país; entre essa matéria e o lançamento do livro *A Ilha*, os censores mantiveram por 16 anos o silêncio da imprensa sobre o local.

Morais (2010) acreditava que era improvável escrever sequer uma única reportagem sobre Cuba que fosse publicada: o repórter tentou intermediar com vários países o passaporte para a ilha e teve diversos pedidos negados. Só conseguiu o visto para a ilha quando foi fazer uma reportagem em Portugal, depois embarcou para Cuba, onde passou três meses. De volta ao Brasil, o jornalista passou por inúmeros momentos de tensões como, por exemplo, chegar no país com medo de ser preso pelo governo militar e a angústia de não saber se alguma empresa jornalística iria publicar a história:

Aí eu sentei e escrevi a matéria, com a proposta de ser publicada como uma série. Dei primeiro para o pessoal da redação ler, adoraram, deram uns pitacos[...] Daí seguiu para o patrão. O Evaldo a entregou ao Maksoud e ele a levou para casa para ler, porque era um tijolo, não sei quantas laudas. Era o livro! Tal como é hoje, datado. Um dia depois o Maksoud me chama (...)e me disse: “Muito bem apurado e muito bem escrito. Mas para publicar isso aqui você sabe o que vai ter que fazer? Comprar uma revista, porque na minha não publica!” (risos). “Mas, dr. Maksoud, o que houve?”. E ele: “Não!”. Eu precisava fazer alguma coisa, salvar a matéria, até porque havia uma razão adicional. A barra política tinha começado a pesar de novo (MORAIS, 2010, p. 7).

O Jornal da Tarde se negou veementemente a publicar a reportagem que o jornalista escreveu sobre Cuba. Os censores já sabiam da ida do jornalista a ilha governada por Fidel Castro. O risco era iminente e Morais (2010) viveu na pele a experiência do repórter que não encontra na imprensa espaço para apresentar seu trabalho. Então, o dono de uma editora pequena leu o exemplar e teve a coragem de publicar o livro em plena ditadura militar, o que causou grande alvoroço:

Fez uma tiragem de três mil exemplares, que foi toda vendida no lançamento no Sindicato dos Jornalistas [...]. A noite de autógrafos

começou às 6 ou 7h da noite e às duas da manhã eu ainda estava assinando autógrafo. Havia uma razão: Todo mundo suspeitava – o que acabou não acontecendo – que o livro ia ser proibido [...]. Era um tabu [a vida em Cuba], como a vida na Lua hoje. O que as pessoas comem, como elas vivem, se têm quatro ou cinco pernas (risos) (MORAIS, 2010, p. 8).

Aquela não era a primeira experiência do jornalista Fernando Morais em escrever um livro-reportagem. Em 1970, ele foi com um grupo de repórteres fazer a cobertura para o Jornal da Tarde sobre a Transamazônica, que lhe rendeu um texto de 20 páginas publicadas durante seis dias, em um caderno especial de quatro páginas, e o *Prêmio Esso de Reportagem*⁹ do ano. Depois surgiu a oportunidade de publicar um livro sobre o tema:

A Transamazônica não só deu uma grande visibilidade ao meu trabalho como apontou aquele que seria o meu rumo definitivo, o negócio de livro. O Caio Gracco [Editora Brasiliense] se encantou com a matéria e depois que ela ganhou o Esso, ligou e perguntou: “Vocês não querem publicar em livro?”. Dissemos: “Claro! Mas publicar reportagem em livro?”. Parecia um negócio assim tão despropositado [...]. Ele disse: “É!”. E publicou, com as fotos do Alfredinho. E como a matéria era muito pouco simpática ao projeto da Transamazônica, para ter um aval ele convidou para fazer o prefácio o Roberto Campos, que era de direita, embora estivesse meio de escanteio no Governo Médici por pendengas do sistema [...]. Para a época, o *Primeira Aventura na Transamazônica* vendeu bem, uns 20 mil livros. Mas está fora de catálogo. (MORAIS, 2010, p.9)

Se o livro-reportagem *A ilha, um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais, é um bom exemplo do trabalho de um jornalista que não encontra na imprensa espaço para tratar de um tema de modo diferente como ele vinha sendo apresentado nos jornais,¹⁰ o livro-reportagem *Primeira Aventura na Transamazônica* representou outra finalidade: apresentar em livro o compilado de reportagens que já foram apresentadas na imprensa, com acréscimos (detalhamento, bastidores e opinião dos autores) que não foram apresentados nos periódicos.

⁹ Criado em 1955, o Prêmio Esso de jornalismo foi uma iniciativa da empresa multinacional de manter proximidade com os veículos de comunicação e com os formadores de opinião, reconhecendo as coberturas jornalísticas que mais se destacavam na sociedade.

¹⁰ Segundo Morais (2006, p. 6), ele queria fazer reportagem sobre Cuba, porque “Desde o golpe de 64 só saíam aquelas matérias monumentais que o Estadão publicava aos domingos, compradas de agências internacionais. E era cacete, cacete, paredão, fuzilamento, tão morrendo de fome [...] um ódio profundo pela Revolução Cubana e eu tinha uma enorme curiosidade: “Que merda é essa? Uma coisa tão pertinho, um país tão parecido com o nosso, e não conseguimos saber nada?”.

Ambos os livros-reportagens escritos pelo autor apontam os vínculos distintos que um livro-reportagem pode ter com a imprensa. Entretanto, os dois títulos apresentam importantes eventos históricos. Tanto *Transamazônica* como *A Ilha* possibilitaram, à sua maneira, a incursão do leitor por cenários que lhe eram desconhecidos. Por um lado, *Transamazônica* abordou as dificuldades encontradas por trabalhadores braçais na floresta Amazônica, devido à falta de infraestrutura; por outro, *A Ilha* apresentou uma outra versão da vida socioeconômica dos cubanos, diferentemente dos textos depreciativos feitos pelas agências internacionais.

Nesta seção, podemos observar que, ainda que o livro-reportagem esteja inserido no sistema editorial e se destaque no mercado por suas vendas, ele se apresenta para os leitores como narrativa da realidade e os escritores têm por referência o fazer jornalístico. Entretanto, são variáveis as relações do livro-reportagem com a imprensa regular. Em primeiro lugar, ele pode apresentar como produto derivado de coberturas jornalísticas, como acontece com os livros-reportagem *O segredo dos ex-presidente e transamazônica*. Por conseguinte, ele pode tratar de temas recorrentes na imprensa regular, como os vários títulos sobre a Operação Lava Jato. Por fim, ele pode ser um projeto editorial emancipado e apresentado em livro, como é o caso de *A Ilha e Honoráveis Bandidos*.

A relação do livro-reportagem com temas da atualidade certamente contribuiu para o sucesso de vendas que certos títulos obtiveram no mercado editorial. Enquanto veículo de comunicação não periódico, a reportagem apresentada em um livro não substitui as outras possibilidades de comunicação social, sejam elas digitais (*hard news* ou blogs), impressas (notícias, reportagens e editoriais de periódicos) ou audiovisuais (noticiários televisivos e radiofônicos). Por outro lado, o fato destas outras mídias subsistirem intervém no conteúdo de um livro-reportagem e na sua recepção pelo público.

A partir das relações aqui tratadas que vinculam o livro-reportagem tanto ao mercado editorial quanto na imprensa, serão abordadas na próxima seção, as especificidades do livro-reportagem como subsistema jornalístico: os gestos que incidem na escrita por um jornalista que ocupa a função de escritor e na leitura da reportagem apresentada em livro.

1.3 As especificidades do livro-reportagem: subsistema jornalístico

Na seção anterior, constatamos que a autonomia do jornalista, que busca se expressar distante do oportunismo dos veículos de comunicação, é relativa, se considerarmos que o sistema editorial também tem as suas premissas e, por diversas vezes, os livros-reportagem permanecem vinculados aos agendamentos e temas da imprensa regular.

Ao apresentar o conteúdo jornalístico em outro formato (livro), este apropria-se das especificidades da modalidade, o formato, a estrutura e o suporte material constituído por cadernos com folhas enumeradas, o que faz com que o livro-reportagem se relacione com as dependências do mercado editorial, que tanto se interessa em produzir livros com baixos custos, vendidos por preços acessíveis e no formato digital, como também passa a se interessar por temáticas mais atraentes, com linguagem acessível e alimentando possibilidades de manejar produtos multimidiáticos derivados dos livros, como as adaptações audiovisuais. A pertinência desta análise pode também ser observada nas características do formato a contextura política e social.

Em vista dos aspectos teóricos já expostos, pretendemos definir o conceito do livro-reportagem como subsistema jornalístico e avaliar a pertinência de atribuir esse conceito ao livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*. Propomos, na terceira seção deste capítulo, avançar nas especificidades do livro-reportagem, tendo em vista não apenas as características do formato e o escritor que ocupa a função do jornalista, como também a comunidade leitora que optar por ler um dos seus exemplares.

1.3.1 Subsistema jornalístico

Vários livros-reportagem já se tornaram *best-sellers* no mercado editorial brasileiro como, por exemplo: *1968: o ano que não terminou: a aventura de uma geração* (1989), de Zuenir Ventura; *Rota 66: a história da polícia que mata* (1992), de

Caco Barcellos; *Estação Carandiru* (2000), de Dráuzio Varela; e *Honoráveis Bandidos* (2012), de Palmério Dória.

Em entrevista concedida à revista *Veja* (DÓRIA, 2017b) sobre o que lhe motivou a escrever *Honoráveis Bandidos* (2012), Palmério Dória revelou saber que Sarney estava preparando uma biografia autorizada, antes mesmo de escrever o livro-reportagem. O autor do livro foi, então, questionado pela revista se havia se adiantado e lançado uma biografia de Sarney antes de o senador lançar a biografia oficial. Dória negou veementemente que tivesse escrito uma biografia, dizendo que *Honoráveis Bandidos* “[...] ‘é uma reportagem, é só uma reportagem’, e ratificou sua afirmação quando, ao ser questionado sobre o modo pelo qual definiria seu livro, afirmou que ele era ‘um retrato da era Sarney’” (DÓRIA, 2017b).

Para o pesquisador Felipe Pena (2011), as biografias contemporâneas são escritas frequentemente por jornalistas que utilizam o mesmo referencial epistemológico das redações. Dois anos depois da publicação de *Honoráveis Bandidos*, a biografia intitulada *Sarney, a biografia* (2011) foi escrita por Regina Echeverria, jornalista atuante na imprensa desde 1972. Ambos os livros tratam da trajetória política de José Sarney, mencionam citações do noticiário e fazem entrevistas com pessoas que conviveram com José Sarney, embora cada um privilegie recortes específicos da trajetória de José Sarney. Por este aspecto, Dória enfatiza que escreveu uma reportagem restrita aos 50 anos de vida pública de José Sarney, encadeando no decorrer do livro as pessoas que compartilharam seu percurso político. Palmério Dória, Fernando Morais, entre outros jornalistas, fazem questão de ressaltar que sendo jornalista, sua atividade é primordialmente jornalística. Entretanto, eles apresentam suas reportagens jornalísticas no formato livresco e, no caso de Dória, enfatiza que o seu livro é escrito “com as ferramentas do melhor jornalismo, mas sem perder o bom humor” (DÓRIA, 2012, s/p).

Ao se manifestar sobre a sua obra, que apresenta uma reportagem no formato livresco, Palmério Dória posiciona de maneira similar a noção de livro-reportagem como subsistema jornalístico, proposta pelo pesquisador Edvaldo Pereira Lima. Embora reconheça que o livro inserido está no mercado editorial, Lima (2009) estabelece que seu vínculo fundamental é com a atividade jornalística, uma vez que o conteúdo

relaciona com as narrativas da realidade, tratando temas que de alguma maneira despertam o interesse público.

Para Lima (2009), os livros-reportagens podem se fazer valer da repercussão de um fato atual – como, por exemplo, os vários livros sobre a Operação Lava Jato publicados, desde 2016, pelos jornalistas Vladimir Netto, Paulo Moreira Leite e Joice Hasselmann – ou, ainda, podem buscar no passado as causas dos agendamentos sociais contemporâneos, como foi o caso da obra *Honoráveis Bandidos*.

Entretanto, poucas vezes o livro-reportagem incorpora somente o atual ou se limita a restituir apenas a história. Uma das exceções que se limitam a restituir fatos históricos é o exemplar *1968: o ano que não terminou: a aventura de uma geração* (1989), de Zuenir Ventura. O livro retrata, por meio de uma narrativa jornalística, o fatídico ano da ditadura militar (1968), duas décadas depois, com citações e referências aos acontecimentos que ali desenvolveram. Certamente, Ventura não teria conseguido publicar o referido título enquanto o país permanecia em regime ditatorial, o que trouxe à obra expressiva vendagem no início dos anos 1990.

Por outro lado, livros como o de Ventura (1989), publicado há mais de duas décadas atrás, tiveram diferentes significados desde o seu lançamento, como veremos no item a seguir, que trata do ato da leitura, que sempre exige uma atualização.

1.3.2 A leitura do livro-reportagem prevê uma atualização

A perenidade atribuível a um livro-reportagem se relaciona com a densidade de uma reportagem que, deslocada dos periódicos, perdura devido à forma ou suporte no qual o texto jornalístico passa a ser apresentado. Opera sobre o livro o estatuto, a tradição de transmitir saberes, a autoridade que este desempenha diante do periódico impresso que estaria fadado no dia seguinte a embrulhar o peixe na feira, conforme mencionado na seção anterior por Felipe Pena (2011).

Entretanto, não podemos ignorar os sentidos que o leitor concede ao livro em diferentes períodos que venha a ser lido, como ainda acontece na contemporaneidade com o livro-reportagem *1968: o ano que não terminou* (1989), de Zuenir Ventura.

Quase 30 anos após o lançamento deste exemplar no período de redemocratização, ele ainda é vendido nas livrarias, lido em bibliotecas ou em formatos digitais por aqueles que desejam saber mais sobre a ditadura militar. Certamente, o livro é mais acessível ao público do que os jornais lançados no final dos anos 1980, mesmo se considerarmos que alguns periódicos possivelmente estão digitalizados, enquanto que, de outros, já não resta tiragem alguma.

Todavia, é inevitável que os vários leitores que leram *1968: o ano que não terminou*, desde o seu lançamento até os dias atuais, estabeleçam diferentes significados sobre o compilado dos acontecimentos narrados na obra, tendo em vista os episódios políticos que se sucederam ao lançamento do livro como, por exemplo, a visão atual sobre algumas personagens que, tidas como heroínas na obra de Ventura, ocuparam em meados da década de 1990 e dos anos 2000 cargos públicos e hoje são investigadas por corrupção e improbidade.

A leitura presume uma atualização e não devem ser desconsiderados os sentidos concedidos ao texto pelo leitor. Independentemente do formato em que o texto é apresentado, o filósofo Pierre Lévy¹¹ assinala que o texto é virtual. Para o filósofo, “ao interpretar, ao dar sentido, ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações” (LÉVY, 1998, p. 35). A perenidade atribuída ao livro devido à cultura que os reúne em acervos e dispõe as obras em bibliotecas não limita os significados que o relato, a narrativa, possa vir a ter em uma linha temporal, sobretudo quando o conteúdo de um livro estabelece um vínculo com situações que continuam a se desenrolar. Isso torna recorrente o vínculo do livro-reportagem com os acontecimentos cotidianos e com a subjetividade do leitor que venha a ler em diferentes períodos temporais.

A legibilidade da leitura, que prevê uma atualização, rompe com as noções de leitura fechada, que ignora o leitor para buscar reconstituir a intenção original do autor ou a expectativa de um leitor ideal se curvando a uma perspectiva de compreensão, conforme assinala o pesquisador Antoine Compagnon (2001). Já não seria suficiente deter o olhar apenas ao ímpeto de restituir a imanência do texto, mas é imprescindível pensar igualmente nos estudos da recepção, que observa o encadeamento de reações dos

¹¹ Pierre Lévy é filósofo, pesquisador na área da ciência da informação e comunicação, com estudos sobre o hipertexto, inteligência coletiva e os aspectos sociológicos da tecnologia.

leitores ao texto. Deste modo, o “sentido [de uma obra] é um efeito experimentado pelo leitor e não um objeto definido preexistente leitura” (COMPAGNON, 2001, p. 149).

Diante as proposições de Compagnon (2001) sobre os critérios de recepção dos leitores, devemos pensar nos critérios de recepção de um livro-reportagem pelo público. Por seus títulos tratarem de narrativas vinculadas à realidade, o agendamento feito pela imprensa e as opiniões populares acerca do tema tratado no livro interferem no sentido da leitura. Entretanto, diferentemente do texto jornalístico da imprensa regular, que tenta manobrar e convencer o leitor que o seu relato é isento, o autor fica confortável para manifestar seu posicionamento, quando a reportagem é apresentada em livro, em detrimento aos formatos noticiosos na imprensa regular.

Deste modo, não há dúvidas para o leitor de *Honoráveis Bandidos* que o livro-reportagem se refere a José Sarney, estampado na capa da obra com terno preto e óculos escuros; tampouco restam dúvidas de que o livro-reportagem nomeia o senador como sendo um bandido ocupando uma posição honorável, referência que os leitores não encontrariam em nenhum periódico da imprensa regular. Da mesma forma, o livro-reportagem *Rota 66: A História da polícia que mata*, de Caco Barcelos, deixa clara a sua diferença em relação à abordagem dos periódicos regulares, acostumados a tratar os policiais como agentes a combater a criminalidade. No livro de Caco Barcelos, inversamente, pessoas inocentes foram assassinadas por policiais.

O sentido de um livro-reportagem também é alterado por desdobramentos de temas que permanecem sendo investigados, bem como pelas lacunas encontradas pelos leitores, que os motivam a explorar mais o tema em outros textos. O leitor pode valer-se dos argumentos e das provas (entrevistas, citações e fontes documentais) apresentados pelo autor do livro ou pode colocar todos os argumentos à prova, procurar outras versões sobre o tema simultaneamente à leitura ou ser surpreendido por uma nova evidência que lhe fará depreciar a leitura anterior.

Portanto, propomos, nesta seção, caracterizar o livro-reportagem como um texto: a) que se relaciona aos agendamentos midiáticos; b) cuja leitura prevê uma atualização; c) cujo autor, por vezes, tenta se posicionar de forma adversa à versão de um tema da imprensa regular; d) cujo formato possui características tanto do periodismo como do sistema editorial.

Após estabelecermos, nestas três seções do primeiro capítulo, as especificidades do livro-reportagem, o contexto político e social da impressão gráfica e da difusão dos periódicos e dos livros favorecendo o surgimento do livro-reportagem, tratamos, na próxima seção, de uma proposta de classificação dos livros-reportagens. Compreender as nuances da produção do livro, através da pauta, é fundamental para avançar nesta análise.

1.4 Proposta de classificação para os livros-reportagens

O texto jornalístico, mesmo quando apresentado em livro, gira em torno de uma atividade recorrente na imprensa: a pauta. Fernando Morais, antes de viajar com outros repórteres para Amazônia, por exemplo, participou de reuniões nas redações em que falavam sobre as dificuldades de se fazer uma rodovia cortando a floresta, em um território pouco conhecido, os impactos e riscos que ela traria e os elementos que despertam o interesse público sobre a transamazônica.

Palmério Dória (2012), por sua vez, começou *Honoráveis Bandidos* pela eleição de José Sarney para o Senado Federal. O tema foi pautado por vários veículos de comunicação em fevereiro de 2012. Entretanto, interessou ao autor ir além da coleta de informações que lhe possibilitariam um relato pasteurizado. Interessava-lhe o detalhamento, as feições dos que ali estavam presentes e o enfoque no protagonista da obra como articulador da política nacional.

Sendo assim, a pauta tanto possibilita ao jornalismo pressupor o contexto e a implicação do que será reportado, como também direciona o jornalista em campo para o seu enfoque: a cobertura jornalística é breve, não se pode perder um depoimento, a feição de uma personagem ou o desenrolar de um fato que não vai se repetir para o repórter, que depois precisa redigir o texto. Os vários tratamentos narrativos possíveis de um livro-reportagem e a diversidade de temas que este pode vir a agendar fez com que o pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2009) propusesse classificá-lo em grupos.

O primeiro a ser conceituado é o livro-reportagem perfil que, segundo o autor, realça em suas páginas os aspectos humanos de uma personagem, seja ele uma pessoa

pública ou anônima. O livro-reportagem *Luar aos Aessos* (1999), do jornalista Angelo Sastre, apresenta sua apuração jornalística sobre Raul Seixas. Ele contém entrevistas de pessoas que estiveram próximas ao cantor e também menções feitas sobre ele no noticiário e, ao comparar as informações concedidas em entrevistas e divulgadas na imprensa, estabelece um debate sobre a vida e carreira do cantor.

Por conseguinte, Lima (2009) caracteriza o livro-reportagem depoimento feito por um jornalista que compila a fala de pessoas que participaram de um evento e as apresentam em forma de livro. O jornalista John Hersey publicou no *The New Yorker*, em 1946, reportagens que trataram sobre como os bombardeios de Hiroshima mudaram a vida de seis personagens. São elas: dois médicos, um pastor, um padre, uma viúva de guerra e uma jovem funcionária administrativa. Posteriormente, ele publicou os relatos no livro *Hiroshima*, que traz os depoimentos de seis pessoas atingidas pelo bombardeio na cidade de Hiroshima durante a Segunda Guerra. O livro-reportagem se tornou popular por trazer em suas páginas as consequências de um ataque nuclear.

A terceira classificação feita por Lima (2009) é o livro-reportagem retrato, que busca traçar um retrato sobre um tema: um setor da sociedade, uma atividade, com ênfase na complexidade e nos mecanismos do seu funcionamento. Pertence a esse grupo o livro-reportagem *A outra história da Lava-Jato: uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia* (2015), do jornalista Paulo Moreira Leite. Esse livro-reportagem faz esse agendamento temático, tentando abordar a Operação Lava Jato de uma perspectiva que o leitor ainda não viu.

Lima (2009) também menciona que o livro-reportagem pode dar ênfase a uma divulgação ou aspectos científicos de um tema. Pertence ao conceito livro-reportagem ciência a obra *No ar rarefeito* (1998), de Jon Krakauer. O jornalista e escritor deste livro estava no Monte Everest para escrever um artigo para uma revista sobre as condições geográficas do lugar, mas acabou testemunhando ali uma tragédia. A obra apresenta o relato do acidente, com atenção às condições do local e encadeando as situações técnicas que levaram e podem levar outras expedições a uma tragédia. O livro também poderia ser classificado como livro-reportagem ambiente, por seu caráter crítico e conscientizador, já que o título aborda o contato do homem com o meio natural. *Primeira aventura na Transamazônica*, de Fernando Morais, mencionado nesta

dissertação, também faz uma crítica à relação do homem com a natureza, mostrando as implicações ecológicas daquela obra no meio da floresta.

O livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* (2013), da jornalista Daniela Arbex, traz entrevistas de funcionários do Hospital Colônia de Barbacena e de pessoas ligadas aos pacientes que ali estiveram internados entre os anos de 1903 até a década de 1980. Ele se enquadra perfeitamente no que Lima (2009) caracteriza como livro-reportagem história, que encadeia um fato histórico e propõe debates contemporâneos. No hospital psiquiátrico morreram quase 60 mil pessoas, a maioria confinada em um hospital por mendigar, se prostituir ou serem homossexuais. Por vezes, Lima (2009) ressalta que o livro-reportagem propõe em seu relato novas correntes culturais, como ocorreu na década de 1960 com a contracultura ou ainda aproximação entre culturas diferentes. O autor classifica a esse tipo de livro-reportagem nova consciência. A jornalista holandesa que foi correspondente na América Latina, Ineke Holtwijk, publicou um livro-reportagem sobre os indígenas que vivem no Brasil (Rondônia), intitulado *Sinais de Fumaça* (2007), que desmistifica a figura do índio construída durante a colonização europeia a partir de suas entrevistas no local. A obra já foi publicada em vários idiomas.

O tipo de livro-reportagem instantâneo é o mais criticado por Lima (2009) por trazer uma narrativa superficial, motivada pelos desdobramentos da imprensa que, por vezes, não terá valor para os leitores após os agendamentos midiáticos. Diferente seria para o autor o livro-reportagem atualidade que, mesmo trazendo evento atual e agendado na imprensa, busca encadear elementos (origens, contextos e desfechos) desvalorizados pelos veículos de comunicação. *Rota 66*, além das denúncias sobre violência policial, traz um novo ponto de vista sobre a atualidade; a violência tinha pouco espaço na imprensa do início dos anos 1990, a não ser no jornalismo policial, que até ali só favorecia a versão da autoridade policial. Certamente, o livro-reportagem em questão também se enquadra nos critérios do livro-reportagem denúncia, ao revelar para a sociedade os bastidores das ações policiais. Drauzio Varella, ao denunciar as condições precárias de vida dos presos no livro-reportagem *Estação Carandiru* (1999), também trouxe a público uma outra versão do que pode ser considerado como uma chacina. De certo modo, a denúncia apresentada em um livro sempre vai de encontro à

visão que o público tem sobre um tema ou um fato, revelando detalhes que, até então, não haviam sido explorados por nenhum jornalista.

Por fim, Lima (1999) compõe sua classificação com mais três categorias; primeiramente, temos o livro-reportagem ensaio, frequentemente opinativo sobre um tema e tendo o autor identificado ao texto como, por exemplo *Nos Bastidores do Jornalismo Esportivo – A Magia da Cobertura Esportiva Mundial*, de Marcos Linhares (2003). O repórter tanto fala das suas experiências, como propõe reflexões sobre o ofício jornalístico na editoria esportiva. Há também a categoria livro-reportagem viagem, que tenta enquadrar as características de um território e das pessoas que ali vivem a partir da pesquisa jornalística e impressões pessoais do repórter como, por exemplo, *A Ilha*, já mencionado aqui. Há, finalmente, o livro-reportagem antologia, que reúne reportagens publicadas na imprensa e apresenta em um livro, podendo ou não ser do mesmo autor, como aconteceu com *Hiroshima*, também citado.

Permanece, pelo menos nos livros que aqui tratamos, o vínculo com a realidade, o desejo de um autor de se expressar de forma diferente da que faz na imprensa e o desejo dos leitores de encontrar no texto algo a mais que está disponível nos periódicos. Essas são as características perceptíveis neste formato que, neste capítulo, propomos avaliar. Finalmente, devemos salientar que vários livros-reportagens podem se enquadrar em mais de uma classificação, como foi visto. Embora essa tenha sido a primeira iniciativa de tentar categorizar os livros-reportagem, o próprio pesquisador adverte que não pode ser tratada como um agrupamento final, tendo em vista que há outras variedades de temas e métodos. Interessa nessa abordagem apenas mensurar algumas das inúmeras possibilidades que o livro-reportagem apresenta no sistema editorial: agenda de diferentes temas (políticos, culturais, esportivos etc.) e personagens (públicas ou anônimas) e métodos de apresentação do texto (entrevistas, comentários, impressões pessoais, detalhamento dos ambientes e expressões), o que certamente lhe possibilita inúmeras abordagens.

O livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, por exemplo, tanto aborda o retrato de um o protagonista, José Sarney, como propõe tecer um retrato da política nacional comandada por políticos que se comportam como bandidos honoráveis. A obra remete a classificação do livro-reportagem perfil, por personificar as circunstâncias em que um

grupo político constitui e exerce o poder político no país, como tem a finalidade de revelar ao público leitor os desmandos e abusos dos políticos que deveriam representar os interesses públicos.

**CAPÍTULO 2—AS FONTES DO LIVRO-REPORTAGEM *HONORÁVEIS*
*BANDIDOS***

2.1. O jornalista escritor Palmério Dória

Nesta primeira seção trataremos um pouco da trajetória de Palmério Dória, autor do livro *Honoráveis Bandidos*. Dória escreveu vários livros-reportagens e se valeu de diferentes abordagens, como veremos a seguir. Esses apontamentos vão contribuir para compreendermos um pouco mais sobre o contexto de produção de *Honoráveis Bandidos*.

Palmério Dória nasceu na cidade de Santarém, município brasileiro localizado no estado do Pará, no ano de 1949. Aos treze anos já buscava notícias para o *Jornal O dia*, de Belém¹². Chama a atenção que, nos 50 anos dedicados ao jornalismo, Palmério Dória tenha passado por grandes conglomerados da imprensa (Rede Globo, os jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo), mas também, a imprensa dita independente (Caros Amigos) e publicações com editoriais distintos ao jornalismo político (Revista Sexy).

Nos últimos anos, o jornalista tem se destacado pela publicação de livros-reportagem sobre temas polêmicos, abordando episódios importantes da política nacional (morte do presidente Getúlio Vargas, ditadura militar, privatizações, crise no governo Dilma, etc.) e personagens importantes desse cenário político (José Sarney, Roseana Sarney, Fernando Henrique Cardoso, Michel Temer, Dilma Rousseff, entre outros).

O primeiro livro-reportagem escrito por Dória foi: *Mataram o Presidente – Memórias do pistoleiro que mudou a História do Brasil* (1978). Recapitula Dória que, no ano de 1954, Carlos Lacerda, dono do Jornal Tribuna da Imprensa, não só usava seu jornal para fazer oposição ao governo Getúlio Vargas, como também costumava fazer no rádio e na televisão denúncias contra o governo. No dia 5 de agosto de 1954, Carlos Lacerda foi alvejado no pé por um homem que atirou, na porta de sua casa, contra ele, seu filho e o major responsável pela sua segurança. O major veio a óbito. O veículo do taxista que estava no local foi reconhecido. O motorista de táxi afirma conhecer um dos homens que ele levou até o local, porque trabalhava na guarda de Getúlio Vargas. O

¹² Informação contida no prefácio do livro-reportagem *Golpe de Estado*, de Palmério Dória e Mylton Severiano.

crime teve repercussão na imprensa e selou uma crise política no Governo Vargas, que findou tempos depois com o suicídio do presidente. Os envolvidos no crime de 5 de agosto foram presos e assassinados na prisão, somente um deles sobreviveu: o pistoleiro Alcino. Para Dória, aquela história não fazia sentido algum. No tiroteio, foi usada uma arma calibre 45, que, se tivesse atingido o pé de Lacerda, teria destruindo-o totalmente. Não foi feito nenhum exame de balística, como é de praxe nas investigações.

A pesquisa para escrever esse livro-reportagem começou com a informação de que Alcino estaria fora do presídio em meados de 1977, após cumprir a pena. Palmério Dória foi designado para fazer uma entrevista com o pistoleiro e, enfim, teria acesso à versão do que ocorreu na noite do crime que motivou a crise política do governo Vargas e o suicídio do presidente. As dez horas de entrevista concedida possibilitaram a Palmério Dória escrever um livro-reportagem reconstituindo a noite do crime e uma grave denúncia: o atentado contra Lacerda em 1954 foi forjado por Lacerda para incriminar Getúlio Vargas.

Alcino disse para Dória durante a entrevista que não tinha planos de matar Carlos Lacerda. Afirmou que, a pedido da guarda presidencial, estava seguindo Lacerda quando recebeu a ordem de prisão do major, que tentou imobilizá-lo enquanto Lacerda e o filho fugiam para dentro de casa. Durante a luta corporal, Alcino tirou a arma de dentro do paletó do major e alvejou dois tiros contra o oficial, que veio a óbito. Se tivessem feito o exame de balística, teriam descoberto que os tiros que mataram o major vinham da arma do major e não de uma outra arma cedida pelos seguranças de Vargas. Alcino autorizou Dória a publicar o seu depoimento, que colocou em dúvida o episódio conhecido como atentado de Getúlio Vargas contra Carlos Lacerda.

Após a publicação do livro-reportagem com depoimentos de Alcino, alguns historiadores também investigaram e confirmaram a pressão política, como torturas feitas para os envolvidos confessarem o atentado contra Carlos Lacerda por motivos políticos, o que viabilizou a publicação do testemunho do pistoleiro. Para Dória, Lacerda alvejou o próprio pé, enquanto os repórteres do seu jornal ficaram a postos para que, no dia seguinte, se estampasse nos jornais a imagem de Lacerda carregado e ensanguentado, vítima de um suposto atentado do presidente Getúlio Vargas.

Os bastidores do poder e os interesses políticos escusos despertaram a sagacidade do repórter investigativo. No mesmo ano, foi publicado o segundo livro-reportagem de Palmério Dória, *A guerrilha do Araguaia* (1978), assinado por Dória e os escritores Sérgio Buarque, Vicent Carelli e Jaime Sautchuk. O livro tratava do embate entre o partido comunista e a ditadura militar na região próxima ao rio Araguaia, como explicam Maciel e Rocha (2016, p. 5):

Sem contar com a colaboração de fontes oficiais e aproveitando-se do fato de já não estarem pressionados pela censura prévia, os autores de “A Guerrilha do Araguaia” promoveram uma investigação de cinco anos. Ouviram bispos, padres, camponeses, fazendeiros, bate-paus, alguns militares e até mesmo indígenas da região, elaborando, na narrativa, um mosaico de versões, iluminado por escasso material documental, como o raro jornal clandestino Araguaia, que foi porta-voz dos guerrilheiros.

O conflito no Araguaia terminou com o massacre dos comunistas opositores ao regime militar. Segundo Maciel e Rocha (2016), o livro rompeu o silêncio sobre o tema postulado pela censura prévia ao periódico que tentasse noticiar a guerrilha, como aconteceu com o jornal O Estado de São Paulo, em 1972. Apenas seis anos depois, o livro foi publicado, com as palavras de ordem dos repórteres que desejavam “resgatar do silêncio, que acoberta, mas não redime, os detalhes do acontecimento que nos afetou a todos” (DÓRIA, 1978, p. 10).

Depois de um tempo sem publicar livros, em 2001 Dória lançou *Evasão de Privacidade*, contendo uma coletânea de entrevistas concedidas por mulheres à Revista Sexy. A volta ao jornalismo político é marcada pelo protagonismo da família Sarney em seus livros-reportagens: *A candidata que virou picolé* (2002) e *Honoráveis Bandidos, um retrato do Brasil na Era Sarney* (2009). Como mencionado na introdução, o lançamento de *Honoráveis Bandidos* gerou tumulto no Maranhão. Partidários do José Sarney acusaram a obra de ser encomendada pela direita, referindo-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Logo em seguida, em 2013, a família Sarney cedeu espaço para outro protagonista: Fernando Henrique Cardoso, as privatizações e a compra do aval no legislativo para reeleição desse presidente. Foi então que Dória lançou o livro-reportagem *O Príncipe da Privatária* (2013). Na época do lançamento do título, a editora Geração foi constrangida por conglomerados políticos a não publicar o

exemplar. Dória falou sobre a relação estreita com o livro-reportagem e a importância das histórias contadas em livros, em entrevista cedida ao portal do Diário do Grande ABC:

O livro-reportagem foi a tarefa que nos restou. Uma matéria como a deste livro poderia estar em uma revista como a Realidade, que foi abatida em pleno voo, em 1968, pelo AI-5 (Ato Institucional 5, que acabou com a liberdade de imprensa no Brasil). A grande reportagem é algo muito saudável, salutar. Procuramos manter essa chama acesa. Não acho que isso resolva, mas vamos contar histórias (DÓRIA, 2013, s/p).

De certo modo, Palmério Dória apresentou um descontentamento com a imprensa contemporânea. A mais recente das suas obras, *Golpe de Estado: o espírito e a herança de 1964 ainda ameaçam o Brasil* (2015), escrito por ele e Mylton Severiano, narra os bastidores da reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff, mas se concentra particularmente nos interesses particulares que movem a imprensa. Um dos capítulos desse livro, intitulado “Há dois tipos de censura hoje numa redação: a da gaveta e a do orçamento”, denota esse descontentamento, o risco da reportagem ir para gaveta por incomodar os interesses políticos ou comerciais. Esse tipo de situação vai ao encontro da perspectiva abordada neste capítulo: os ditames financeiros que predominam na imprensa e a liberdade do jornalista que deseja se expressar e que encontra no livro um modo de fazê-lo.

Palmério Dória também encontrou barreiras no sistema editorial como, por exemplo, a violência ocorrida no lançamento do livro *Honoráveis Bandidos* ou a tentativa de impedir a publicação de *O Príncipe da Privatária*. Esses empecilhos já tinham sido enfrentados desde *A Ilha*, de Fernando Moraes, ou ainda em *Rota 66*, de Caco Barcelos, que, depois da publicação desse livro-reportagem, precisou sair do país por causa de ameaças de morte. Ainda assim, estas obras saíram da gaveta trazendo conteúdos que não estavam disponíveis na imprensa tradicional.

Segundo Dória (2012), falta, às vezes, ao jornalista na imprensa o tempo e a perspicácia para juntar todos os elementos do seu trabalho investigativo e apresentar ao leitor um painel sobre um tema, ou ainda para traçar as características de uma personagem que um autor pretende retratar em um livro. Em entrevista concedida ao portal *Vias de Fato* (2009), o autor fala sobre suas pesquisas a respeito da política

nacional e de José Sarney e dos detalhes que, tendo passado despercebidos em coberturas jornalísticas, só foram apresentados depois no livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*:

Sou um jornalista da velha escola, que se formou no combate à ditadura, da qual JS [José Sarney] era servidor, sem contar o fato de que sou paraense. Mas só fazendo *Honoráveis Bandidos* e *A Candidata que Virou Picolé* fui tendo plena consciência do estrago que o neocoronel faz. Eu, por exemplo, não ligava para os 45 mil garimpeiros, a maioria maranhenses, que a Polícia Federal expulsou de terras dos ianomâmis, em Roraima, no início dos anos 90, como vítimas da Lei de Terras de JS. Eu estava lá na fronteira à época para fazer um documentário. Nem tampouco para os milhares de agricultores que reivindicavam um pedaço de chão em São Pedro da Água Branca, na fronteira do Pará com o Maranhão, hoje estação da ferrovia Carajás, quando andei por ali levantando material para o livro *A Guerrilha do Araguaia*, em 1976. Esse êxodo de 1 milhão de maranhenses, que condenou o Estado ao atraso, talvez seja a coisa mais perversa promovida pela Dinastia Sarney. A ficha só me caiu quando entrevistei o governador Jackson Lago, primeiro em São Luís, depois numa cantina paulistana para um capítulo de *Honoráveis [Bandidos]*. (DÓRIA, 2009, p. 5)

Honoráveis Bandidos é um dos mais importantes e bem-sucedidos livros-reportagens que tratam do tema política nacional, chegando à quarta edição em 2009, com cerca de 30 mil exemplares vendidos. A obra propõe resgatar, a partir de um tema atual (a eleição de José Sarney à presidência do Senado em 2012), elementos da história do país como, por exemplo a eleição de José Sarney ao governo do Maranhão durante o Regime Militar e sua participação no processo de redemocratização do país. Dedicamos as próximas seções deste capítulo tratar respectivamente das fontes que compõem o livro-reportagem que propomos analisar.

2.2 As fontes que compõem o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*

Considera-se, geralmente, que o texto jornalístico procede da apuração imparcial dos fatos pelo repórter, que apresenta dados e fontes capazes de informar e exercer o papel de *testemunha ocular* que orienta a opinião pública. A expressão *testemunha ocular* foi mencionada na década de 1940 pelo noticiário *Repórter Esso*, que

apresentava como slogan “a testemunha ocular da História”. O noticiário foi considerado marco do telejornalismo e de radiojornalismo até o final da década de 1960 por sua credibilidade e foi responsável pelo modelo jornalístico estadunidense, utilizado na imprensa brasileira. O jornalismo americano trouxe “[...] no espírito científico o respeito pelos fatos empíricos e o cuidado para não avançar além daquilo que os fatos permitem ao senso comum inferir” (LAGE, 2006, p. 15).

A partir desta matriz jornalística compartilhada pela imprensa regular, nas linhas dos jornais impressos ou ainda nas imagens exibidas nos telejornais, o público tem a impressão de que os fatos são reportados objetivamente pelos jornalistas. Em se tratando da objetividade jornalística, segundo Lage (2006), a pragmática das relações entre o jornalista e o público, nas práxis da notícia, é marcada pela padronização das vozes nas redações, pela limitação do código e por um repertório reduzido de retratos psicológicos e de situações dramáticas, de modo que “[...] por detrás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definições, abarcam” (LAGE, 2006, p. 24). Corroboram com este quadro as linhas editoriais de uma reportagem, as relações dialéticas entre o fazer jornalístico, as empresas jornalísticas e a subjetividade do jornalista que se propõe a reportar um fato.

Diante desse cenário, propomos, nos próximos itens deste capítulo, expor as fontes que compuseram a pesquisa jornalística do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, de Palmério Dória. É relevante ressaltar, nesta proposição que o livro discutiu “[...] o que a imprensa divulgava naquele momento [sobre o Sarney] e o que já havíamos [Dória e Severiano] investigado por nossa conta” (DÓRIA, 2017a, s/p).

Mediante os referenciais aqui mencionados, destacam-se, neste capítulo, as técnicas jornalísticas que, utilizadas por Dória, são mobilizados para estruturar sua narrativa, conferindo autoridade à sua versão dos fatos. Com efeito, a narrativa do livro-reportagem se vale de diversas fontes que, encadeadas no texto, tentam reconstituir “[...] um retrato do Brasil na era Sarney”, anunciado no subtítulo do livro.

Examinamos inicialmente que, para os pesquisadores das áreas de ciências da informação, as fontes são divididas em categorias, tais como fonte primária, fonte secundária e fonte terciária – em função de um caráter gradativo documental. Respaldam esta asserção nas ciências da informação as concepções de Blattmann(2017),

ressaltando que as fontes primárias são as patentes, teses; as secundárias são as bibliografias e publicações com indexações; as terciárias são mais difíceis de distinguir das secundárias, e seriam as bibliografias de bibliografias, almanaques, etc. Deste modo, compreendemos que as fontes primárias representam a pesquisa com o material original e a secundária e a terciária são provenientes de interpretações e compilações das fontes primárias.

Lage (2001), ainda que considere no jornalismo a fonte primária mais confiável, assim como nas ciências da informação, aplica essa classificação de modo distinto na práxis da imprensa: quando o jornalista escreve uma reportagem sobre o plantio de café nos terrenos montanhosos, as fontes primárias são os plantadores e agrônomos que atuam naquele campo, sendo considerados os testemunhos mais confiáveis e imediatos; funcionários de apoio às pesquisas agropecuárias e geógrafos são as fontes secundárias, utilizadas para consultas, contexto da reportagem e diferentes enfoques. Entre as fontes secundárias, chamam a atenção de Lage (2001) os experts, que tendem a interpretar os eventos, enquanto que as fontes primárias se apoiam no testemunho e na memória de curto prazo, mais fidedigna aos fatos, nos argumentos do pesquisador.

Para além das categorias primária, secundária e terciária, o jornalismo também convencionou as fontes em grupos que serão identificadas como *oficial*, *oficiosa* e *independente*. Para Lage (2001), fontes oficiais são aquelas fornecidas pelo Estado, por instituições que o representem ou, ainda, por organizações e empresas; fontes oficiosas são fornecidas por pessoas que estão ligadas às instituições e organizações mencionadas como oficiais, mas que não estão autorizadas a falar em nome destes entes; e fontes independentes são aquelas que, notoriamente, estão desvinculadas de qualquer instituição ou organização. O pesquisador alerta que, embora seja comum caracterizar as fontes oficiais como mais confiáveis que as demais fontes, trata-se de um mau hábito, já que fontes oficiais podem manipular informações prestadas para atender a interesses particulares e institucionais, se assim convir.

Ao tratar das fontes, Lage (2001, p. 48) ainda nos assegura, antes de caracterizá-las, que “[...] poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta” de quem narra a história. O livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* denota tanto

a presença de um jornalista que fazia a cobertura jornalística da eleição para presidência do Senado Federal, no dia 2 de fevereiro de 2009, como predispõe a narrar tudo que ali pode observar, interrompendo, por vezes, a história que conta para introduzir digressões sobre a política nacional. É nesse ponto que se ancora a análise proposta na próxima seção: a memória do que se passou no dia em que Sarney se tornou presidente do Senado Federal.

2.2.1 Memória

Em se tratando da memória, segundo Halbwachs (1990), o pensamento ativo na memória se desloca e se move diante das divisões do tempo e de suas respectivas datas, de modo que o tempo nos importa na medida em que nos permite lembrar de um momento que ali produzimos. No que se refere à narrativa de *Honoráveis Bandidos*, importa rememorar o que aconteceu no Senado Federal no dia 2 de fevereiro de 2009, dia em que Sarney se tornaria presidente da Casa Legislativa.

O detalhamento na narrativa de cada cena permite que o livro-reportagem vá além de citar recortes das falas ditas pelos senadores no plenário, na ocasião, encadeando as cenas e os gestos das personagens durante a eleição. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o método de captação das características psicológicas e sociais pela memória encontra boa aplicabilidade no livro-reportagem, já que

[...] pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada (LIMA, 2009, p. 127).

Com essas palavras, Lima (2009) analisa uma estratégia recorrente no jornalismo literário, a qual teve a sua coroação com o *New Journalism*, que é um movimento norte-americano proveniente da contracultura e que desencadeou novas formas de expressão. Tom Wolfe, um dos percussores do *New Journalism*, falava que os repórteres do movimento “[...]tinham desenvolvido o hábito de passar dias, às vezes semanas, com as pessoas sobre as quais escreviam. Tinham de reunir todo o material que o jornalista convencional procurava – e ir além” (WOLFE, 2005, p. 37), para que o texto

contemplasse a descrição objetiva pormenorizada e a vida subjetiva das personagens. Esses elementos presentes no texto de um livro-reportagem podem partir da observação de um narrador que, inserido nos ambientes em que as personagens¹³ se encontram, conta para os leitores aquilo de que participa ou observa.

Diante das práticas jornalísticas que formatam o texto dos periódicos denotando a imparcialidade do que veicula por meio de um relato, a história de José Sarney no livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* é apresentada por um narrador que vela por seus passos, tem domínio das ações que ele vem praticando na política nacional e presume os sentimentos da personagem, no dia da eleição. Durante a narrativa da votação para a Presidência do Senado em 2009, o narrador ocupa um lugar privilegiado, tendo uma visão que lhe permite contemplar os discursos e reações de todos ali presentes e revelando aos leitores que é nos bastidores do legislativo que se configuram as relações de poder na política nacional.

Quando narra os acontecimentos que se desenvolveram naquela data, já no primeiro parágrafo de *Honoráveis Bandidos*, o narrador data o momento do qual percorrem as lembranças e diz: “Estamos em 2009” (DÓRIA, 2012, p. 12). O pensamento do leitor se desloca, a convite do narrador, até o dia 2 de fevereiro de 2009. O leitor, por sua vez, supõe que aquela não fosse uma data qualquer para a política nacional.

A narrativa retrocede aos momentos anteriores à votação, em que, para inquietação de Sarney, vários senadores passaram a se revezar para defender o opositor de Sarney na eleição, o senador acreano Tião Viana, do Partido dos Trabalhadores (PT). Aquela data, em que Sarney ostentava ter completado meio século dedicado à carreira política, com 78 anos de vida, foi também a data em que o senador ouviu críticas severas. Tião se apresentava para os presentes como “[...] arauto da modernidade e higienizador da podridão que pairava no parlamento brasileiro” (DÓRIA, 2012, p. 14).

¹³ O termo “personagem” é utilizado na literatura e no jornalismo. Os gêneros compartilharam um mesmo suporte na imprensa oitocentista que abrigava, segundo Lage (2001), textos distintos, como novelas, folhetins, textos educativos e sensacionalistas. Vale ressaltar que o aspecto humanizador do jornalismo só surgiu tempos depois, com a reportagem. O conceito de personagem e o modo como elas são apresentadas em *Honoráveis Bandidos* serão explorados no próximo capítulo desta dissertação.

No dia da votação, Viana tentou relacionar a sua imagem com a de um herói da política americana que repetidamente estampava as capas dos noticiários, Barack Obama, que na campanha presidencial estadunidense (entre 2007 e 2008), inspirou eleitores descrentes da política americana, em meio ao cenário pós-guerra no Oriente Médio e à crise financeira que assolava os países no ocidente. A entusiástica campanha presidencial americana elegeu, pela primeira vez, um jovem político afrodescendente e com sobrenome muçulmano.

Nos solos brasileiros, momentos antes da eleição para presidir o Legislativo em 2009, o senador “tucano”¹⁴ (PSDB) José Serra declarou apoio ao senador Tião Viana (PT), por uma inesperada ironia dos bastidores políticos que, há tempos, testemunha os conflitos entre os dois partidos. Parecia aos olhos dos espectadores assíduos da política nos noticiários que todos estavam unidos no palco da política nacional pelo fim da corrupção e pela renovação das lideranças democráticas, tendência essa que também podia ser percebida na política internacional.

O narrador rememora as palavras repetidas por Tião antes da votação, também ditas por Obama: “Yes, we can” (DÓRIA, 2012, p. 21). Mas o emprego do *slogan* motivador não evitou a derrota por 49 a 32 votos a favor de José Sarney. Neste aspecto, Sarney soube mobilizar em discurso todos os predicados do que ele chama de 50 anos dedicados à vida pública, como veremos a seguir.

2.2.2 Os 50 anos rememorados de José Sarney

Propositalmente, após ouvir várias críticas à velha política praticada no Senado Federal e no país, o senador José Sarney pede para ser o último a se pronunciar no plenário e faz um discurso duro e improvisado que “[...] a gente leva um mês para se preparar” (DÓRIA, 2012, p. 14).

O senador mencionou Nossa Senhora dos Navegantes, afinal era dia de festa no mar, mas também se comparou a Rui Barbosa pela longevidade na vida pública. Em

¹⁴ Essa denominação advém do símbolo do partido: a ave tucano.

seguida, José Sarney recorreu a sua memória, lembrou o dia 2 de fevereiro de 1959, quando assumiu pela primeira vez o mandato de Deputado Federal, e pronunciou-se, enfático, a respeito dos ataques sofridos pelos parlamentares na data da eleição em 2009: “Não concordo quando se fala na imoralidade do Senado. O Senado é os que aqui estão [referindo aos senadores]. Reconheço que, ao longo da nossa vida, muitos se tornaram menos merecedores da admiração do País, mas não a instituição” (DÓRIA, 2012, p. 14).

Como se depreende, Sarney utilizou a memória dos seus 50 anos de vida pública completados naquele dia para testemunhar em favor da moralidade do Senado Federal e da sua conduta política. As percepções da memória de José Sarney e do seu opositor à Presidência do Senado, Tião Viana, eram nitidamente divergentes, embora ambas buscassem amparar seus discursos nos acontecimentos públicos, que denotavam a probidade de seus atos parlamentares frente aos adversários. Essa posição também pode ser percebida no testemunho do senador ao se referir à sua trajetória:

Durante a minha vida, passei aqui nesta Casa [Senado Federal] 50 anos. Muitas comissões, vamos dizer assim, muitos escândalos existiram envolvendo parlamentares, mas nunca o nome do parlamentar José Sarney constou de qualquer desses escândalos ao longo de toda a vida do Senado. (DÓRIA, 2012, p. 14)

Os 50 minutos de discurso do senador também foram utilizados para retrucar estrategicamente o discurso do seu opositor à Presidência do Senado, Tião Viana, que havia discursado antes, mencionando os escândalos políticos envolvendo Sarney e o Senado Federal. José Sarney critica as palavras de seu adversário, em campo aberto, afirmando que “[...] a palavra ética, para mim [Sarney], que nunca fui de alardear nada, é um estado de espírito. Não é uma palavra para eu usar como demagogia ou uma palavra para eu usar num simples debate” (DÓRIA, 2012, p. 14).

Antecedendo as palavras citadas no testemunho de Sarney sobre os 50 anos dedicados à vida pública sem envolver-se em escândalos, a narrativa dos depoimentos dos senadores ali presentes é interrompida, a fim de que o narrador alerte os leitores sobre a retórica vazia do depoimento de José Sarney, segundo o lugar comum de que os discursos dos políticos são demagógicos: “[...] tudo quanto você vai ler é o que o velho Senador [Sarney] não é” (DÓRIA, 2012, p. 14).

Diante de tal cenário, a pontuação no livro-reportagem das controvérsias na declaração de José Sarney feita em plenário é esperada na prática jornalística, sobretudo, na cobertura jornalística da editoria política nos veículos de comunicação, conforme Lago (2006, p. 143-144) recomenda aos jornalistas:

Não será possível o repórter chegar, digamos ao Congresso, ouvir os personagens envolvidos em uma determinada votação ou disputa, voltar à redação e escrever um texto com base unicamente naquilo que apurou com essas entrevistas. Resultará em um texto ingênuo e que, provavelmente, desinformará mais do que informará.

Em seu discurso, Sarney defendeu a reputação do Senado Federal, referindo ao plenário que a moralidade da Casa refletia a moral dos ali presentes, o que por certo fez com que muitos que ali estavam a criticá-lo pensassem na própria trajetória parlamentar. O palco político constituído por jogos de cena, com direito a declarações protocolares entre pares e reações improvisadas, serve para ocultar os acordos preliminares feitos nos bastidores do poder público, em que são firmadas as grandes decisões. Então, resta para a opinião pública apenas acompanhar as performances discursivas que distraem as plateias, assistir a um simulacro de política democrática. É precisamente essa a definição que Guy Debord dá para a “alienação” em uma “Sociedade do espetáculo”, que é objeto de seu livro homônimo:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta (DEBORD, 1967, p. 30).

Frente ao predomínio de controvérsias e emaranhados discursivos no espaço público e às representações que cada vez mais condicionam o cidadão desempenhar o papel de espectador da política nacional, sobretudo direcionado pelas coberturas da imprensa, é imprescindível para o leitor interessado em descortinar os bastidores do poder ir além do factual, ter acesso a informações detalhadas feitas por um jornalista do período denominado “era Sarney” e aproximar-se da experiência real do que aconteceu no Senado Federal no dia 2 de fevereiro de 2009.

Na próxima seção, apresentamos as demais fontes que compõem o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, tais como uso de entrevistas, citações de notícias divulgadas pela imprensa e de dados oficiais. Correlacionamos esta pesquisa feita no livro com a cobertura realizada pela imprensa da eleição para a Presidência do Senado Federal em 2009.

2.3.A matéria jornalística

A narrativa do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* expôs, além dos bastidores da eleição para o Senado no dia 2 de fevereiro de 2009, “[...] uma visão sobre a cobertura que a mídia fez sobre os fatos”¹⁵ que representam os 50 anos de vida pública de José Sarney. Palmério Dória afirma que começou a realizar pesquisas sobre José Sarney desde 2002, em entrevista concedida à Revista Veja¹⁶ (2017b), mas que o político é personagem de suas pesquisas desde o *Jornal O Nacional*, que era anti-Sarney.

Antes de tratarmos a cobertura feita pela imprensa sobre José Sarney, para compreendermos as características das notícias, ressaltamos que, de acordo com Lage (2006), a notícia consiste na exposição do relato de uma série de fatos a partir dos aspectos considerados mais relevantes pelo interlocutor e, em seguida, dos detalhes que circundam o fato descrito no texto, elencando gradativamente as suas implicações.

Nas redações dos jornais, é comum o jornalista valer-se da estratégia da pirâmide invertida¹⁷, colocando no início da redação o que o jornalismo convencionou

¹⁵Entrevista com o autor. **Geração Editorial**. 2017. Disponível em: <<http://geracaoeditorial.com.br/honoraveis-bandidos/>>. Acesso em: 2 mai. 2017.

¹⁶Entrevista com o autor. **Revista Veja**. Atualizada em 21 de Jan de 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/palmerio-doria-jornalista-e-escritor/>>. Acesso: em 2 mai. 2017.

¹⁷ Segundo Ribeiro (2003, p. 150): “A pirâmide invertida tinha uma dupla função. Além de atender à lógica da leitura rápida, facilitava também o processo de edição, permitindo que, na hora da montagem da página, se ‘cortasse’ o texto pelo final, sem lhe causar danos de sentido”.

como as perguntas do *lead*¹⁸: quem, o quê, quando, onde, como e por quê. As respostas a essas perguntas são facilmente identificadas na leitura dos primeiros parágrafos de uma notícia no jornal digital ou impresso, de modo que os eventos noticiados sejam apresentados objetivamente para o leitor, do fato mais importante para o menos relevante, independentemente da sequência temporal.

Ainda sobre o texto jornalístico, segundo Lima (2009), ele se constrói por dimensões que podem ser vistas como um conjunto de círculos concêntricos em torno de um fato nuclear, que desperta o interesse do jornalista:

[...] quanto mais força e repercussão tem a ocorrência, maior o número de círculos adicionados afetados. Quanto maior o número de círculos envolvidos, tanto maior a possibilidade de a narrativa evoluir de uma simples nota para a notícia, para a reportagem, para o livro. Só que à medida que círculos externos, círculos maiores são envolvidos, maior a possibilidade de a narrativa abandonar o fato nuclear em si, como foco central e preocupar-se muito mais com a situação, com a circunstância maior, com o contexto (LIMA, 2009, p. 42).

O trânsito entre o formato noticioso e a narrativa de um livro-reportagem pode ser assinalado na cobertura feita pela imprensa das eleições para presidir o Legislativo no ano de 2009, uma vez que os jornais se limitaram a repercutir os aspectos objetivos e factuais das eleições. A capa do jornal Folha de S. Paulo, de 3 de fevereiro de 2009, estampou a imagem de Michel Temer e José Sarney de braços dados, caminhando para a posse do Legislativo, com a manchete: “PMDB vence na Câmara e no Senado”¹⁹. A matéria ressaltou que a base governista do PT comemorou e declarou que saiu vitoriosa. As colunas políticas detiveram-se nos aspectos factuais, comentando os impactos e especulações que o resultado daquelas eleições teria no Governo.

Entretanto, a repercussão da eleição do Senado em 2009, as palavras proferidas por José Sarney na ocasião, declarando completar 50 anos dedicados à vida pública, sem que seu nome estivesse envolvido em escândalos políticos, teriam motivado Dória a escrever um livro-reportagem e explorar um aspecto relevante da realidade não

¹⁸ Ribeiro (2003, p. 149) destaca que, como “símbolo máximo do jornalismo moderno, o lead veio substituir o ‘nariz de cera’, texto introdutório longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecede a narrativa dos acontecimentos e que visava a ambientar o leitor”. As novas práticas jornalísticas no século XX elegeram o texto jornalístico conciso e impessoal, como foi abordado no capítulo anterior.

¹⁹ Capa disponível no endereço eletrônico: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/02/03/2/>>.

explorado pela imprensa. Enquanto os textos noticiosos são estruturados por formatos organizadores como o *lead*, a pirâmide invertida, o leitor nutre a expectativa de encontrar em um livro-reportagem a explicação que o jornal não noticiou, segundo a função do livro-reportagem destacada por Lima (2009).

O livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* não se detém no factual, uma vez que, com uma abordagem multiangular, resgatou acontecimentos históricos da política nacional com seus respectivos desdobramentos, mesclou, em uma narrativa, dados oficiais, citações do noticiário, entrevistas e retratos, situando o leitor em diferentes níveis de profundidade, o que Lima (2009) convencionou chamar de aprofundamento extensivo (horizontal) e intensivo (vertical). Segundo Lima (2009), o aprofundamento é extensivo, ou horizontal, quando o leitor é brindado com dados, números, informações e detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. O aprofundamento é intensivo, ou vertical, quando o leitor é alimentado por informações que lhe possibilitam expandir qualitativamente sua taxa de conhecimento. Isto é, há uma análise multiangular de causas e consequências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações.

No próximo item, exploramos o que Lage (2001) considera como as fontes oficiais, que tiveram papel de contextualizar a obra *Honoráveis Bandidos* em relação às citações do noticiário, os aspectos documentais que norteiam a leitura.

2.3.1 Dados oficiais e o que a imprensa divulgava sobre José Sarney

Conforme visto anteriormente, no dia da eleição para presidência do Senado, Sarney declarou lembrar do dia 2 de fevereiro de 1959, data em que ingressou na vida política como deputado federal. Entretanto, para o narrador de *Honoráveis Bandidos*, não saía da mente do senador, no dia da eleição para presidência do Senado, uma outra data: a posse de Sarney como governador do Maranhão em 31 de janeiro de 1966. Essa posse foi filmada pelo documentário *Maranhão 66*, gravado naquela data pelo cineasta Glauber Rocha, que é referido em outras passagens do livro-reportagem. O documentário mesclava a posse de Sarney, como Governador no ano de 1966, com as

imagens de miséria do estado, embaladas pelo discurso de posse de um jovem político que prometia “[...] uma democracia de oportunidades, uma ruptura com tempos de miséria, corrupção, desigualdade” (DÓRIA, 2012, p. 37-38).

Após a eleição de José Sarney para o Governo do Maranhão em 1966, o registro documental da população em situação de miséria, a comemoração do povo nas ruas no dia da posse, transmitia a esperança da população do Maranhão de que aquele jovem Governador poderia interromper o coronelismo no Nordeste. Embora Rocha tenha utilizado, em *Maranhão 66*(1966), registros documentais da posse de José Sarney e de pessoas em situações miseráveis no Maranhão, o documentário pareceu irônico quando, 43 anos depois daquelas filmagens, a miséria do povo maranhense pouco mudou. Por outro lado, com o passar das décadas, a família Sarney aumentou sua fortuna com base no acúmulo de terras e no domínio do sistema energético e dos meios de comunicação.

A narrativa de *Honoráveis Bandidos* classifica como demagogas as palavras ditas por José Sarney, tanto no discurso de posse do Governo do Maranhão, em 1966, como na alocução defendendo a moralidade dos políticos no Senado, em 2 de fevereiro de 2009. A representação da política nacional antes visualizada a partir da esperança de um povo que elegeu um novo político nos anos 1960 cede lugar para o descrédito que demonstra o quanto o povo maranhense esteve desassistido nestes 50 anos de vida pública do político José Sarney.

Depois de mencionar como Sarney foi apresentado no documentário *Maranhão 66*, a narrativa de *Honoráveis Bandidos* apresenta uma pesquisa publicada por Veridiana Serpa em seu blog (DÓRIA, 2012, p. 40-41):

- Nascer na Maternidade Marly Sarney;
- Morar numa dessas vilas: Sarney, Sarney Filho, Kyola Sarney ou Roseana Sarney;
- Estudar nas escolas: Municipal Rural Roseana Sarney (Povoado Santa Cruz, BR-135, Capinzal do Norte); Marly Sarney (Imperatriz); José Sarney (Coelho Neto);
- Pesquisar na Biblioteca José Sarney;
- Informar-se pelo jornal Estado do Maranhão, TV Mirante, Rádios Mirante AM e FM, todos de Sarney; no interior, por uma de suas 35 emissoras de rádio ou 13 repetidoras da TV Mirante;
- Saber das contas públicas no Tribunal de Contas Roseana Murad Sarney;
- Entrar de ônibus na capital pela Ponte José Sarney, seguir pela Avenida Presidente José Sarney, descer na Rodoviária Kyola Sarney;

- Reclamar? No Fórum José Sarney de Araújo Costa, na Sala de Imprensa Marly Sarney, e dirigir-se à Sala de Defensoria Pública Kyola Sarney.

As homenagens feitas a Sarney são percebidas nas inscrições das ruas e das edificações públicas e demonstram a hegemonia política do sobrenome Sarney no Maranhão. Entretanto, a narração da trajetória dos três filhos de José Sarney em *Honoráveis Bandidos* adverte que “[...] quando nos debruçamos sobre a folha corrida dos três pimpolhos do velho coronel, encontramos mais razões para um pai corar de vergonha do que para orgulhar-se” (DÓRIA, 2012, p. 27).

Começamos por Roseana Sarney, que é apresentada no livro-reportagem como a filha predileta de José Sarney. Roseana é funcionária do Senado Federal graças ao truque denominado “trem da alegria” pelo jornal *Folha de S. Paulo* no dia 25 de março de 2009. Segundo Cury (2016), a expressão “trem da alegria” foi cunhada há muito tempo para designar exatamente esse tipo de farra com o dinheiro público, como remunerações extravagantes de servidores, contratações estapafúrdias de assessores e comitivas numerosas de autoridades em viagens ao exterior. Não faltam exemplos dessas situações na história da República brasileira. A reportagem relata que Roseana foi efetivada servidora federal graças a um “trem da alegria” assinado pelo Senador Jarbas Passarinho; diga-se de passagem, trata-se de um ato administrativo inconstitucional. Os meandros do poder estão cheios desses favores – pequenos e grandes – que os ocupantes dos cargos decisórios distribuem a si mesmos e a seus apaniguados. Tal noção de que o que é público serve ao que é privado, de modo a satisfazer pretensões e ambições de indivíduos e grupos, caracteriza o que os sociólogos têm chamado de patrimonialismo brasileiro (SOUZA, 2015).

Antes de apresentar Fernando Sarney, o narrador de *Honoráveis Bandidos* convida os leitores a uma busca rápida no *Google*, com os dizeres “Fernando Sarney”, e compartilha em seguida com o leitor que ele encontrou a manchete do *JB online*: “Polícia Federal quer ouvir Fernando Sarney” (DÓRIA, 2012, p. 31). Deste modo, o leitor do livro-reportagem é convidado na leitura em ato a desempenhar o papel de jornalista investigativo apurar, nos noticiários, a trajetória de Fernando Sarney.

Em comum, a manchete que envolvia o nome de Fernando Sarney dizia respeito a atos ilícitos no Senado, assim como o “trem da alegria” em que Roseana foi mencionada

tratava de tráfico de influência no Legislativo Federal. Ambas as notícias contradizem as palavras ditas por José Sarney em 2009, de que o nome Sarney nunca esteve envolvido em escândalos políticos. Se não era suficiente o alerta feito no primeiro capítulo de *Honoráveis Bandidos*, que os discursos de Sarney eram demagógicos, após a exposição das notícias, o leitor poderia conferir no decorrer da obra os escândalos que, envolvendo a família Sarney, respaldam a imoralidade atribuída ao senador.

O nome de Fernando Sarney estava bastante presente nos noticiários de 2012, após escutas da família Sarney, grampeadas pela PF, serem divulgadas pela imprensa. As ligações entre Fernando e José Sarney também foram, posteriormente, transcritas no livro *Honoráveis Bandidos*, a exemplo de outras citações ao noticiário também apresentadas na obra. É imprescindível considerar que essas citações têm valor fundamental na narrativa do livro que estamos analisando. Segundo Compagnon (1996), a citação é elemento de reconhecimento, de acomodação no texto, de modo que “[...] convida para a leitura, solicita, provoca como uma piscadela: é sempre a perspectiva do olho que se acomoda, do olho que se supõe na linha de fuga da perspectiva” (COMPAGNON, 1996, p. 23).

As menções ao noticiário feitas no decorrer do livro-reportagem acomodam-se no texto, documentando a sua perspectiva, segundo a qual o nome Sarney estava envolvido em vários escândalos políticos. Por conseguinte, demonstra que *Honoráveis Bandidos* manteve vínculos estreitos com as notícias veiculadas na imprensa, conforme proposição, apresentada no primeiro capítulo, sobre a relação do livro-reportagem com os agendamentos midiáticos. As fontes documentais de *Honoráveis Bandidos* ainda se amparam, em diversos momentos, em outras citações do noticiário: além dos arquivos da *Folha de S. Paulo*, há menções ao *Jornal Pessoal* de Belém, à *Carta Capital*, entre outros periódicos.

As citações de escândalos envolvendo a família Sarney em *Honoráveis Bandidos* documentam as assertivas propostas desde o início do livro, segundo as quais as palavras ditas por Sarney em discurso de posse tinham os sinais trocados. Essas citações conferem legitimidade ao caráter improbo de José Sarney anunciado na obra, uma vez que no jornalismo é comum conceder aos documentos escritos, sobretudo quando

redigidos por órgãos públicos, pela imprensa, por especialistas ou provenientes de testemunhos factuais, o estatuto de autoridade perante o tema tratado.

Entretanto, apesar de uma reportagem pressupor apuração e investigação de diversas fontes, inevitavelmente a imprensa atende a interesses particulares, conforme elucida Bourdieu (1997, p. 81):

O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre outros campos. Em outras palavras, um campo, ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos. Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais “puros”, e sobre jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles.

A lógica da imprensa, influenciada por interesses comerciais, sucede a impressão gráfica e a difusão estandardizada dos periódicos, conforme tratado no primeiro capítulo desta dissertação. Acrescenta-se à lógica mercadológica os três poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário, influenciando no cerceamento da imprensa e do direito à informação. Um dos casos, talvez o mais divulgado pela mídia, rendeu processo judicial para o jornal *O Estado de S. Paulo*, por ter publicado o áudio grampeado pela PF.

Trata-se da operação Boi Barrica que, fazendo referência ao grupo folclórico maranhense Bumbá Bonzinho Barrica, foi mais tarde rebatizada de Operação Faktor. A operação gravou áudios de Fernando Sarney, que foi indiciado por tráfico de influência, nepotismo, formação de quadrilha e lavagem de dinheiro. Entretanto, o processo judicial não foi adiante, já que as provas coletadas pela PF foram consideradas ilegais.²⁰Esses áudios foram transcritos na íntegra no livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* e apresenta para os leitores como José Sarney empregou seu expediente político para colocar pessoas próximas dele e de sua família, trabalhando no Senado Federal.

²⁰As ligações grampeadas pelo Poder Público desempenham papel ambíguo em nossa sociedade, sobretudo quando são divulgadas pela imprensa, como aconteceu na Operação Boi Barrica. Elas dividem opiniões de juristas quanto à legalidade de serem veiculadas em público, por seu caráter documental que reforça a imagem nos jornais de alguém flagrado em ato ilícito e gera comoção popular mediante interesses políticos. Exemplo desta diversidade de interesses por de trás dos vazamentos de ligações grampeadas foi uma conversa de José Sarney e Fernando Sarney, revelando como a família Sarney deixou informações vazarem para a Rede Globo, propositalmente, com o intuito de prejudicar adversários políticos.

Os diálogos e depoimentos transcritos no decorrer de *Honoráveis Bandidos* têm o papel de documentar escândalos nos quais as personagens da obra estavam envolvidas, de modo a contradizer a afirmação de Sarney, de que seu nome nunca estivera envolvido em escândalos, como já mencionado nesta análise. Insistimos nesta assertiva para propor que a reportagem e o livro-reportagem se distinguem de outros formatos jornalísticos não só por suas possibilidades de extensão e abrangência, mas, principalmente, por alimentarem, em uma narrativa, as possibilidades de *anunciar*, *enunciar*, *pronunciar* e *denunciar*, como afirmam Sodré e Ferrari (1986). Segundo os autores, embora a notícia carregue potencialidades de uma narrativa, é na reportagem, principalmente em livro, que esses elementos ficam evidentes.

Enquanto o noticiar fica restrito ao ato de anunciar um fato, por vezes em torno do *lead*, na reportagem, encontramos as peculiaridades discursivas e modos de enunciação, rompendo com a objetividade em torno de uma notícia. Estas sutis diferenças entre o anunciar e enunciar nas textualidades jornalísticas também podem ser observadas pela pesquisadora Darlete Cardoso:

Como reprodutor de fatos da atualidade, podemos dizer que o jornalismo anuncia, ou seja, dá a conhecer, comunica os acontecimentos. E faz isso através da construção de enunciados, entendidos como proposições ou expressões de idéias, em função de sua característica de interpretador desses acontecimentos da sociedade para sociedade (CARDOSO, 2001, p.2)

Em se tratando do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, reiteramos que a obra anuncia os bastidores da eleição de José Sarney no Senado Federal em 2009, mas vai além da mera exposição dos fatos e aborda detalhes que ainda não tinham sido veiculados nos periódicos. A obra ainda traz em seu bojo marcas da enunciação e contraria a perspectiva do jornalismo como espelho da realidade. À medida que a narrativa do livro-reportagem avança são apresentadas para o leitor inúmeras denúncias que colocam à prova a idoneidade do protagonista como, por exemplo, a transcrição de ligações feitas por José Sarney grampeadas pela PF.

Para cumprir as expectativas do leitor, além das citações dos noticiários e das conversas grampeadas pela PF, Dória (2012) faz uso de dados oficiais disponibilizados por órgãos do Governo. Para apresentar aos leitores um retrato do Brasil na era Sarney, o narrador começa sua investigação pelo Maranhão, onde Sarney consolidou sua

carreira política. Ele faz referência a dados estatísticos (DÓRIA, 2012, p. 57, grifo do autor) como “[...] das 100 cidades brasileiras com menor renda *per capita*, 83 são maranhenses”, ou ainda “[...] média de escolaridade em anos de estudo: 3,6 – a menor do país”.

Os dados explicitados por fontes oficiais, principalmente quando provenientes de experimentos, de pesquisas de campo e de pesquisas de opinião, têm por finalidade contextualizar e documentar as informações apresentadas nos textos divulgados na imprensa. Descrever um contexto com números e percentuais desafia a práxis jornalística. A precisão dessas fontes informacionais, sobretudo quando expõe quantidades, impede a ocorrência de mensagens dúbias e facilita a interpretação do receptor de uma mensagem. Lage (2006, p. 27) esclarece que “[...] o desconhecimento recíproco de quem redige e de quem consome a notícia reforça o empenho do detalhamento”. Deste modo, as informações quantitativas expressam interesses particulares de quem emite a mensagem, devendo ser analisadas com a mesma cautela observada em outros argumentos de uma narrativa. Assim, segundo o autor, o jornalista deve esquivar-se de elementos que variem segundo a interpretação dos leitores. E se não há consenso sobre a grandeza, utiliza-se um referencial comparativo²¹.

O livro *Honoráveis Bandidos* não só apresenta dados estatísticos, como, a partir dos dados, argumenta as origens das desigualdades sociais, tão bem representadas no anedotário maranhense mencionado na orelha do livro (DÓRIA, 2012): “Qual a pior coisa do Maranhão? A família Sarney. Qual a melhor coisa do Maranhão? Ser da família Sarney”.

O poder do clã dos Sarney e o acúmulo de riquezas das pessoas que orbitam em torno do senador são apresentados em *Honoráveis Bandidos* nos capítulos 4, 5 e 6, intitulados, respectivamente: “Primeiro pé do tripé: energia”; “Segundo pé do tripé: terra”; e “Terceiro pé do tripé: comunicações”. Além dos dados oficiais e das citações

²¹Um exemplo de referencial comparativo partiria da premissa que uma torneira desperdiçando uma gota d’água por segundo pode desperdiçar até 46 litros d’água em um dia. O jornalista, então, leva em consideração que o consumo recomendado de água é de dois litros por pessoa e, a partir desses dados, ele interpreta que os 46 litros d’água desperdiçados podem fornecer água para consumo de 23 pessoas. O referencial comparativo favorece a compreensão do leitor do impacto de dados.

ao noticiário, o livro também cita entrevistas e fontes testemunhais para compor estes três capítulos, que são exploradas no próximo item.

2.3.2 Entrevistas

Durante a narrativa de *Honoráveis Bandidos*, são citadas entrevistas com algumas pessoas próximas a José Sarney – uma delas é Aderson Lago, Chefe da Casa Civil do então Governador maranhense Jackson Lago. Quando derrotou Roseana Sarney nas urnas em 2006, Jackson se tornou Governador do Maranhão, rompendo com a hegemonia da família Sarney no poder, mas não cumpriu o seu mandato até o fim. Roseana assumiu o Governo em março de 2009, após Jackson ser cassado por abuso econômico nas eleições.

Ainda que a política do Maranhão possa ser caracterizada como repleta de reviravoltas, para os historiadores, naquelas terras, nem sempre “o feitiço vira contra o feiticeiro”. Da mesma forma que Roseana tirou Jackson Lago do Governo, Aderson Lago solicitou a impugnação da candidatura de Roseana ao Governo do Maranhão no ano de 2010, amparado na condenação dela com base na lei da Ficha Limpa²², por desvirtuar publicidade institucional para fins de campanhas políticas (causa bastante similar à improbidade que destituiu Jackson do Governo em 2009). O Tribunal Regional do Maranhão negou o pedido de Aderson Lago e Roseana foi reeleita governadora do Maranhão nas eleições de 2010.

Após essa sinopse sobre os conflitos de Aderson e Jackson Lago com Roseana Sarney, apresentamos a maneira pela qual Aderson caracteriza, em entrevista citada em *Honoráveis Bandidos*, o terceiro herdeiro (Sarney Filho) da família Sarney que,

²² Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, a lei da Ficha Limpa (Lei Complementar nº 135 de 2010) partiu de uma iniciativa pública contendo assinaturas de pessoas físicas desde o ano de 2008. Ela tem por mérito tornar inelegível a pessoa condenada por praticar atos ilícitos no Poder Público e as pessoas que estejam respondendo a processo perante a Justiça Eleitoral. Na prática, essa lei é considerada polêmica pelos próprios órgãos colegiados do judiciário. Ainda que o Supremo Tribunal Federal tenha reconhecido sua constitucionalidade, é comum os políticos que têm as suas candidaturas impugnadas recorrerem a diferentes instâncias, o que enfraquece a práxis da lei. Informações sobre a lei estão disponíveis em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=175082>>.

diferentemente de Roseana, a filha preferida de José Sarney, e de Fernando, o filho preferido da mãe Marly Sarney, passa despercebido pelos holofotes da política patriarcal:

O Zequinha (Sarney Filho) deveria ser candidato a governador na sucessão do Cafeteira em 1990. Eu (Aderson Lago) era presidente da Companhia de Águas e Esgotos e o Cafeteira criou o governo itinerante. A gente saía pelo interior, vários municípios, praças, fazia isso e aquilo. O Cafeteira praticamente obrigava o Sarney Filho a acompanhar, mas ele, irresponsável de tudo, uma cachaça louca, tinha rejeição muito grande. Não conseguia emplacar. O pai Sarney era presidente da República, o Cafeteira governador com ele debaixo do braço, o governo todo trabalhando a favor, e a rejeição dele era de 85 por cento (DÓRIA, 2012, p. 31).

Um fato curioso é apresentado nesse depoimento de Aderson Lago, transcrito no livro-reportagem. Quando Presidente da Companhia de Águas e Esgotos, ele ocupava um cargo de confiança (comissionado) no Governo de Cafeteira, aliado, naquele episódio, ao Presidente (em exercício) José Sarney. Fica claro, na leitura de *Honoráveis Bandidos*, que o jornalista procurou entrevistar várias pessoas que estiveram próximas de Sarney ou exerceram algum papel de confiança na sua trajetória política, mas que, por motivo político ou pessoal, afastaram-se dele.

Os depoimentos de Aderson Lago são um bom exemplo de fontes oficiosas, constituídas pelo relato de pessoas que ocuparam ou ocupam cargos oficiais, mas que não foram autorizadas pelas instituições a que pertencem, ou a que pertenceram, a falar oficialmente em nome delas. O uso de fontes oficiosas é comum na veiculação de denúncias pela imprensa, que não divulga nominalmente a identidade dos entrevistados dependendo da gravidade dos conteúdos publicados.

A referência a um almoço entre Palmério Dória e Jackson Lago no bairro paulistano do Bixiga possibilita explicar aos leitores como a família José Sarney passou a ser dona de boa parte das terras daquela região, já no final do Governo Sarney, em 1969. Essa entrevista é fundamental para escrita do capítulo 5, intitulado “Segundo pé do tripé: terra”, e menciona a denominada Lei das Terras²³, que evitaria, em tese, a

²³ Lei de Terras, Lei nº. 2979 de 1969 no Maranhão, em vigência no regime militar. Mais informações disponíveis no artigo Discriminação de Terras devolutas no Maranhão (COSTA, 1982). Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=8817>>.

concentração de propriedades rurais em poucas mãos e favoreceria ao trabalhador ruralter carteira assinada, o que não aconteceu na prática:

Ninguém pode ter mais de três mil hectares sem autorização do Senado. Ele (José Sarney), passara atender interesses – no começo, de um grupo do Paraná que queria grandes áreas na pré-Amazônia, madeira formidável – mandou essa mensagem e criava as sociedades anônimas, mas não definia o número de membros de cada S.A. Então, digamos, como não definiu, se a S.A. tivesse cem sócios, recebia 300 mil hectares. O vice que assumiu ficou preocupado, eu sabia de tudo, dos detalhes, porque trabalhava num hospital com o vice-governador, nós éramos cirurgiões. No fim se entrou num acordo, cada empresa teria no máximo vinte e dois acionistas, vinte e dois vezes três são sessenta e seis. E aí começou o Maranhão a ter grandes áreas entregues para grandes grupos. E o Sarney se juntou ao Abreu Sodré que saiu governador de São Paulo na mesma época (DÓRIA, 2012, p. 55-56).

Jackson Lago detalha que, quando Sarney era questionado sobre a entrega das terras do Maranhão e o aumento da concentração de proprietários, dizia prontamente que em seu Governo isso nunca aconteceu, mas sim em outro Governo. As consequências da Lei da Terra são apresentadas no livro-reportagem: por um lado, a lei teria contribuído não apenas para o enriquecimento da família Sarney, como também para o conseqüente êxodo do povo maranhense que, sobretudo nos períodos de seca, abandona o campo e vai para cidade e, depois, sem perspectivas, vai para outros estados.

A miséria do povo maranhense ressaltada no decorrer de *Honoráveis Bandidos* provém de um mosaico composto por diversas fontes, algumas das quais já foram apresentadas aqui, como: o documentário *Maranhão 66*, que traz um discurso progressista acompanhado de imagens de maranhenses vivendo com escassez de recursos; os dados oficiais do estado do Maranhão, assinalando as condições sociais precárias; o depoimento de fontes oficiosas que estiveram no cenário político, quando José Sarney governou o Maranhão; e as entrevistas concedidas por pessoas que conviveram com a família Sarney. Todos esses elementos corroboram o retrato do Maranhão, espinha dorsal da narrativa, uma vez que a imagem da política brasileira foi, progressivamente, retratada de forma semelhante.

Entretanto, essa concepção de semelhança entre as duas realidades acontece mediante esforço de quem narra ambas as histórias da política brasileira e maranhense

de modo correlato, mas não se concretiza sem a memória presumida do leitor. Sobre a recepção de uma mensagem, Lage afirma (2006, p. 18): “Ela envolve atividade de inferência, escolha de sentidos e percepção conforme o contexto da enunciação (a condição que é feita), do enunciado (o que vem antes e vem depois) e o estoque de memória do receptor”. Nesse aspecto, percebemos que os depoimentos feitos pelas pessoas que orbitavam em torno de Sarney, a captação das falas e sua publicação entre aspas, corroboram com esse quadro da política nacional, tanto quanto as citações de dados oficiais. Estes elementos incidem sobre a perspectiva da leitura, que sempre prevê uma atualização, comomencionado no capítulo anterior, uma vez que os acontecimentos políticos permanecem sendo reagendados pela imprensa.

No entanto, o livro-reportagem não assinala as terras maranhenses como principal fonte de riqueza da família Sarney, mas o setor elétrico brasileiro, também comandado por seus pares. No capítulo quarto da obra, que trata da energia, o historiador maranhense Wagner Cabral da Costa²⁴ é importante fonte testemunhal, ao revelar os bastidores do poderio elétrico controlado por José Sarney.

Wagner elucida que o “esquema elétrico” envolve não só o Maranhão, como também o nordeste e o norte do país, desde o programa Grande Carajás, durante a ditadura, envolvendo o Pará e o Maranhão, até a implantação da hidrelétrica do Tucuruí, no Pará, passando pela implantação da Vale do Rio Doce e da Eletronorte – Centrais Elétricas do Norte do Brasil SA, com uma obra bilionária, também no Pará. Esse esquema, muito bem orquestrado desde a ditadura militar, só teria se consolidado quando Sarney alcançou a Presidência da República e realizou suas devidas indicações políticas, envolvendo construtoras. O historiador menciona ainda que, vez ou outra, ocorrem ligeiros erros de orçamento no esquema. Os contratos seriam celebrados por um dos componentes da família Sarney:

É o Fernando Sarney que faz a triangulação de uma boa parte desses contratos. Quando a Alumar anunciou a última expansão dela aqui, em 2007, o anúncio da empresa foi na casa do Sarney. Fizeram uma festa lá na casa do chefe oligarca, na praia do Calhau, em frente à baía de

²⁴Wagner Cabral da Costa, professor e pesquisador da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), publicou na revista *Veja* matéria intitulada “Bem-vindo ao Sarneyquisto” (COSTA, 2011), o que provocou troca de ofensas entre Sarney e Costa na seção de leitores da revista.

São Marcos, pra dizer que ela prestigia a família e agradece os seus honrados serviços (DÓRIA, 2012, p. 45).

Uma entrevista do jornalista Lúcio Pinto também corrobora as análises de Wagner e demonstra que o cenário político no Nordeste pouco mudou. O jornalista atesta e atualiza que, em fevereiro de 2008, “[...] com a nomeação de José Antônio Muniz Lopes para a Presidência da Eletrobrás, Sarney tem o poder total do setor elétrico, de alto a baixo” (DÓRIA, 2012, p. 45). Chama a atenção que, ao tratar do setor elétrico no livro-reportagem, as fontes testemunhais não são pessoas que participaram do controle do setor elétrico, mas, em contrapartida, são pessoas que efetuaram pesquisas históricas e jornalísticas sobre o assunto. Assim, o historiador Wagner Cabral e o jornalista Lúcio Pinto desempenham no livro-reportagem analisado o papel de *experts*, termo atribuído por Lage (2001) às fontes secundárias que, naturalmente, apresentam pesquisas acompanhadas de suas perspectivas da política nacional. Diferentemente dessa classificação, podemos caracterizar o depoimento de Aderson Lago como uma fonte primária – ainda que seja uma fonte oficiosa, que não foi autorizada a falar em nome do Governo Sarney, uma vez que ele participou, ao lado de Sarney, do Governo maranhense.

Em contrapartida ao primeiro pé do tripé, que demonstra como o setor elétrico teria possibilitado à família Sarney aumentar seu patrimônio, o segundo pé indica que as políticas sobre a terra teriam comprometido o desenvolvimento do Maranhão, acentuado as condições de miséria, provocado o êxodo no campo e dado a origem à política do latifúndio. Todavia, falta a esse retrato do Maranhão o que é chamado no livro-reportagem de terceiro pé do tripé: os bastidores políticos do conglomerado de comunicação:

Para garantir cinco anos de mandato [presidencial], e não quatro como estava “combinado”, ele [Sarney] se mancomunou com Antonio Carlos Magalhães, seu Ministro das comunicações, e a dupla distribuiu nada menos que 1091 concessões de rádio e televisão. Destas, 165 “compraram” parlamentares; e 257 eles distribuíram na reta final da aprovação da Constituição de 1988 (DÓRIA, 2012, p. 61).

Desde o regime militar, concessões de rádios e televisão de grupos considerados contrários ao regime militar foram cassadas e distribuídas para grupos que apoiavam a ditadura. O que Sarney fez quando Presidente foi potencializar a prática no país que,

ainda celebrava o fim da censura e restauração dos tempos democráticos. Recentemente, os veículos de comunicação tornaram-se ainda mais relevantes para o poder instituído, uma vez que “[...] interligam atividades administrativas e financeiras; dilatam vasos comunicantes entre gigantes empresariais, governo e segmentos da sociedade” (MORAES, 1997, p. 14).

Considerada por cientistas políticos como o quarto poder²⁵ pelos temas que é capaz de agendar, a imprensa influi diretamente na comoção pública, o que torna a gestão dos veículos de comunicação interessante para os políticos, que dependem da opinião popular e de votos para serem eleitos, conforme tratamos no primeiro capítulo desta dissertação.

Para o filósofo e linguista Noam Chomsky, os canais de informação tanto constroem o consenso como constituem uma democracia de espectadores, de modo que as massas populares acabam por reagir como rebanhos orientados por interesses políticos:

Considerando o papel que a mídia ocupa na política contemporânea, somos obrigados a perguntar: em que tipo de mundo e de sociedade queremos viver e, sobretudo, em que espécie de democracia estamos pensando quando desejamos que essa sociedade seja democrática? (CHOMSKY, 2014, p. 9)

Quando a Constituição Federal do Brasil foi promulgada, em 1988, as pessoas esperavam que o país, após a censura, pudesse viver em condições de igualdade, sem que a informação fosse pautada por interesses particulares ou de governantes militares que controlavam a imprensa e a opinião pública. Todavia, a realidade rompeu essa expectativa, com meios de comunicação servindo de palanque para lançar candidatos, omitir as denúncias de algum político e, em contrapartida, espetacularizar as mazelas de adversários políticos.

Quando Jackson Lago foi eleito Governador do Maranhão, nas eleições de 2006, o Sistema Mirante de Comunicação, que pertence à família Sarney, não lhe deu um único

²⁵ Foi atribuído ao jornalismo o epíteto de quarto poder por causa do seu papel de fiscalizar e agendar temas dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Mas, para Medina (2006), o jornalismo teve de ir além do quarto poder, pela noção mais complexa de poder envolvendo a sociedade civil, o mercado, as tensões entre as microestruturas de poder e as estruturas intermediárias das decisões.

dia de tranquilidade até que ele fosse destituído do governo em 2008, o que teria sido orquestrado pelo Judiciário e pela imprensa:

Desde janeiro de 2007, sistematicamente os meios de comunicação da família [Sarney] diziam “cuidado, o processo dele está sendo julgado pelo Supremo”. Ou seja, a imagem de Sarney no Maranhão é a do homem que precisa ser temido. É um grande fantasma. Alguns colegas meus diziam na época da campanha que as pessoas não votavam em outros candidatos por medo. A imagem do medo estava colocada. (DÓRIA, 2012, p. 86)

O fato é que Roseana Sarney recebeu o diploma de Governadora em 2009, no Tribunal Regional Eleitoral presidido por Nelma Sarney, sua tia. Para o narrador de *Honoráveis Bandidos*, não restava dúvidas de que é cheia de tribulações a vida de um “sem mídia” e de um “sem toga” no Maranhão. No livro-reportagem, a decisão foi narrada como um presente de natal para Roseana no final de 2008. Quando Lago entrou com recurso no Supremo Tribunal Federal (STF) e disse que, do Governo do Maranhão, “só sairia arrastado”, uma reportagem do *Jornal O Globo* transformou o golpeado em golpista, algo que evidencia o poder da comunicação bem articulada a serviço dos interesses de Sarney. Se, para Lago, ainda pairava no ar um fio de esperança de que o Judiciário o mantivesse no poder, Sarney foi até o Amapá para um amigável café da manhã com Gilmar Mendes, Presidente do STF. O episódio favoreceu o narrador do livro-reportagem a caracterizar Lago como o político sem mídia, sem toga e sem mandato.

Ao trazer ao conhecimento dos leitores a versão de Jackson Lago da perda de seu mandato, o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* apresenta na narrativa os detalhes dos bastidores da política, que, até então, os jornais não haviam noticiado, brindando os leitores com uma versão distinta daquela divulgada pela imprensa regular, em particular, pelo Grupo Globo. Isso só foi possível a partir das entrevistas, de uma narrativa que aprofundou os temas tratados e no fluxo narrativo que combinou depoimentos, citações e inferências, à medida que as premissas eram apresentadas.

No final do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* é apresentado aos leitores uma cronologia sintetizando os principais acontecimentos da vida de José Sarney, desde o seu nascimento até o ano de 2009, quando o senador seria eleito Presidente do Senado Federal. Essa cronologia é tratada na próxima seção.

2.4 Epílogo ilustrativo

Na apresentação do epílogo ilustrativo, Palmério Dória (2012, p. 155) assinala que Sarney (e sua família) demonstra “a que não veio”. A seção, ao término da narrativa da obra, faz um resumo dos 80 anos de José Sarney, começando com seu nascimento em 1929 e terminando, 80 anos depois, na sua eleição para a Presidência do Senado Federal. Mas qual a função desse epílogo na obra?

Para Aristóteles (2005, p. 297), o epílogo “[...]enuncia que se cumpriu o que se prometera, de tal forma que se há de expor o que foi tratado e porquê”. Ainda de acordo com o filósofo grego:

[...] o epílogo é composto por quatro elementos: tornar o ouvinte favorável para a causa do orador e desfavorável para a do adversário, amplificar ou minimizar, dispor o ouvinte para um comportamento emocional, recapitular. Após ter-se mostrado que se diz a verdade e o adversário falsidades, faça-se um elogio ou uma censura, e finalmente sublinhe-se de novo o assunto (ARISTÓTELES, 2005, p. 297).

O epílogo de *Honoráveis Bandidos* recapitula em tópicos, divididos por anos, os acontecimentos já mencionados na narrativa do livro-reportagem e faz menções a outros fatos históricos que, veiculados no noticiário, norteiam a memória do leitor por meio de uma linha temporal. No ano de nascimento de José Sarney, em 1929, o livro-reportagem assinala o fatídico acontecimento da quebra da Bolsa de Nova York, que causou dificuldades financeiras para cafeicultores brasileiros; em 1959, demarca o casamento de José Sarney com Marly e a morte de Francisco Alves, primeiro intérprete da canção *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.

Ao colocar os fatos mencionados no livro em fatias temporais, com durações anuais, sincronizando os fatos em uma série contínua na qual lembranças distintas evocam-se umas às outras, a narrativa se relaciona com a memória presumida do leitor da obra que, amparado pelas divisões sociais do tempo e pelo devir da consciência, tem um quadro representativo da História do Brasil com seus respectivos desdobramentos e noções de duração. Em relação à duração do tempo e sob uma perspectiva dos seus efeitos na memória individual e coletiva, Halbwachs afirma:

[...] o que está dentro da duração, não são os objetos, mas meu pensamento que os representa para mim, e então não saio de mim mesmo. É diferente de quando uma forma humana, uma voz, um gesto, revelam-me a presença de outro pensamento que não é o meu. Então, eu teria em meu espírito a representação de um objeto de dois pontos de vista, o meu, e o de outro diferente de mim, que tem como eu uma consciência, e que dura (HALBWACHS, 1990, p. 97).

Nesta perspectiva, o autor assinala que a ação de uma segunda consciência se exerce de fora, agindo sobre uma consciência individual como um sinal que pode romper com a noção que o indivíduo tinha anteriormente do tempo e de suas durações. Esse sinal age como elemento referencial na leitura do epílogo de *Honoráveis Bandidos* e favorece que os leitores compartilhem um mesmo quadro temporal com durações similares.

A amplificação dos fatos narrados ocorre à medida que Sarney se consolida na política nacional, evento já perceptível quando o narrador conta aos leitores o que ocorre em 1965: “JS derrota Victorino Freire e vira um jovem coronel” (DÓRIA, 2012, p. 170). As tentativas de tornar o leitor favorável ao conteúdo tratado no livro-reportagem ocorrem à medida que Sarney se destaca no cenário político, como acontece em 1969: “JS impõe a lei de terras no Maranhão, que expulsará 1 milhão de maranhenses de seu torrão e abrirá caminho para o clã Sarney para amealhar fortuna e poder” (DÓRIA, 2012, p. 171).

Ao mesmo tempo em que a síntese dos acontecimentos descortina a vista do leitor, os relatos são mencionados junto a outros acontecimentos históricos, como o regime militar e os atos institucionais durante a ditadura. Interligando os acontecimentos, o epílogo dispõe emocionalmente o leitor a acompanhar os 80 anos de José Sarney à luz dos acontecimentos políticos nacionais.

A definição de epílogo por Aristóteles menciona a comparação dos argumentos do orador com os argumentos do adversário. Mas o contraditório não será assinalado no epílogo feito por Dória (2012), tendo sido, aliás, poucas vezes mencionado no decorrer da obra. Quando questionado, em entrevista, sobre as pessoas que anunciaram que iriam processá-lo por não terem sido procuradas para conceder sua versão dos fatos, como a deputada mato-grossense Telma Rufino, Palmério Dória explicita os motivos em entrevista:

Não procurei, nem vou procurar. Essas pessoas são ouvidas prioritariamente, como se diz, são “mimoseadas” pela imprensa de Cuiabá e do Brasil. O outro lado para os poderosos é livrar a cara deles. Mas quem não sabe sobre a força da grana da família Oliveira? Como se justificam as fazendas, haras, a espantosa fortuna que surgiu do nada e que eles têm a burrice de exhibir por aí? Eu já cumpri meu papel. Não sou eu quem tem de investigar, nem rastrear. Quanto à família, que eles se virem para provar a origem da “bufunfa” (DÓRIA, 2017b, s/p).

O epílogo apresentado em *Honoráveis Bandidos* apresenta uma síntese da trajetória de José Sarney a partir da exposição de elementos referenciais do livro-reportagem– sejam as citações ao noticiário, dados oficiais ou pessoas entrevistadas no decorrer do livro representando para o leitor a síntese dos elementos referenciais da obra colocados em uma sequência temporal.

Neste capítulo, apresentamos a narrativa jornalística a partir dos conceitos fundadores da notícia e da reportagem; esse termo foi utilizado por Dória (2017b) para caracterizar sua obra. Foram explicitados no decorrer desta análise as fontes que compõe o livro-reportagem, entretanto, *Honoráveis Bandidos* transcende o mero registro comum dos textos jornalísticos nos periódicos, trazendo, após o *lead*, trechos das entrevistas transcritas entre aspas, objetivando a impessoalidade do texto jornalístico.

De outro modo, *Honoráveis Bandidos* possibilita ao leitor ocupar um campo privilegiado, no qual o leitor ora desempenha o papel de jornalista que investiga por sua própria conta – nos convites ao leitor para que faça também uma busca no Google para descobrir as peripécias de suas personagens –, ora permite ao leitor compor as cenas das entrevistas realizadas em sua mente – ao revelar, por exemplo, que determinada informação foi obtida em um almoço, ou que, antes de fornecer dada informação, o entrevistado tomou um gole de vinho–, transmitindo, assim, as emoções provenientes do fazer jornalístico em cada página lida. Esses elementos utilizados na narrativa serão tratados a seguir.

**CAPÍTULO 3—AMPLIFICAÇÕES FICCIONAIS DO LIVRO-
REPORTAGEM *HONORÁVEIS BANDIDOS***

Conforme visto no primeiro capítulo desta dissertação, Dória negou veementemente que seu livro tivesse caráter biográfico, afirmando que se trata de uma reportagem. Por certo, as palavras de Dória (2017b) sobre como define a sua obra convalida o livro-reportagem apresentado como subsistema jornalístico, apresentando certa flexibilidade de tratamento do texto semelhante às reportagens publicadas nos periódicos. Contribui com as reflexões, a perspectiva de Sodré e Ferrari (1986) de que a reportagem é um gênero jornalístico privilegiado por condensar, em sua narrativa, personagens, descrição de ambientes, ações dramáticas, mas sem se desvincular da apuração dos fatos e o vínculo com a realidade.

Após tratar, no primeiro capítulo, sobre o vínculo do livro-reportagem com o sistema editorial e, no segundo capítulo, abordar as fontes que compõem o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, propomos, no terceiro capítulo, ir além da simples enumeração dos elementos referenciais e observar de que modo esse livro-reportagem se vale de uma série de dramatizações, narração, descrição pormenorizada de cenários, retratos de personagens, chegando a atribuir pensamentos e sentimentos aos personagens da obra. Essas técnicas comuns a narrativa de um livro-reportagem já foram utilizadas por vários jornalistas adeptos ao movimento New Journalism, nos anos 1960, entre eles Tom Wolfe e Gay Talese. No Brasil, o estilo também foi consagrado nas grandes reportagens da Revista Cruzeiro, Revista Realidade e nos Pasquins.

Para Dória (2012), histórias como as contadas em *Honoráveis Bandidos*, poderiam facilmente serem publicadas em algum destes periódicos adeptos ao estilo do *New Journalism*, uma vez que este estilo de reportagem publicadas em livro resgata um modo de fazer jornalismo distinto as narrativas superficiais que predomina na imprensa. Propomos, na próxima seção, observar o modo como são narradas cenas e os diálogos entre as personagens de *Honoráveis Bandidos*.

3.1 Os cenários que compõem o livro-reportagem

Para manter a proximidade com o leitor, a narrativa de *Honoráveis Bandidos* apresenta elementos referenciais e o detalhamento dos acontecimentos narrados que tanto favorecem os leitores a reconstituir os fatos em suas mentes, como também a compreender todos os desdobramentos sobre a política nacional. De certo modo, ao se valer da citação de dados precisos, a narrativa busca convalidar para o leitor a veracidade dos argumentos tratados como, por exemplo, os momentos em que são apresentados ao leitor o número exato de 1091 concessões de rádio e televisão distribuídas no Governo Sarney, no período que antecedeu a promulgação da Constituição de 1988, ou ainda mencionando os 3271 votos recebidos por Sarney em 1954, quando ele concorreu às eleições para ocupar uma vaga no Legislativo.

Deste modo, os elementos referenciais no livro *Honoráveis Bandidos* são citados à medida que os acontecimentos são narrados no livro-reportagem, ora demonstrando o vínculo narrativo com a apuração jornalística e a imprensa regular, ora apresentando na narrativa as entrevistas daqueles que testemunharam os acontecimentos narrados no livro-reportagem. De certo modo, as imagens fotografadas ou televisionadas de um acidente, o áudio da cobertura jornalística de uma enchente feita de um helicóptero por um jornalista que testemunha os fatos ou, ainda, o pronunciamento entre aspas do senador antes da eleição para a Presidência do Senado – todos esses elementos contribuem para a sensação de que o público está diante da realidade retratada pelo jornalista, seja em um livro-reportagem, ou em outros suportes.

As entrevistas e citações apresentadas no livro-reportagem convalidam a história que foi contada para o leitor, mas o modo como a história foi narrada o aproxima o público da atividade jornalística e possibilita que recrie as cenas dos locais onde as entrevistas foram concedidas para o repórter, conforme observamos no trecho abaixo do livro-reportagem:

Na Cantina Roperto, bairro paulistano do Bixiga, no começo da tarde de 5 de janeiro de 2009, encontro o governador maranhense Jackson Lago. O Roperto é seu restaurante preferido quando vem a São Paulo, e seu prato preferido ali é perna de cabrito com batatas coradas e brócolis. Estamos em vésperas de o Superior Tribunal Eleitoral promover a última e definitiva sessão, na qual os ministros da mais alta corte eleitoral brasileira lhe cassariam o mandato. Cassação meia-boca, pois ele poderia continuar no cargo enquanto aguardasse o julgamento de recursos impetrados por seus advogados, o que, em se

tratando de pendenga que envolva José Sarney, as togas do Supremo resolvem a jato (DÓRIA, 2012, p. 54).

A narrativa do almoço com Jackson Lago começa com a descrição do cenário onde o entrevistado vai depor sobre êxodo da população nordestina que abandona sua região, procurando melhores condições de vida nos centros urbanos, e termina com a inserção da entrevista com Jackson Lago, comentando que o cenário emoldurado por ele é digno dos romances de realismo fantástico.

Ainda que desempenhe papel secundário na narrativa, as menções descritivas do almoço transportam os leitores ao local onde Aderson Lago foi entrevistado, permitindo ao leitor imaginar as cenas em que a entrevista foi concedida. Entretanto, os fragmentos referenciais, vindos à narrativa jornalística em livros, impressos, rádio ou em tela, são ressaltados por um jornalista que responde à expectativa do público de saber “como o fato aconteceu”, para, em seguida, o jornalista pronunciar para o público “as consequências do que aconteceu”, revelando as linhas tênues dos atos de anunciar, enunciar e pronunciar, mencionados anteriormente nesta análise.

A mídia também faz uso dessas estratégias com frequência: combina elementos descritivos ou referenciais para, em seguida, apresentar os desdobramentos dos fatos, deixando implícita a sua posição perante os acontecimentos narrados. Exemplo do evento seria o jornal apresentar, após divulgar os índices “reais” de desemprego, o depoimento de pessoas que relatam há quanto tempo estão desempregadas e as dificuldades sociais que o desemprego traz, respaldando um discurso pessimista sobre a política econômica nacional. O efeito inverso da reportagem retro mencionada também é possível: após mencionar o índice “reais” de desemprego, o repórter apresenta o depoimento de um cidadão desempregado que abriu um negócio ou entrevista um consultor com “dicas” de novas tendências no mercado de prestação de serviços, revelando para o público um viés otimista para driblar a recessão.

As possibilidades aqui mencionadas são vistas diariamente na imprensa. Retomando o exemplo, o índice de desemprego e as pessoas entrevistadas são reais, mas a abordagem feita pela imprensa passa por uma seleção editorial mediada por critérios

de noticiabilidade²⁶ e igualmente pela subjetividade de quem redige o texto e seleciona os elementos referenciais e argumentos que compõem a sua narrativa, optando pelo que considera mais relevante para o público.

O livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* também combina as entrevistas, os dados oficiais e as citações apresentadas no decorrer do livro, com argumentos sobre a política nacional que compõe o que o livro denomina como sendo “a era Sarney”. Entretanto, há pontos de *Honoráveis Bandidos* em que o texto do livro-reportagem ultrapassa as descrições textuais objetivas, como exemplo a narração dos pensamentos de José Sarney no dia para eleição do Senado em 02 de fevereiro de 2009. Esses eventos serão tratados na próxima seção.

3.2. Os pensamentos atribuídos a José Sarney

A objetividade opera a práxis jornalística e alimenta o imaginário coletivo de que a imprensa é o lócus da produção da verdade. O “estar presente” do jornalista que coleta informações nos locais onde os eventos ocorrem e que registra os vestígios referenciais não impede que o interlocutor venha a incorporar esses elementos em uma trama, utilizando recursos expressivos para redigir o que viu, ainda que a narrativa tenha vínculo com a realidade. Ainda que esses recursos textuais coloquem em dúvida para muitos pesquisadores a credibilidade do texto jornalístico e a ética do jornalista, o próprio relato de um fato, explorado com riqueza de detalhes, oferece um viés necessariamente autoral de seleção e combinação dos elementos introduzidos no texto. As articulações de um texto jornalístico, inevitavelmente, decorrem das limitações do próprio jornalista em restituir a realidade em sua totalidade quando redige o texto:

A história de qualquer coisa é apenas o que podemos saber sobre esta coisa, jamais a totalidade. A lacuna é onipresente. O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer, e articula-se no presente, ou melhor, na presença (ou simultaneidade), onde elaboramos a memória e transformamos em discurso (PENA, 2011, p. 76).

²⁶ Pena (2008) menciona o *newsmaking* como critério de noticiabilidade, que trata diretamente de um planejamento produtivo dentro das redações, que, determinando práticas unificadas nas produções das notícias, baseia-se na seleção e na angulação dos fatos, com características de uma rotina industrial.

É justamente da elaboração de um texto, que transita inevitavelmente por escolhas subjetivas de quem redige a reportagem, que decorrem os questionamentos sobre a objetividade do texto jornalístico na área da comunicação social. Nesse aspecto, apoiam-se as reflexões feitas por Lima (2009) de que o jornalismo recebe críticas pelos diálogos que são caracterizados como mera construção ficcional.

Honoráveis Bandidos também é demarcado por eventualidades em que o livro-reportagem não se detém a narrar objetivamente os episódios que ocorriam nos bastidores da política nacional. Desde quando é narrada a eleição para Presidência do Senado Federal em 2009, no primeiro capítulo, o narrador assinala que “[...] na data em que completa meio século de carreira política, aos 78 anos, o velho coronel [José Sarney] comemora sem o menor sinal de euforia” (DÓRIA, 2012, p. 13).

Posteriormente, no segundo capítulo do livro-reportagem, o narrador retoma o sentimento de angústia atribuído a José Sarney naquela data e relata que, no dia da eleição para o Senado Federal

Não lhe saía da cabeça [de José Sarney] que o filho [Fernando Sarney] cérebro do império Sarney, transformado em caso de polícia, enquadrado pelos federais num rosário de crimes e sujeito a qualquer momento a ganhar um par de algemas em torno dos pulsos e ir para atrás das grades (DÓRIA, 2012, p. 26).

As informações apresentadas neste trecho não vieram de nenhuma entrevista concedida pelo protagonista da obra, tampouco por algum parlamentar que tivesse testemunhado Sarney proferir algo referente às suas inquietações naquela data. O narrador supõe a preocupação do senador no dia da eleição para Presidência do Senado, devido ao fato de que as denúncias contra ele e sua família vieram a conhecimento público e as descreve para o leitor do livro-reportagem, como se por mero esforço, a partir da sua observação de José Sarney, pudesse captar os pensamentos do senador no plenário.

A narrativa das inquietações que afligiam José Sarney naquele dia de votação flui na escrita do livro-reportagem por meio de pensamentos que vinham à mente do protagonista da obra de forma ininterrupta e desordenada. Os pensamentos se repetiam frente a uma mesma possibilidade: a prisão do filho Fernando Sarney. A filha do

senador, Roseana Sarney, também estava deixando o senador inquieto, por causa das articulações malsucedidas para concorrer à eleição presidencial:

No 2 de fevereiro de 2009, ao chegar ao máximo cargo do Congresso, Sarney controlava também áreas do Ministério dos Transportes, dominava a energia de ponta a ponta, preparava-se para, com ajuda de suas togas, derrubar o governador eleito pelo povo maranhense e pôr no cargo a própria filha, que havia perdido as eleições de 2006 para Jackson Lago. Mas, pensa o velho coronel naqueles momentos, até quando minha caneta terá tanta tinta quanto a caneta do presidente da República? Sua cabeça remói fatos recentes que insistem em trazer à tona da memória desagradáveis momentos que sua Roseana viveu na campanha [presidencial] de 2002. (DÓRIA, 2012, p. 99-100)

O trecho transcrito apresenta, além dos elementos referenciais (eleição de José Sarney à presidência do Senado), o contexto (controle do senador no setor de transportes e elétrico), o comentário (especula a respeito dos próximos passos políticos do senador) e a imaginação do narrador, que supõe e enfatiza novamente os pensamentos de José Sarney no dia da eleição para Senado em 2009. Além disso, o narrador atribuiu o ressentimento da personagem naquela data às lembranças de que Roseana não participou das eleições presidenciais de 2002, por vir a público seu envolvimento em escândalos de corrupção.

O narrador não se limita a atribuir pensamentos somente a José Sarney. O esforço também é percebido quando tenta reconstituir diálogos entre as personagens, conforme assinalado no fragmento a seguir:

O cenário é o Palácio dos Leões. Roseana, governadora em fim de mandato, recebe 37 pessoas para um jantar. Há um clima de euforia no ar, mas o velho pai teve um pressentimento. Algo podia dar muito errado com a candidatura da filha à presidência apesar da onda de popularidade em que surfava, dos números favoráveis dos institutos de pesquisas, que apontavam para um primeiro lugar em pouco tempo [...]. O velho senador se lembra bem daquele jantar. Seu alarma interno soou e ele chamou Roseana de lado, muito a sério, para lhe dar conselhos. Dona Marly esqueceu por momentos convivas como Pedro Paulo Sena Madureira, editor da maioria dos livros do marido [...] De orelha em pé, a mãe de Roseana ouviu o marido dizer à filha: “Olha, filhinha, você precisa tomar cuidado com seu principal inimigo”. “Quem é, paizinho? O Lula, o Serra, o Fernando Henrique?” “Não, minha filha. Seu principal inimigo é você mesma” (DÓRIA, 2012, p. 102-103).

A constituição de um diálogo no jantar entre José Sarney e Roseana Sarney, percebido pelos ouvidos atentos da esposa Marly Sarney, tinha um objetivo definido:

antecipar que, naquele momento, estavam prestes a serem revelados pela PF negócios escusos envolvendo Roseana e o seu marido. Para o leitor que constitui na mente a cena do jantar no Palácio dos Leões, pouco importa se, de fato, Sarney havia murmurado aquelas palavras para filha e se Marly estava atenta à conversa do esposo e da filha à mesa do jantar. Havia um interesse maior naquela narrativa: anunciar um acontecimento que antecedeu a reeleição de Fernando Henrique Cardoso e que tirou Roseana Sarney da disputa presidencial.

Lima (2009) argumenta que, por apresentar um diálogo em que são levadas ao extremo as possibilidades de produção do real, as críticas atribuídas ao texto jornalístico movimentam editores e estudos na área de comunicação que tentam definir, no fazer jornalístico, as fronteiras entre as possibilidades de elaboração ficcional e o real, que é proveniente da apuração objetiva dos fatos. Esses embates, segundo o autor, são comuns: Tom Wolfe também foi acusado por editores com pontos de vista ortodoxos sobre a objetividade nos textos jornalísticos e manifestou-se

[...] ironizando que os críticos estavam simplesmente aquém do que criticavam, não concebiam que se pudesse fazer jornalismo com tal nível de precisão, mas precisão que abarcava tanto a objetividade quanto a subjetividade. E este elemento, a subjetividade, a comunidade conservadora da pátria do jornalismo não perdoava (LIMA, 2009, p. 206).

Inserções narrativas que atribuem pensamentos às personagens também são percebidas em outros pontos do livro, como quando trata das desventuras de Roseana Sarney. O narrador conta que ela resolveu viajar e divertir-se, revelando que ela gosta tanto de jogar que, “[...] diante do pano verde, seus olhos verdes se integram em perfeita simbiose. O girar da roleta, o tilintar das fichas, a voz do crupiê, a emoção da aposta, naquele ambiente esfumaçado, supre-lhe qualquer deficiência emocional” (DÓRIA, 2012, p. 81).

Ainda que tamanha precisão descritiva, simulando os efeitos do vício por jogos da filha mais velha de José Sarney, os pontos de observação da personagem frente a uma mesa de jogos, a suposta emoção de Roseana não provém da apuração jornalística. Entretanto esta descrição no livro-reportagem foi relacionada aos elementos referenciais, tais como uma nota da colunista Danuza Leão, tratando das aventuras com carteados de Roseana por centros internacionais de jogatinas, chegando a viajar para os

cassinos no Paraguai. O *Jornal Pequeno* da cidade de São Luís, no Maranhão, também publicou, no dia 15 de março de 2009: “Maratona de jogatina reuniu pelo menos 10 pessoas. Roseana Sarney admite que 4 viajaram de São Luís para Brasília com sua cota do Senado” (DÓRIA, 2012, p. 82). A denúncia publicada não teve repercussão na imprensa nacional e nem foi investigada pelo Judiciário.

O narrador de *Honoráveis Bandidos* utiliza todos os elementos documentais de que teve conhecimento para apresentar na sua obra as peripécias de José Sarney e daqueles que estavam à sua volta, como quem deseja que as desventuras dele venham a público, rompendo com a imagem virtuosa que o senador persistia em apresentar. Entretanto, diferentemente das narrativas jornalísticas, que se limitam a relatos factuais, *Honoráveis Bandidos* utiliza outras estratégias textuais, como a focalização interna que designa as personagens sobre um ângulo adverso, atribuindo-lhe sentimentos e sensações ou, ainda, revela a onisciência de um episódio narrado, como os pensamentos que animavam José Sarney momentos antes da sua eleição para presidência do Senado.

A análise do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* nos permite realizar uma reflexão sobre o texto de um livro-reportagem, mostrando-nos que, na narrativa, tanto encontramos as fontes documentais, como um narrador que faz uso de ironias e, por fim, pronuncia-se a respeito do tema maior que o livro agenda: a política nacional. No próximo capítulo, tratamos como as personagens do livro são apresentadas para o leitor.

3.3A reportagem contada em um livro

Ainda que um livro-reportagem se dedique a contar uma história, Sodré (1986) elucida que há várias formas de cont -la, mas nenhuma prescinde de personagens. O protagonista do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* tem a sua imagem estampada na capa, trata-se do senador José Sarney (que ocupou o cargo de senador pelo Amapá de 1991 a 2015; já tinha sido senador pelo Maranhão de 1971 a 1985). O livro propõe contara história de um anti-herói. Questionado sobre a escolha do protagonista da obra, Dória (2017a, s/p) comenta:

Quando eu conversei com um historiador, Joel Rufino dos Santos, ele me perguntou, assim de brincadeira, “quem é o Sarney”? Parecia não ser um personagem quente. Mas ele nunca deixou de ter o poder da caneta, o poder de nomear, ele nunca deixou de indicar e de participar de todos os governos. Eles tinham a impressão de que ele era um personagem menor, isso há alguns anos antes de ele assumir o Senado. Na ditadura ou fora dela, ele sempre manteve o poder.

As palavras proferidas por Dória (2012) na entrevista fazem jus ao conceito proposto por Sodré e Ferrari (1986), segundo o qual livro-reportagem surge quando uma história mantém o interesse público. Persiste o desejo de, no livro-reportagem, desmascarar a imagem de José Sarney como herói do período de redemocratização, tantas vezes autoproclamado pelo senador. Não há dúvidas de que o senador seja o protagonista de *Honoráveis Bandidos*, mas o livro-reportagem se propõe a desvencilhar a teia que articula o poder de vários políticos no cenário nacional, já anunciado no subtítulo. Antes de apresentar os retratos das personagens do livro-reportagem analisado, tratamos das estratégias textuais utilizadas para contar a história do protagonista.

O esforço em tentar reconstituir a verdade dos fatos e apresentá-los nos periódicos faz com que o texto jornalístico na imprensa contemporânea, por vezes, se limite a fórmulas reducionistas como o *lead* e a pirâmide invertida, práticas fundamentadas nos manuais de redação dos veículos de comunicação, já tratados no capítulo anterior. O pesquisador Fernando Resende²⁷ alerta que, embora a práxis jornalista esteja por vezes envolvida em transparecer objetividade e neutralidade discursiva, chegando a apagar as marcas de quem fala, há ocorrências em que os jornalistas rompem com a estrutura do mero relato imparcial que opera na imprensa regular. Esta análise assinala um jornalista que observa e conta a história aos leitores e deixa “vir à tona, através dele [texto jornalístico], o exercício de uma tessitura mais complexa que a imposta aos jornalistas deificados” (RESENDE, 2005, p. 97).

²⁷ Fernando Resende, mestre em Estudos Literários e doutor em Ciências da Informação, dedica-se à pesquisa dos enunciados jornalísticos e aos estudos das narrativas contemporâneas em diferentes mediações.

Resende (2005) propõe esta análise a partir de uma reportagem²⁸ de Clóvis Rossi sobre o conflito entre palestinos e israelenses. Para o pesquisador, na reportagem há os rastros de um outro [narrador] que vê o cenário de guerra e conta a história do que observa aos leitores. Resende (2005) identifica, no interior da reportagem analisada, o narrador-jornalista, que é definido como “uma estratégia textual, e é no texto que ele se revela. O jornalista (autor empírico), que precisa de habilidade para saber criá-lo, faz dele o seu olhar, naturalmente, mas não se faz nele” (RESENDE, 2005, p. 98).

Quando publicada em livro, a reportagem se faz valer com mais frequência de diversas estratégias textuais. Conforme mencionado na introdução, a pesquisadora Sabrina Schneider (2007) se propôs a investigar a ficcionalização do real no livro-reportagem *Abusado*, de Caco Barcelos. Schneider (2007) utilizou na sua pesquisa um dos métodos propostos por Gérard Genette na obra *Discurso da narrativa*, conceituada na pesquisa de Schneider como “voz – as marcas deixadas no texto pelo narrador” (SCHNEIDER, 2007, p.6). A análise do livro-reportagem *Abusado* permitiu à pesquisadora perceber várias funções possíveis do narrador de um livro-reportagem no interior de uma obra: o narrador que exerce no texto a função de testemunha ou atesta um episódio, o que norteia os movimentos narrativos no tempo e espaço ou, ainda, o que narra cenas inteiras, por vezes demonstrando conhecer os pensamentos e sentimentos das personagens da obra. Por vezes, todos esses elementos são integrados no discurso do narrador no interior da obra.

Honoráveis Bandidos também traz estes elementos mencionados na pesquisa de Resende (2005) e Schneider (2007). O narrador não só testemunha a eleição de José Sarney na presidência do Senado, desempenhando a função de um narrador-jornalista, como norteia a narrativa dentro de uma noção de temporalidade, seja mencionando o ano de 2009 no início do livro, quando Sarney vence as eleições no Senado, seja retrocedendo a narrativa para contar a posse de José Sarney como governador do Maranhão em 1966 ou, ainda, quando trata dos bastidores do Plano Cruzado no governo Sarney, em 1987.

²⁸ A reportagem observada pelo pesquisador, chamada *Um corpo na calçada, uma cena de horror*, foi escrita por Clóvis Rossi, publicada na Folha de S. Paulo, no dia 13 abr. 2002. Edição impressa do Caderno Mundo. p. 20.

As estratégias textuais aqui tratadas são mais comuns em livros-reportagens, embora textos jornalísticos também possam apresentar essas características, desde que respaldados por sua linha editorial. Um exemplo são as grandes reportagens da *Revista Cruzeiro* e *Revista Realidade* nos anos 1960, ou ainda em reportagens mais recentes como, por exemplo, a escrita por Clóvis Rossi, analisada por Resende (2005).

Demarcam ambas as publicações, sejam elas periódicas ou no suporte livresco, a exploração de recursos narrativos que enaltecem novos modos de expressão no jornalismo. Tom Wolfe (2005) revela a respeito de suas práxis jornalística e de Gay Talese, nos anos 1960, que eles chegavam a permanecer semanas junto às pessoas (personagens) ou situações sobre as quais escreviam. Eles sentiam a necessidade de estarem por perto quando acontecem as cenas dramáticas e assimilar as minúcias dos ambientes, a totalidade dos diálogos, as feições dos presentes e, sempre que possível, trazer no texto para o leitor as características psicológicas e emocionais das personagens.

Tratamos, então, o modo como *Honoráveis Bandidos* se faz valer destas técnicas narrativas, sobretudo ao narrar o dia da eleição de José Sarney para o Senado Federal. O narrador, então, descreve os passos tensos de Roseana Sarney no plenário, momentos antes da votação, e os aplausos eufóricos de Wellington Salgado, revelados no momento dos discursos; com estes *insights*, o narrador questiona onde estaria a atenção dos jornalistas políticos naquele momento, que não registraram os detalhes percebidos por ele, conforme trataremos no próximo item.

3.3.1 A descrição do dia da eleição no Senado Federal

Para Sodré (1986), o detalhamento de um episódio visto por um jornalista é critério essencial para reduzir a distância entre o leitor de uma reportagem e o caso narrado. Prevalece a assertiva de que, para sustentar a narrativa, deve-se conferir detalhes e contextualizar aquilo que é reportado, sendo comum particularizar as ações e a descrição em torno de uma personagem, de modo que a narrativa desperte interesse do leitor.

Notamos, em *Honoráveis Bandidos*, que o narrador não só apresenta a trama que envolve os candidatos à presidência do Senado, como foi visto no capítulo anterior, como observa as feições dos que ali acompanhavam a eleição que vai eleger Sarney presidente da Casa: “A filha Roseana Sarney, senadora pelo Maranhão, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o mesmo PMDB do pai, caminhava pelo plenário, muito nervosa. Estava em lágrimas quando o pai encerrou sua fala” (DÓRIA, 2012, p.14). Certamente o detalhamento de cenas como esta assente à narrativa de um livro-reportagem o efeito de que a realidade se desenrola diante dos olhos do leitor, devido descrição das cenas pormenorizadas, com um narrador que se pronuncia a respeito da política nacional e vai além do mero relato objetivo.

O narrador de um livro-reportagem vai valer-se de várias estratégias narrativas, entre elas a narrativa sequencial das ações que denotam diferentes possibilidades para se contar uma história, com um texto que prende a atenção à medida que recria cada cena em sua mente. Entretanto, percebemos que o narrador de *Honoráveis Bandidos* utiliza o encadeamento das ações narradas para deixar em evidência o aspecto caricato do protagonista das pessoas que orbitam a seu redor. Após o discurso do José Sarney na eleição para o Senado, o narrador descreve um dos aliados do senador:

Os oitenta pares o aplaudiram protocolarmente, mas um deles, de um salto pôs-se de pé e bateu palmas efusivas, acompanhadas do revoar de suas melenas. Tratava-se de Wellington Salgado, do PMDB mineiro, conhecido como Pedro de Lara ou Sansão. (...) Pedro de Lara é aquela figura histriônica que roubava a cena no programa Silvio Santos como jurado ranzinza, debochado e falso moralista. E Sansão, o personagem bíblico que perdeu o vigor quando Dalila o traiu cortando-lhe a cabeleira. (DÓRIA, 2012, p. 15)

A composição de uma cena descrita com oitenta senadores aplaudindo protocolarmente, mas um senador saltando da cadeira e batendo palmas efusivas, a ponto de sua reação influir no movimento dos seus cabelos, favorece o leitor a constituir na leitura do texto uma sequência de imagens, como se elas fossem captadas e enquadradas por uma câmera de vídeo.

Aplicamos a esta análise um elemento pertinente aos estudos audiovisuais – o enquadramento. A distância entre a câmera e o objeto são projetados na mídia tendo por parâmetro o olhar do espectador e lhe permite a noção do cenário, a movimentação de uma “personagem no ambiente” em um plano médio e até mesmo das feições das

personagens, por meio do *close-up*²⁹. As narrativas contemporâneas, sobretudo quando se dispõem a descrever ambientes e personagens sequencialmente, incidem sobre o leitor sensações semelhantes.

Portanto, do mesmo modo que um jornalista cinegrafista capta imagens reais com sua câmera, para que, posteriormente à decupagem, venha a edição e a montagem de imagens sequenciais, com a sobreposição de imagens de um plano para outro, o narrador de *Honoráveis Bandidos* relata as cenas pós-discurso de José Sarney em um plano sequencial, que transita pelo plano geral (Senado Federal), aplaudindo protocolarmente, e enquadra sequencialmente em plano fechado a próxima personagem que será apresentada na narrativa: Wellington Salgado, contrastado aos demais parlamentares pelo seu comportamento efusivo.

Para Wolfe (2005), o encadeamento de cada cena em um livro, a transcrição dos diálogos, o ponto de vista e o detalhamento do status proporcionam ao leitor a sensação de que os eventos transcritos nas páginas são dotados de emoções, que ganham vida no ato da leitura. “Em letra impressa, um escritor é capaz de apresentar detalhes de status e depois cutucar o leitor para se certificar de que ele entende sua significação, e isso tudo parece muito natural” (WOLFE, 2005, p. 81). O narrador provoca o leitor a todo momento, interpelando-o sobre o seu conhecimento a respeito dos honoráveis bandidos que transitavam na política nacional.

Indubitavelmente as personagens em *Honoráveis Bandidos* tanto são caracterizadas pela descrição de sua aparência física, como, por vezes, pelas características sugeridas por meio de analogias. Como exemplo, a comparação de Wellington Salgado ao Pedro de Lara, atribuindo-lhe as características psicológicas de ranzinza, falso moralista ou, ainda, à personagem bíblica Sansão, ressaltando o cabelo como uma de suas características físicas.

Não é comum o uso de metáforas e de analogias nos textos da imprensa regular, com exceção de algumas editorias, como a esportiva e as revistas. Em suas pesquisas,

²⁹De acordo com Marcel Martin (inserir nas referências), na obra *Linguagem cinematográfica*: “O corte é empregado quando a transição não tem valor significativo por si mesma, quando corresponde a uma simples mudança de ponto de vista ou a uma simples sucessão de percepção, sem indicar (em geral) tempo transcorrido nem espaço percorrido – e sem interrupção (também geral) da trilha sonora” (2003, p. 87).

Marcia Benetti (2007, p. 40) adverte que “estamos imersos em uma ilusão de literalidade, e o jornalismo é um dos campos em que a linguagem mais exerce essa ilusão”. A pesquisadora percebe uma tensão entre o sentido literal de uma palavra e outros sentidos possíveis, e ressalta que alguns pontos de um texto podem apresentar vestígios de literalidade que tem de ser dispensada pelo leitor, já que o narrador relata o contrário daquilo que o leitor lê. Deste modo, a inserção textual só vai fazer sentido dentro de contextos similares compartilhados entre narrador e leitor. Embora o narrador de *Honoráveis Bandidos* tenha sido didático no início do livro, explicando as comparações entre Wellington Salgado e a personagem de Sansão, à medida que a narrativa do livro-reportagem avança o didatismo perde espaço ao apresentar outras personagens e cabe ao leitor acompanhar as inserções.

Por hora, cabe mencionar que o encadeamento das cenas e o detalhamento presente nas narrativas envolvem o público leitor com a história contada em uma reportagem. As tentativas de esboçar o retrato das personagens que circundam José Sarney valendo-se de metáforas e elementos literais são recorrentes em *Honoráveis Bandidos*, como veremos na próxima seção, que trata especificamente do tema.

3.4 Os retratos das personagens que orbitam José Sarney

Na leitura de *Honoráveis Bandidos*, nos perguntamos: com quantos arranjos políticos se constitui a trajetória política de José Sarney? Os filhos do coronel maranhense têm papel importante no cenário bem emoldurado pelo livro: “Roseana é muito inteligente, mas não tem bom coração; Zequinha tem bom coração, mas não é inteligente; Fernando não tem nenhum dos dois” (DÓRIA, 2009, p. 30), declara em entrevista o ex-prefeito de São Luís João Castelo.

Como vimos, não faltaram em *Honoráveis Bandidos* declarações dos desafetos de José Sarney caracterizando o retrato das personagens na obra. Nesta seção da dissertação, porém, trazemos para análise a forma como o narrador apresenta aqueles que se mantiveram aliados a Sarney, pelo menos até o livro ser publicado. Como estas pessoas provavelmente não concedem entrevistas que comprometam suas imagens, o

narrador apresenta os personagens por meio de retratos, combinando a descrição das características físicas e psicológicas, bem como fazendo uso de metáforas e comentários irônicos.

Foi exatamente isso o que aconteceu, quando o senador mineiro Wellington Salgado foi apresentado para os leitores denotando o risível de suas características físicas e psicológicas. Não há dúvidas de que o narrador fez uma caricatura do senador que, segundo ele, pareceria estranho em qualquer parlamento do mundo, por seu comportamento destoante dos demais. À medida que o narrador retrata aqueles que apoiam José Sarney, o livro forma um cenário político repleto de honoráveis bandidos denominado “era Sarney”.

Segundo Sodré (1986, p. 136), “na vida, como na literatura, há toda sorte de personagens. É natural que, vez em quando, encontremos sujeitos estranhos, de gestos grotescos e atitudes mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição”. E, em *Honoráveis Bandidos*, a descrição das características físicas e psicológicas das personagens vêm acompanhadas de comentários sarcásticos, como foi o caso dos adjetivos “bocuda” e “desbocada”, atribuídos a Roseana Sarney:

Bocuda e desbocada [Roseana]. Mal chegando às bordas do poder federal, ela presenciou o encontro em que o deputado Cid Carvalho, seu conterrâneo, pediu a Sarney apoio para o PMDB nas eleições de 1985. Cid foi enfático: “Presidente, ao senhor interessa o PMDB erecto!” Cid voltou o Planalto, semanas depois, desenhado com o fracasso de seu candidato, que não passou do quarto lugar, com apenas dez mil votos. Roseana levantou o braço, de punho fechado, em posição fállica: “Então, Cid? Cadê o PMDB erecto?” Baixou o cotovelo e o balançou, em gesto obscuro: “Broxou?” (DÓRIA, 2012, p. 28)

Conforme citado acima, é comum o narrador do livro-reportagem combinar elementos referenciais ou testemunhos coletados em entrevistas, com os adjetivos atribuídos às personagens durante a narrativa, de modo a justificá-los para o leitor. Em se tratando de Roseana Sarney, a filha predileta de José Sarney, ela é, sem dúvida, uma das personagens mais retratadas no decorrer de *Honoráveis Bandidos*. O narrador tanto apresenta as aventuras de Roseana nos bastidores do Senado Federal, como revela para os leitores um compêndio da vida pessoal da personagem no decorrer do livro-reportagem:

Quando o pai, por obra das bactérias do Hospital de Base de Brasília, que mataram Tancredo Neves num pós-operatório, viu-se guindado à Presidência da República, Roseana viveu uma época em que tudo parecia sonho. Além de gabinete ao lado do pai no Palácio do Planalto, morava com o marido Jorge Murad no Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente. Os humoristas do jornal Planeta Diário, mais tarde responsáveis pelo programa de tevê Cassetta e Planeta, a chamavam de “a Estonteante Roseana”. Sua filha adotiva, Rafaela, tinha como babá não menos que um tenente do GEB, o Glorioso Exército Brasileiro. (DÓRIA, 2012, p. 76)

A narrativa em torno da morte de Tancredo indica que, do mesmo modo que Sarney se fez valer de uma fatalidade para estar no poder, Roseana prontamente usufruiu das benéficas da fatalidade. Para o narrador, Roseana faz jus ao DNA de José Sarney. Dizia para todos que estudou na Suíça, mas todos sabiam que Roseana não dominava, sequer, outro idioma. Os comentários irônicos acerca do casamento de Roseana com Murad, caracterizado pelo narrador como um homem que participava dos negócios da família Sarney, mal é anunciado no livro e o narrador antecipa ao leitor que a união andava em crise e os escândalos recorrentes em que Murad estava envolvido revelam o desfecho da vida conjugal de Roseana:

A união com Murad, iniciada em 1976, quando Roseana era uma gatinha de 22 anos, ia mal. Os comentários, tanto sobre incursões do marido no mundo dos negócios como sobre desavenças conjugais, eram cada vez mais frequentes (...) Roseana resolveu partir. Na verdade, a saúde não estava boa, o casamento tinha acabado e ela havia reencontrado um grande amor da adolescência. Embora mais tarde, de todas as maneiras, seus assessores e companheiros de lides políticas tentassem omitir, Roseana viveu com Carlos Henrique Abreu Mendes. (DÓRIA, 2012, p. 78)

A vida conjugal de Roseana é apresentada com um tom irônico. O narrador do livro-reportagem provoca e debocha da personalidade temperamental de Roseana, descrevendo uma crise que teria feito o casamento de Roseana sucumbir e aborda as aventuras sentimentais da personagem com outras pessoas. As características físicas e psicológicas das personagens incidem na combinação de informações públicas, como as cirurgias de ovário e aneurisma, que denotam momentos em que a sua saúde estava frágil, ou os conflitos no casamento com Jorge Murad. A menção desses elementos referenciais inevitavelmente desencadeia a memória do leitor, mas, dada a ironia com que os acontecimentos são narrados, ressalta o que há de mais censurável no caráter das personagens.

Afinal, foi exatamente isso o que a narrativa de *Honoráveis Bandidos* fez ao pincelar o retrato dos honoráveis que orbitavam em torno do honorável “bandido-mor”, José Sarney. O livro-reportagem focalizou os vícios de conduta das personagens, tornando-as tão desprezíveis e dignas de deboche quanto José Sarney. Vejamos como o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* apresenta outras personagens, sobretudo quando elas são reconhecidas pelos leitores do noticiário.

3.4.1 Personagens reconhecidas pelos leitores do noticiário

No decorrer de *Honoráveis Bandidos*, o narrador interrompe a sequência dos acontecimentos encadeados na eleição do Senado Federal, em 2009, para compor o retrato das honoráveis figuras que estavam próximas a José Sarney. Algumas destas personagens já foram tratadas nesta análise, como foi o caso de Roseana Sarney e Wellington Salgado. Em comum, essas personagens eram facilmente reconhecidas nos noticiários pelos leitores, o que reforça o vínculo do livro-reportagem com a imprensa regular.

Para traçar o retrato de uma das personagens articuladas politicamente com José Sarney, o narrador intervém no relato da eleição do protagonista para o Senado, em 2009, para comentar que “este Michel Temer merece umas pinceladas” (DÓRIA, 2012, p. 16). O narrador do livro-reportagem, então, recorda alguns escândalos nos quais Temer esteve envolvido desde 1981, quando se tornou atuante na política, ao ser eleito deputado federal, como a farra das passagens que, arquivada por Michel Temer, envolvia deputados pagando passagens aéreas para amigos e familiares com dinheiro público.

Entretanto, a narrativa do livro-reportagem não se detém em apresentar dados referenciais. O retrato do presidente da Câmara eleito em 2009, concomitante à eleição de Sarney no Senado, ressalta na escrita suas características físicas e psicológicas, mesclando comentários subjetivos sobre a personagem, conforme observamos a seguir:

Michel talvez seja um dos políticos mais dissimulados do país. Não tem a arrogância de ACM [Antônio Carlos Magalhães], o sentimento

oligárquico e o provincianismo de Sarney, o pavio curto de Ciro Gomes, os ademanes gatunos de Renan Calheiros. Usa abotoaduras de Saville Road, o templo londrino dos elegantes, ou as compra em Roma, quando vai dar aulas de direito como professor convidado. O cabelo, tingido, não chega a ser ridículo com o negro asa-de-graúna do presidente do Senado, que aparece ao seu lado nos jornais do dia seguinte ao indigitado 2 de fevereiro de 2009.(DÓRIA, 2012, p. 17)

Percebemos que, diferentemente da descrição de Wellington Salgado, em que as características físicas pejorativas são combinadas aos atos efusivos e grosseiros, compondo uma imagem caricaturesca, o retrato de Michel Temer apresenta o contraste dos hábitos requintados do então deputado ao de outros políticos com personalidades extravagantes. Forma-se em torno do protagonista da obra uma trama em que cada personagem tem um retrato distinto dos demais. Já compõe esse retrato emoldurado o velho coronel (José Sarney), sua filha desbocada (Roseana), seu comparsa dissimulado (Michel Temer) e um puxa-saco de hábitos extravagantes (Wellington Salgado).

Os escândalos da política nacional em que o “educado” Michel Temer esteve envolvido, como a farra das passagens, coincidem com o adjetivo dissimulado atribuído ao deputado pelo narrador e denota que a classificação não foi gratuita. Se Wellington Salgado é comparado a Sansão, personagem bíblica, durante a narrativa, o narrador compara Michel Temer a outra personagem, de um romance literário:

No romance do cubano Alejo Carpentier, *O Recurso do Método*, o refinado e culto governante de uma nação caribenha é, ao mesmo tempo, sanguinário ditador. O jurista Michel Temer, poderoso presidente da Câmara dos Deputados na década de 1990, foi ao mesmo tempo dono de um pedaço suculento da administração pública. Foi o padrinho, o chefe, o protetor de quem operou o maior esquema de corrupção da história das docas de Santos, maior porto comercial da América Latina. (DÓRIA, 2012, p. 18)

Para compor o retrato das personagens em *Honoráveis Bandidos*, como já mencionado neste capítulo, o narrador faz uso de duas estratégias: em alguns momentos ele utiliza as palavras declaradas pelos entrevistados para traçar o retrato das personagens como, por exemplo, os depoimentos de Jackson Lago sobre Sarney Filho (Zequinha); em outros, escreve o retrato das personagens com base na observação das características físicas e psicológicas – ilustra esta segunda tática a seguinte descrição, atribuída a Temer: “meias de seda, discreto e dissimulado”. Por certo, o intertítulo da apresentação de Temer sintetiza a combinação de elementos pertinentes à descrição do

então presidente da Câmara: contempla o aspecto referencial, transita por um elemento psicológico e coincide com um narrador que se pronuncia a respeito de uma importante personagem da política nacional.

A apresentação das personagens por meio de retratos faz com que o livro apresente os bastidores da política nacional como uma teia bem articulada entre os pares. A todo momento, na leitura do livro, o leitor se depara com a interrupção da sequência narrativa, para apresentar outras personagens e compor o retrato da política nacional.

Entretanto, a descrição destas personagens em muito se difere das abordagens feitas nas coberturas jornalísticas da imprensa regular. Como exemplo, a apresentação feita do deputado Eduardo Cunha. O parlamentar foi demarcado no livro-reportagem como personagem com forte afinidade com a família Sarney. Já conhecido nos bastidores políticos como operador de caixa para campanhas eleitorais, desde a campanha que elegeu Fernando Collor de Mello como presidente da república, Cunha foi introduzido no rol político por Paulo César Farias, conhecido como PC Farias, “o tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor, de trágica memória” (DÓRIA, 2012, p. 96), assinala o narrador.

Retratado como influente operador de licitações políticas e campanhas eleitorais, Eduardo Cunha é comparado em *Honoráveis Bandidosa* uma raposa, cujo risco de ser deixada vagando no galinheiro é alertada pelo narrador. A metáfora se constrói sobre uma analogia de duas características do parlamentar: a habilidade de manipular dinheiro público e a flexibilidade com que opera negócios com quem quiser. A palavra “escrúpulos” não pode ser assinalada no currículo do deputado retratado como articulador da campanha de Collor para presidência no fim dos anos 1980. Ele teve seu nome relacionado a nomeações irregulares na Eletrobrás nos anos 90, à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Correios e ao esquema denominado pela PF como “mensalão”, antes do lançamento do livro.

Por certo, são tantas personagens compondo o retrato do Brasil na era Sarney, além dos já apresentados, que difícil seria engendrar todas. Deste modo, assinalamos as diferentes técnicas utilizados para apresentar as personagens para os leitores, durante a narrativa. Várias vezes seus retratos se sobrepõem, como é o caso de Wellington

Salgado, que teve seu retrato interrompido para apresentar o de outro honorável: Renan Calheiros.

Mas o cabeludo senador [Wellington Salgado] chegou à ribalta em 2007, justamente como aguerrido integrante da tropa de choque que salvou o mandato de Renan Calheiros, então presidente do Senado e estrela principal do episódio mais indecoroso daquele ano, com amante pelada na capa da Playboy, bois voadores e fazendas-fantasma. O alagoano Renan, com uma filha fora do casamento, que teve com a apresentadora de tevê Mônica Veloso, bancava a moça com mesada paga por Cláudio Gontijo, diretor da construtora Mendes Júnior. Ao tentar explicar-se, Renan enredou-se em notas frias, rebanho superfaturado, rede de emissoras de rádio em nome de laranjas, enquanto Mônica mostrava aos leitores da revista masculina da Editora Abril a borboleta tatuada na nádega. (DÓRIA, 2012, p. 15)

Estes desvios propositais feitos na narrativa permitem ao leitor interpretar o contexto político nacional envolvendo vários nomes conhecidos do noticiário. Para Maria Lúcia da Cunha de Oliveira Andrade³⁰ (2000), trata-se de um ponto de perspectiva considerar a digressão do fluxo informacional, uma vez que

[...] implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo, ou seja, o assunto da atividade textual) por outro domínio diferente, que suspende momentaneamente aquele domínio anterior, colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal (ANDRADE, 2000, p.100).

A pesquisadora propõe que o deslocamento e a focalização no ato da digressão ocorrem com as marcas de um narrador, que faz emergir algo do entorno e o transfere para o contexto situacional. Isto ocorre em diversos momentos em que o narrador direciona seu comentário para o leitor e afirma que dada personagem merece uma pincelada; assim, passa a descrever suas características físicas e psicológicas, emoldurando algum escândalo em que esteve envolvida. Foram utilizadas estas estratégias narrativas para apresentar Michel Temer e Renan Calheiros.

À medida que os retratos das personagens são apresentados em *Honoráveis Bandidos*, o narrador mostra a teia política característica da “era Sarney”. Após apresentar Renan para os leitores, o narrador associa a sua imagem a Fernando Collor,

³⁰Professora da área de Filologia e Língua Portuguesa (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

narrando os acordos feitos entre eles para lançar a candidatura deste à presidência em 1989, atacando diretamente o governo do ex-presidente José Sarney. Assim como a digressão, o deslocamento temporal também é uma das características do livro-reportagem analisado. Na metade do livro, a narrativa retrocede à eleição de José Sarney para presidência do Senado Federal em 2009, tema do primeiro capítulo de *Honoráveis Bandidos*, quando o narrador comenta que tanto o mundo “dá voltas” como, vinte “voltas” depois, estariam todos no mesmo “balaio”, com Renan e Collor apoiando para presidência do Senado o ex-presidente do país (Sarney), criticado por eles em 1989.

As pausas que o narrador faz para apresentar as personagens e as reviravoltas que ora colocam as personagens como aliadas, ora em posições antagônicas, favorece a postura dos leitores, sempre à espera de um desfecho que revele ao público as redes de intrigas que os mantêm no poder. A política nacional é apresentada à semelhança das eleições no Senado Federal, pois as personagens apresentadas na obra estão interligadas pelos mesmos interesses políticos. Assim, o retrato do Brasil se assemelha ao novelo discursivo feito por José Sarney momentos antes de vencer a votação que o levou à presidência da casa pela terceira vez.

Entretanto, havia pessoas que orbitavam a trajetória política de José Sarney e eram desconhecidas dos palanques eleitorais, das sessões da Câmara e do Senado, ou não estavam frequentemente nas páginas do noticiário político, como os aqui já mencionados, o que não impede que seus retratos sejam pincelados no decorrer de *Honoráveis Bandidos*.

3.4.2 Ilustres desconhecidos

Nem todas as personagens apresentadas em *Honoráveis Bandidos* tinham o costume de serem estampadas nos editoriais de política da imprensa regular. Deste modo, para apresentar o retrato destas personagens são realçadas as descrições físicas pormenorizadas, para que os leitores, mesmo não identificando as suas imagens na memória, possam imaginá-las dentro de um cenário.

É exemplar desta técnica utilizada na narrativa do livro-reportagem a seção intitulada “Secreta, o reboletivo”:

Seu nome é Amaury de Jesus Machado, mas pode chamá-lo de Secreta que ele gosta – forma abreviada de secretário. Aos 51 anos, funcionário do Senado, Secreta mora na cidade-satélite do Guará, onde dispõe de um plantel de garotões musculosos e amestrados (...) A reboletiva figura anda cheia de jóias de ouro, colares, pulseiras. Goza de absoluta confiança de Roseana e de toda a família Sarney. Faz o estilo “cunhã”. Mas chamar de mordomo fica mais chique. Secreta recebe do Senado como “assessor de gabinete”, mas trabalha na casa de Roseana. (DÓRIA, 2012, p. 71)

O desvio de função do funcionário do Senado Federal foi até noticiado pelo *Jornal O Estado de São Paulo* em junho de 2009³¹, mas a denúncia não teve repercussão pública, o que faz de Amaury uma personagem anônima na política nacional. Roseana dizia, quando questionada, que ele era seu afilhado, ia a sua casa quando precisava, algumas vezes durante a semana; que era motorista noturno do Senado e lá ganhava bem. O narrador conta aos leitores de *Honoráveis Bandidos* que Amaury chegou a trabalhar no Palácio da Alvorada quando José Sarney era presidente. Conta que, certa vez, “[Secreta] promoveu uma festinha com dois garotos na mansão do Calhau, em São Luís, que ele tinha ido arrumar para uma ida do então presidente. Os rapazes aproveitaram para amarrar Secreta e roubar a mansão. Coisas da vida” (DÓRIA, 2012, p. 71).

As descrições das personagens, ressaltando características rudes como comportamento desonesto e prevaricação do dinheiro público, justificam o que torna estas personagens desprezíveis. Portanto, durante as caracterizações das personagens, certos episódios são repetidamente ressaltados pelo narrador, como as meias de seda e as abotoaduras Saville Road usadas pelo requintado Michel Temer, os “pitís” e “faniquitos” atribuídos à desbocada Roseana Sarney ou, ainda, os garotos musculosos que sempre acompanham o Secreta Amaury. Todos os aspectos caricatos das

³¹ Menciona parte do texto publicado no jornal “O Estado de São Paulo” no dia 20 de junho de 2009: “O mordomo [tratado em outros pontos da reportagem como *Secreta*] da casa de sua filha, Roseana Sarney, ex-senadora e atual governadora do Maranhão, é um servidor pago pelo Senado. Deveria trabalhar no Congresso, mas de 2003 para cá dá expediente a sete quilômetros dali, na residência que Roseana mantém no Lago Sul de Brasília” (DÓRIA, 2012, p. 71).

personagens de *Honoráveis Bandidos* compõem uma sátira sobre a política pública brasileira.

Outra personagem desconhecida dos holofotes e apresentada no denominado capítulo “Rosa choque” é o colunista social maranhense Pergentino Holanda. Ele é mencionado no intertítulo da sua apresentação: “Tão fresco, que é phresco”. A partir desta menção, vem a seguinte descrição:

Pergentino Holanda é aquela figurinha carimbada. Não se trata daqueles que fazem mal aos outros, mas, seguramente, faz muito bem a si próprio. Desfila pelas velhas e estreitas ruas da ilha de São Luís ao volante de uma luzente Mercedes-Benz último tipo, vindo de uma cinematográfica propriedade nos arredores da ilha. PH faz e desfaz da society maranhense. Aos domingos, em O Estado do Maranhão, assina um caderno, onde seu monograma é contornado por uma estrela dourada. Estrela das grandes, cintilante. PH, saibam todos, depois de Roseana, é a maior estrela do Maranhão. Seus aniversários são bancados por amigos generosos. Um banca a bebida; outro, o bufê; algum deslumbrado manda imprimir os convites na necplus ultra tipografia Paul Nathan, do Rio; outro maceteia as passagens de alguma empresa aérea e o PH traz seus convidados do sul. Todo o mundo de gala e suando em bicas. Igualzinho Manaus, um calor das trevas dos infernos e a canalhada toda tomando o champanha que o Edemar Cid Ferreira, aquele do Banco Santos, pagou superfaturado, e o pessoal se achando o máximo. Mas o PH virou um grande lobista. Ganha os tubos. Se abrirem uma caixa-preta, não tem como justificar a imensa riqueza. São raros os colunistas que passam pelo imposto de renda. Nem eu! (DÓRIA, 2012, p. 70)

Reinaldo Loyo, colunista social amazonense, contribui para compor o retrato da personagem de Pergentino Holanda, mas, como transcrito acima, a descrição mescla elementos referenciais com comentários irônicos que debocham da personagem por suas características físicas e psicológicas. Em todos os casos, sejam as personagens conhecidas ou não do noticiário, pelo menos um episódio de corrupção é revelado ao leitor junto as suas descrições físicas e psicológicas.

Entretanto, uma das personagens de *Honoráveis Bandidos* não é apresentada por meio de retrato curto, como aconteceu com Michel Temer, Wellington Salgado e Pergentino Holanda, e tampouco por entrevistas, como a concedida por João Castelo sobre os filhos de José Sarney. Trata-se Sarney de Araújo Costa, pai de José Ribamar Ferreira de Araújo Costa. José Ribamar é conhecido nas urnas que o elegeram como José Sarney. O pai do político José Sarney é descrito em *Honoráveis Bandidos* a partir do anedotário maranhense, que será tema da próxima seção.

3.4.3 Personagem em um anedotário

“Uma história alegre o anedotário político maranhense desde os idos de 1950” (DÓRIA, 2012, p. 23), anuncia o narrador. Trata-se da história do desembargador Sarney Costa, andando pelas ruas de São Luís, no Maranhão, carregando em uma das mãos alguns livros e em outra mão uma caixa de madeira em formato de pirâmide, com o topo cortado e um tampo com a fenda no centro³².

Sarney Costa “só largava a caixa e os livros se passasse em frente de alguma igreja, para poder ajoelhar-se e fazer o sinal-da-cruz”, alerta o narrador (DÓRIA, 2012, p. 23). Quando o questionavam sobre o que ele levava dentro da caixa, o desembargador respondia que aquela era a urna do seu filho Zé. A precisão da narrativa que alegria o anedotário maranhense nos faz imaginar essa personagem icônica que perambulava nas ruas maranhenses.

A anedota é conhecida como narração breve e jocosa de um fato histórico ou imaginário. No Brasil, a anedota teve influências da cultura portuguesa e, segundo Carlos Nogueira (2005), é considerada pouco nobre ou digna por muitas pessoas. Tratando-se da anedota do desembargador Sarney Costa narrada no livro *Honoráveis Bandidos*, possivelmente³³ estamos falando de registros orais rememorados no senso comum, contados em rodas de conversas coloquiais e transmitidos entre gerações que, certamente, agregam novos elementos verossímeis ao contá-las para outros ouvintes.

“O povo aumenta, mas não inventa” (DÓRIA, 2012, p. 24), alerta o narrador sobre a anedota da urna do Zé. Entretanto, o narrador apresenta esta anedota como quem deseja contar algo curioso, inusitado, sobre a origem de José Sarney, não o político que completou 50 anos de vida pública, mas o que antecedeu os 50 anos mencionados em

³² Descrição feita na obra por Palmério Dória e citada indiretamente.

³³ Dizemos “possivelmente” já que em nossas pesquisas não encontramos registros escritos da anedota, a não ser em *Honoráveis Bandidos*. Dória (2012) denomina a história como anedota, contando-a brevemente para os leitores e incitando o aspecto jocoso da origem de José Sarney.

discurso para eleição da presidência do Senado e que o senador não testemunhou aos seus pares no dia 2 de fevereiro de 2009:

A parábola da urna evidencia a quem José Sarney deve sua carreira política. Ele começa sem identidade própria. É apenas o “Zé do Sarney”, por sua vez com tal nome registrado porque o avô do nosso herói, diz a história, quis homenagear um inglês ilustre que aportou a serviço no Maranhão e a quem todos chamavam de Sir Ney. (DÓRIA, 2012, p. 24)

A história intitulada “a urna do Zé” contempla o risível e a ridicularização dos hábitos do desembargador Sarney Costa. Ainda que esta etapa da história de José Sarney seja narrada com uma anedota política, o narrador combina a anedota ao testemunho de quem esteve perto deles e conhece a história do desembargador Sarney Costa. Aderson Lago é mencionado por Dória como “memória viva” da origem de José Sarney e como a carreira política do senador se consolidou:

Ele começou como oficial de gabinete do governador Eugênio Barros, trabalhava no Palácio. Pela influência do pai, sempre. Ele foi oficial de gabinete porque era brilhante? Não. Sim porque o pai era desembargador e a Justiça no Maranhão estava sempre atrelada ao governo. (DÓRIA, 2012, p. 24)

Quando se elege Deputado Federal em 1958, o protagonista da obra já não é mais José Ribamar. Ele utiliza o nome do pai, não o “Zé da urna” que animava o anedotário político, mas José Sarney, em referência ao pai desembargador no Maranhão. Além do anedotário político, o livro-reportagem faz uso de um elemento opinativo publicado na imprensa: as charges. Este tema será tratado na próxima seção.

3.4.4 Personagem apresentada por charges

Para o pesquisador Paulo Ramos (2009, p. 21), “a charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário e, de certa forma, recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual”. Tratando-se dos periódicos, é compreensível as charges se relacionarem a conteúdos tratados na imprensa, já que o contexto pode coincidir com outras leituras feitas no suporte. Por esse motivo, é tão comum nos depararmos com charges no rodapé dos periódicos,

publicadas próximas a outros textos opinativos como, por exemplo, artigos, editoriais e cartas aos leitores. Prevaecem nas charges dos periódicos os temas relacionados aos bastidores políticos e críticas ao comportamento social.

Assim, as charges revelam o olhar crítico do interlocutor sobre as questões políticas e culturais por ele agendadas. Elas mobilizam em seus discursos elementos verbais e não verbais e dispõem de humor, fruindo em seu conteúdo de uma fina camada de ironia e crítica social sobre assuntos pertinentes à atualidade. A rapidez com que o interlocutor executa a leitura de uma charge (texto e imagem) não limita as suas possibilidades de interpretação, tendo em vista a intertextualidade, o caráter ideológico e persuasivo e o humor que lhe são característicos.

A pesquisadora Elcemina Lúcia BalvediPagliosa (2005) considera oportuno o estudo do texto de humor por agendar temas sociais controversos. A autora tanto conceitua a charge como “crítica a um personagem, fato ou acontecimento político específico, circunscrita a uma limitação do tempo”, como observa com frequência a caricatura como elemento constituinte da charge que, segundo a autora, “é compreendida como exagero proposital das características marcantes de um indivíduo” (PAGLIOSA, 2005, p. 117). Quando Itamar Franco ocupava o cargo de presidente do país, eram comuns as charges que o apresentavam ressaltando os seus cabelos (topete), acompanhado de um Fusca (voltou a produção do veículo atendendo seu pedido) ou falando o “dialeto mineiro”. As características comuns na caricatura do presidente compuseram a maioria das charges que o mencionava nos jornais.

O ímpeto de exagerar, prover uma caricatura das personagens e ironizar os acontecimentos da política nacional percebidos nas charges publicadas no noticiário também foi apresentado em *Honoráveis Bandidos*. O narrador interrompe a transcrição do áudio da operação Boi Barrica, para apresentar o que chama de: “Um retrato do Brasil na era Sarney com charges de Paulo e Chico Caruso” (DÓRIA, 2012, p. 128).



Charge 1

A primeira charge apresentada no livro-reportagem (Charge 1) traz Sarney contemplando o retrato pintado de Roseana Sarney. A imagem faz referência ao gosto de José Sarney pelos objetos de arte e, reciprocamente, faz referência aos conteúdos já apresentados no livro-reportagem. Antes de apresentar essa charge, o narrador menciona, no terceiro capítulo da obra, o gosto de José Sarney por “obras de arte”:

Quem entra na mansão de Sarney imagina tudo, menos uma residência. Com mania de colecionar anjinhos barrocos e outras antiguidades, chegou a retirar o portão de ferro fundido do cemitério Alcântara, tombada pelo Patrimônio Histórico, e levar para casa como peça de decoração. Quando o visitou, o ex-presidente socialista de Portugal, Mário Soares, levado à mansão, depois de um tempo de espera perguntou a Fernando Sarney: Agora vamos à casa do presidente Sarney? Pensou que estava num museu. (DÓRIA, 2012, p. 27-28)

Para Pagliosa (2005, p. 118), a charge condensa várias informações, “cujo entendimento depende de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento em que se estabelece a relação discursiva entre produtor e receptor”. Dessa perspectiva, a autora assinala que a mensagem em uma charge só é decodificada na medida em que o

leitor relaciona a mensagem com outros contextos. No caso, para o leitor de *Honoráveis Bandidos* que acompanhou o gosto de Sarney por arte na descrição da sua mansão apresentada no livro-reportagem ou que já leu sobre o gosto por arte do senador nas páginas dos periódicos, seria fácil compreender o contexto da charge.



Charge 2

As caricaturas de José Sarney e Luís Inácio Lula da Silva, também apresentadas no livro (charge 2), demonstram que a proximidade entre os dois, representantes respectivamente do Legislativo e do Executivo quando Lula era presidente do Brasil, era nitidamente ambivalente e motivada por relações políticas e de poder: Sarney foi representado no desenho consideravelmente maior que a figura do então presidente Lula, envolvendo este entre seus braços, não permitindo Lula se desvencilhar e tomar decisões políticas sem a interferência do Senador.

Lula só é apresentado no livro-reportagem por meio de charge, o que certamente implica a compreensão da personagem nos bastidores da política nacional e em torno de José Sarney. Pagliosa (2005) considera, em sua pesquisa, que a combinação de elementos visuais mínimos entre si, feitos por um desenhista ao compor uma imagem, favorece a produção do sentido humorístico feita do texto chágico, algo que é bem representado no “abraço” entre Lula e Sarney (charge 2).

Ainda que vinculada com a realidade que certamente possibilita sua compreensão, a charge encena um quadro ficcional, não tendo compromisso com a exata representação factual, conforme elucidou Ramos (2009). Para o leitor, não importa se Lula e José Sarney selaram um acordo político através de um abraço, maso que a imagem representa: as relações dúbias que aquela imagem narra sobre o apoio político e os elogios que ambos concediam um ao outro durante o Governo Lula.

Tratando-se do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, percebemos não só a crítica à política nacional, mas também a crítica à imagem literária de José Sarney. Em outra charge, Sarney ocupa o papel de pintor (anexo 3), apresentando sua obra a uma cidadã que lhe dá os parabéns, mesmo assumindo não ter entendido do que a obra do senador trata, como observamos a seguir:



Charge 3

A imagem figurativa de José Sarney ocupando o papel de pintor na charge não é uma crítica ao político, mas ao lado artístico de José Sarney, que, ocupando uma posição literária de prestígio, foi alvo de elogios e críticas literárias. Sarney recebeu tanto as congratulações de Josué Montello sobre suas produções literárias, como críticas

de Millôr Fernandes (2017, s/p), que disse que, “em qualquer país civilizado, *Brejal dos Guajas* [livro de Sarney] seria motivo para *impeachment*”³⁴.

Por vezes, o retrato de José Sarney trata não apenas das peripécias políticas proveniente dos 50 anos de vida pública, mas de situações relacionadas ao ofício literário da personagem, como visto na charge (anexo 3), de sua vida pessoal e origem familiar – todos elementos constituintes de seu retrato emoldurado na política nacional. No próximo item, tratamos do modo como o narrador de *Honoráveis Bandidos* caracteriza o retrato do protagonista da obra, incluindo o epíteto honorável bandido, também atribuído ao senador.

3.4.5O retrato de José Sarney e o epíteto honorável bandido

Nesta dissertação, já tratamos o modo como o livro-reportagem apresenta os três filhos de José Sarney: Roseana, Fernando e Sarney Filho. No entanto, poucas menções são feitas na obra a Marly Macieira, esposa do protagonista desde o dia 12 de julho de 1952. Porém, eventualmente um breve fragmento do livro traz um comentário de que a esposa do senador pensou que São Paulo também fosse seu feudo, assim como Maranhão. O narrador, então, aproveita a inserção do episódio para apresentar o retrato da devotada esposa (DÓRIA, 2012, p. 91-92):

Melhor pensar em Marly, a devotada, ou em Kyola, a extremosa. Marly, companheira há 57 anos, capaz de, em público, no Rio de Janeiro, abaixar-se durante uma cerimônia na igreja da Candelária e amarrar o cadarço do sapato do marido, que se soltou. E capaz de, em público, promover uma saia-justa federal. Ia acontecendo no primeiro encontro entre dois Josés, Serra e Sarney (...) Quanto a Serra, já governador de São Paulo, em agosto de 2007 passou uma camada de óleo de peroba no rosto e (...) compareceu à badalada pré-estreia de *O Dono do Mar*, com todo o elenco do filme dirigido por Odorico Mendes (...) Marly Sarney confessou que, apesar de sua notória finesse, sentiu por alguns segundos o impulso de expulsar o governador paulista do recinto. Foi por um triz. O marido, lembrando-lhe que não estavam em seus feudos, conseguiu contê-la.

³⁴ Ambas citações de Montello e Fernandes estão disponíveis em <http://www2.uol.com.br/millor/aberto/textos/004/007_02.htm>. Acesso em 20 maio 2017.

Certamente, a cordialidade e cumplicidade de Marly para com o esposo não fizeram dela uma personagem tão relevante, se comparada com a atenção dedicada aos filhos e aos políticos aparelhados em torno de José Sarney. Por outro lado, o livro-reportagem ressalta que, embora o senador estivesse casado com a servil e defensora Marly há meio século, o matrimônio não o impediu de se interessar por uma funcionária da TV Globo, a relações públicas Ana Maria Roiter. Conta o narrador que “José Sarney que então desfilava sua recente imortalidade [Academia Brasileira de Letras] pelos corredores da Vênus Platinada, a sede da emissora no Jardim Botânico, se derretia quando Ana Maria, mais imponente que a Estátua da Liberdade, ia recebê-lo” (DÓRIA, 2012, p. 90).

Para contar as desventuras afetivas do protagonista da obra, o narrador debocha das investidas malsucedidas do senador, já que a falta de interesse de Ana Maria por Sarney era notória para quem testemunhou a insistência com que o senador a procurava no ambiente de trabalho. Chama a atenção que, ao tratar do flerte de José Sarney, o narrador é sarcástico, revelando aos leitores os pormenores da intimidade e personalidade da personagem:

O senador tinha lá suas esperanças [relativas a Ana Maria]. Talvez o jaquetão de seis botões, de agente funerário, que ainda ostentava, amolecesse um dia o coração da moça. Ou quem sabe a tintura que lhe dava um estilo asa-de-graúna calasse fundo na alma da musa, uma tintura natural que lhe passou havia anos o jornalista Napoleão Saboya. E Sarney achou que seus sonhos poderiam concretizar-se em Nova York – o senador delirava só em pensar na realização de seu fetiche sexual: lambidas em seu hálux, ou, na linguagem popular, o dedão do pé. E rumou esperançoso para a capital do mundo ocidental, entre os convidados da Globo para a entrega de um daqueles prêmios internacionais, em tempos de boca-livre total. Sem brincadeira: Sarney nesse dia vira marimbondo de fogo. (DÓRIA, 2012, p. 90-91)

A descrição de José Sarney, comparando seus trajes às roupas de um agente funerário ou realçando para os leitores os cabelos tingidos da personagem e ressaltando que esses elementos poderiam contribuir para conquistar Ana Maria, demonstram a potencialidade irônica, tendo em vista o sentido contrário e risível do retrato do senador. São, então, insinuadas as fantasias sexuais que Sarney teria com Ana Maria, mesmo após a narrativa ter exposto o insucesso das investidas e a divergência dos atributos físicos de José Sarney, com seus cabelos tingidos, e Ana Maria, esguia como a estátua da liberdade.

O narrador, então, revela o desfecho da noite em que Sarney intensificou suas investidas amorosas:

Segue no vácuo de Ana Maria no elevador e no corredor que leva aos quartos [do hotel]. E aplica o velho golpe do pé na fresta da porta quando ela vai fecha-la, irritada, mas mantendo a calma absoluta. Pela fresta, só aparece meio rosto de Ana Maria, meio esportiva, Sarney ainda tenta argumentar: “Mas... Ana Maria” Sem a menor cerimônia, Ana Maria sapecou-lhe: “Senador, PDS não!” E bateu a porta na cara do imortal. Não é boa lembrança esta. (DÓRIA, 2012, p. 91)

Os comentários satíricos do narrador ridicularizam as investidas malsucedidas do protagonista e denotam a crítica humorística tecida na narrativa que, para descrever o protagonista, trata tanto de episódios da vida pessoal da personagem como dos bastidores políticos. O tom irônico identificado na narrativa é notoriamente moral, já que incide sobre a idoneidade das personagens, apresentadas como politicamente corruptas, por fazerem uso indevido do dinheiro público, e ainda indecorosas, já que o público, quando as elege, espera que desempenhem suas funções privilegiando a população, em vez de atender a interesses privados. Quando a narrativa incide sobre a vida pessoal das personagens, predomina o caráter jocoso, tais como as desventuras afetivas de Roseana e José Sarney.

As investidas de José Sarney seguindo Ana Maria até o seu quarto de hotel e o meio rosto dela apresentado na fresta da porta segurado pelo pé do senador denotam o uso, novamente, do enquadramento das cenas narradas em *Honoráveis Bandidos*. Em seguida, menciona sequencialmente que Ana Maria “bateu a porta na cara do imortal” (DÓRIA, 2012, p. 91). Considerando que compor a lista de imortais na Academia Brasileira de Letras (ABL) era um dos motivos de maior orgulho para José Sarney, o narrador insinua que a distinção não foi suficiente para que o senador não passasse pela situação vexatória de receber um “não” de Ana Maria sobre suas investidas amorosas.

Assim como o epíteto imortal, ressaltando que José Sarney era imortal da ABL, vários epítetos são utilizados no decorrer do livro-reportagem para tratar da protagonista da obra. Houve a comparação de Sarney e o título do seu livro *O dono do mar*, comentando que o senador, dono das terras (maranhenses), é também dono do mar. Pesa sobre o protagonista da obra o fato de, além das terras e do mar nas costas maranhenses, a família Sarney controla o setor elétrico e de comunicação.

Em uma perspectiva histórica, é atribuído o epíteto filhote da ditadura, rememorando ao leitor o apoio que Sarney teve do exército em 1965 para se tornar governador do Maranhão em 1966. Somemos às comparações explícitas feitas ao senador a referência às terras que José Sarney passou a ter após a sua incursão no poder político, quando eleito governador do Maranhão. Isso só aconteceu depois de críticas ao Vitorino Freire em seu pleito político, a quem Sarney se referia como coronel durante a campanha eleitoral. Deste modo, o narrador vai atribuir à personagem o epíteto “neocoronel”, designando-o como novo coronel no estado, a partir dos anos de 1960.

Se a compreensão da ironia e da metáfora está interligada ao contexto, o epíteto demonstra a intenção de caracterizar uma personagem por meio de uma única expressão que a defina e que lhe faça jus, podendo o prenunciador de um epíteto fazer valer, se assim desejar, de elementos metafóricos para caracterização. Acrescenta-se aos epítetos velho coronel (50 anos no poder), neocoronel (substituiu outro coronel maranhense, Vitorino Freire), e imortal (ABL), a comparação do senador aos ditadores latinos americanos. A analogia está relacionada com a imagem de José Sarney no dia em que ele foi eleito Presidente do Senado, trajando terno e óculos escuros, imagem da capa do livro.

Contudo, o epíteto honorável bandido é utilizado para nomear o livro-reportagem e relacioná-lo às figuras que lançam mão de todas as artimanhas para chegar ao poder. O termo já utilizado anteriormente por Karl Marx em 1894 refere-se às pessoas que usufruem do poder público, associam aos financistas e banqueiros para explorar a população e a produção nacional. Por certo, honorável bandido sintetiza o tema que se trata o livro e as personagens que, conforme menciona no prefácio da obra Mylton Severiano (DÓRIA, 2012, p.12)

(...) conseguem sentar nas cadeiras mais insuspeitas, dignas das pessoas mais honradas. Empréstam seus nomes a ruas, escolas, edifícios públicos, rodovias, até cidades. São aqueles que, de tanto triunfar na ignomínia, Rui Barbosa inculpa de levar gente honesta a ter vergonha de ser honesta.

A descrição proposta no livro-reportagem tem por objetivo propor a reflexão: como os brasileiros permitem que esses bandidos, que corrompem o dinheiro público, sejam eleitos para postos honráveis como senador, governador e até presidente da república? Havia uma expectativa, ao narrar a trajetória do honorável bandido José

Sarney e dos seus comparsas, de que o político há mais tempo em atividade política no país tivesse seus crimes revelados para a sociedade e viesse a sofrer as consequências de todos atos imorais praticados. Trataremos desta expectativa no próximo item.

3.5. A descida ao inferno de um honorável bandido?

Como visto anteriormente, o título do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* faz menção as pessoas que ocupam lugares privilegiados no poder público e destoa a sua finalidade para favorecimento pessoal. A representação foi aplicada aos filhos de José Sarney, os políticos e também os agentes públicos que lhe apoiaram e são retratados no livro. Todos eles são apresentados na obra como personagens que se beneficiam em torno do protagonista da política nacional.

Depois de tratar os retratos da personagem do livro-reportagem, tratamos nesta seção a estrutura do livro. Palmério Dória (2012) classificou, na orelha do livro-reportagem, a obra como necessária para que os leitores tivessem acesso aos bastidores políticos nacionais, incluindo na narrativa os detalhes da eleição para o Senado. Desde o início do livro, deixa implícito que a expectativa de que aquele 2 de fevereiro de 2009 não seria somente o dia em que José Sarney seria eleito pela terceira vez Presidente do Senado Federal, já que todas as conexões da família Sarney estavam visíveis para os olhares mais atentos ao cenário político:

Com 50 anos de vida pública, o político mais antigo em atividade no país começava sua **descida ao inferno**. É a partir dali que este livro puxa o fio da meada. E compõe, com as ferramentas do melhor jornalismo, mas sem perder o bom humor, um retrato do Brasil na era Sarney. O Sarney velho de guerra, especialista em urna viciada, cria de coronel, cevado na ditadura, o Sarney da UDN, da Arena, do PDS, do PFL, da desastrada “Nova República”, do estelionato do Plano Cruzado, da cumplicidade do sequestro da poupança promovida por Collor em 1990, do loteamento do setor elétrico (DÓRIA, 2012, orelha do livro, grifo nosso).

O livro-reportagem é narrado, portanto, com o prenúncio de “descida ao inferno” de Sarney. Desde o início da literatura ocidental, a descida ao inferno de heróis como Ulisses (no livro XI da *Odisseia*) ou Dante (no primeiro livro de *A Divina Comédia*) é narrada como um momento de provação. O honorável protagonista da narrativa não

foge a essa regra, apesar de não ser apresentado como um herói propriamente dito, mas, parodicamente, como o seu inverso.

Depois do início do livro, a narrativa retrocede cronologicamente para reconstituir o percurso que levou o protagonista a esse momento de provação. A pergunta, assim, que ocorre a cada leitor desde o início do livro é: será a provação justa ou injusta? No primeiro caso, sendo uma provação justa, o leitor esperará por uma catarse trágica, na qual as injustiças do herói serão purgadas em praça pública. No segundo caso, as palavras do discurso do senador refletem imortalização exemplar do mártir, que alega não ter seu nome envolvido em escândalos políticos e ser vítima da tortura midiática, que só serve para elevar ainda mais o caráter heroico do injustiçado protagonista.

A aplicação da catarse trágica funciona como uma expiação para José Sarney, devido a todos os escândalos e favorecimentos políticos em que o protagonista da obra se envolveu durante a sua trajetória política e que são explorados pelo narrador. Essa percepção é tão nítida que o narrador assinala, no primeiro capítulo (título da primeira seção), que a vitória de José Sarney na Presidência do Senado Federal, no ano de 2009, era uma comemoração com cara de velório. Sarney temia a exposição na imprensa dos escândalos com os quais seu nome esteve relacionado, após a PF grampear ligações entre ele e o filho Fernando Sarney, e vazar essas ligações para a imprensa que, provavelmente, viria a divulgá-las na íntegra.

A frequente recapitulação da eleição para presidência do Senado Federal permite criar a expectativa do leitor a respeito do que acontecerá nos dias e meses que sucedem o dia 2 de fevereiro de 2009. Além disso, essa estrutura narrativa em torno da eleição tem por fio condutor as próprias palavras proferidas pelo senador, no dia em que se orgulhava de completar 50 anos dedicados à vida pública, conforme vimos no capítulo anterior.

Segundo o narrador, José Sarney chegava aos 78 anos sem ter muito o que comemorar. Sua análise, no primeiro parágrafo do livro, foi amparada por uma citação feita por um amigo falecido de Sarney: “Certas vitórias parecem o prenúncio de uma grande derrota. É um amanhecer que não canta” (DÓRIA, 2012, p.13). O suposto autor da citação é Roberto Campos, Ministro do General Castelo Branco no regime militar. Com essa citação, o narrador de *Honoráveis Bandidos* alertava ao leitor que, embora

Sarney estivesse prestes a vencer a eleição para a Presidência do Senado Federal, ele temia uma derrota, pois pesava-lhe “[...] a possibilidade de mais uma vez o sobrenome Sarney aparecer nas páginas da crônica policial” (DÓRIA, 2012, p. 22) com as denúncias contra seu filho, Fernando Sarney.

O suposto temor do Senador é utilizado como ponte para tratar dos escândalos que envolviam a família Sarney, os quais são apresentados já na orelha do livro como a descida ao inferno do político mais antigo em atividade no país. O narrador, então, comenta que os escândalos políticos, como as escutas de Fernando Sarney gravadas pela PF, inibiram as efusivas comemorações e deixaram o senador em estado de sobressalto, prevendo sua descida ao inferno. Como Sarney colecionava escândalos envolvendo seu nome, conta o narrador que “a pressão pela renúncia de José Sarney chegava no auge na penúltima semana de junho de 2009, apenas 4 meses depois do fatídico 2 de fevereiro. Tempos vertiginosos. Uma voragem para baixo” (DÓRIA, 2009, p.146).

Em contrapartida ao retrato pincelado no livro-reportagem, o senador José Sarney preparava sua biografia³⁵ e cinebiografia³⁶ como democrata da política nacional. A autora da obra, Regina Echeverria (2011), lançou o livro *Sarney, a biografia* dois anos após o lançamento de *Honoráveis Bandidos*, publicado, em sua primeira edição, em 2009. Na biografia a autora compôs a imagem de Sarney com base em pesquisas, entrevistas e memórias rascunhadas pelo próprio biografado. Ao nos depararmos com duas obras traçando o retrato de um mesmo político, mas utilizando fontes distintas em suas pesquisas e, por conseguinte, traçando representações distintas de uma pessoa real, foi inevitável que tivéssemos duas versões contrastantes, retratando pessoas e períodos históricos idênticos. Enquanto a primeira obra, o livro-reportagem tem o caráter de denúncia, propondo-se a caracterizar a índole de um honorável bandido, a segunda obra, considerada pela crítica como uma biografia “autorizadíssima” ou ainda “encomendada”, restringe-se a respaldar as memórias de José Sarney e da sua esposa com dados oficiais e depoimentos de amigos do casal.

³⁵ O livro “Sarney – a biografia” foi lançado em 2011, dois anos após o lançamento da primeira edição do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*.

³⁶ O documentário “Um brasileiro chamado José” apresenta a biografia do senador José Sarney e foi apresentado pela TV Maranhense afiliada à Band TV no mês de abril de 2010, um ano após o lançamento do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*.

Ambas as obras nos fazem refletir sobre o papel do testemunho e da documentação, que são tidos pelo leitor de ambos os livros como prova salutar de que se trata da realidade, em ambos os casos, embora cada uma das obras seja tratada com enunciados distintos, que denotam a opinião diferente de quem as escreveu. Não se trata de eventos inéditos no sistema editorial, com narrativas distintas tratando de um mesmo tema vinculado à realidade; ilustram esta assertiva os livros sobre a Operação Lava Jato mencionados no primeiro capítulo desta dissertação. Entretanto, chama a atenção que *Honoráveis Bandidos* certamente influenciou no resultado da biografia de José Sarney publicada posteriormente. Aliás, Dória menciona que o livro-reportagem “melou” o desejo de Sarney publicar sua biografia no ano de 2009, quando o político declara completar 50 anos dedicados à vida pública. Por isso, a reação negativa ao lançamento do livro em São Luís, quando esperava-se que aquele ano seria de comemorações para família Sarney.

As estratégias narrativas utilizadas em *Honoráveis Bandidos*, tais como as fontes, as citações e a imaginação do narrador, que chega a contar para os leitores os pensamentos do protagonista no dia da eleição para o Senado, vão ao encontro da expectativa do leitor. Este esperava desvendar os bastidores da política nacional, que os escândalos do então senador fossem revelados e que o honorável bandido fosse responsabilizado por seus crimes contra o dinheiro público – o que, de fato, não aconteceu.

A expectativa da descida ao inferno de José Sarney não se concretizou, justamente pela sua eleição à Presidência do Senado Federal em 2009 e pelo fato de que a sua posição de prestígio diante dos três poderes tivesse permitido que ele realizasse eventuais manobras políticas com o Judiciário, já que a comunicação era facilmente monitorada pelo senador.

O narrador compara, em entrevista concedida à Revista Veja, a saga de Sarney e dos honoráveis bandidos que o circundam à personagem ficcional do vampiro, ao propor que “Podemos comparar esses seres insaciáveis aos vampiros. Hoje temos muitos livros e filmes fazendo sucesso sobre o tema. É isso mesmo, eles não morrem nunca e continuam no poder indefinidamente” (DÓRIA, 2017b, s/p).

A referência a figura do vampiro já havia sido associada a exploração em favor do acúmulo de capital pelo próprio Karl Marx, quando referiu em suas reflexões que “o capital é trabalho morto que como um vampiro, se reanima sugando o trabalho vivo e quanto mais o suga, mais forte o torna” (MARX, 2008, p. 271). Por certo, o império construído por José Sarney era devido a exploração dos bens públicos, a poder constituído no setor elétrico e nas terras sob seu domínio. Quanto mais o senador explora, mais forte fica, e teme Dória (2012) que ele assim ira permanecer indefinidamente.

Entretanto, à medida que a narrativa do livro avança e não se confirma a descida ao inferno do personagem central, fica mais claro o tom satírico do livro-reportagem e a crítica a política nacional que favorece o enriquecimento de alguns dos seus representantes eleitos pelo povo.

3.6. Uma sátira da política nacional

À medida que as astúcias do protagonista da obra para se livrar de todas as situações que podem comprometer sua reputação política ficam mais nítidas, o narrador assinala, já próximo ao final do livro-reportagem, que tanto José Sarney está decidido a posar com o retrato de herói da política nacional, como decide fazer um museu para rememorar a sua trajetória como personagem importante da redemocratização. Diante disso, comenta que a última morada de Sarney não poderia ser um lugar qualquer, afinal, o local “precisava estar à altura de um senhor feudal” (DÓRIA, 2012, p.114). O local apropriado para o senador era o Convento das Mercês, edifício que compõe o patrimônio histórico de São Luís, no Maranhão; construído em 1654, chegou a ser doado para a Fundação José Sarney e totalmente descaracterizado da sua finalidade pública, como observa o narrador:

A área com 6.500 metros quadrados, tombada pelo Patrimônio Histórico, por outro tipo de manobra se transforma, de Fundação da Memória da República, em Fundação José Sarney. Será futuramente, apregoa o senador, um Memorial da República. A historiadora Maria de Fatima Gonçalves, autora de Reinvenção do Maranhão Dinástico, recorreu ao acervo ali oferecido (...) e, acredite, lhe passaram também

desenhos que os filhos de Sarney faziam quando criança. Do genial Padre Antonio Vieira você não encontra nada ali. Em compensação, uma ala do pátio central vai deparar com um busto do “escritor” José Sarney com o versinho do próprio.

Maranhão

Minha Terra

Minha Paixão.

Ele acha isso tão bacana que escreveu nas páginas do editorial do seu jornal. (DÓRIA, 2012, p. 115)

O prédio destinado a ser o memorial de José Sarney após a sua morte abrigava antigos veículos utilizado pelo Senador e até uma lápide em granito para sua homenagem. O narrador de *Honoráveis Bandidos* não se contenta com os desmandos do político há mais tempo no poder do político do país. Comenta que, além de insaciáveis, esses honoráveis também não têm limites, sendo que se consideram merecedores de lugar de destaque na história do país como heróis da política nacional.

Foi, então, que, aproveitando o ímpeto do protagonista em fazer um mausoléu, o narrador profetiza o epitáfio de José Sarney após a sua morte, no sentido literal da palavra, e antecipa a ridicularização do protagonista, preparada por ocasião das condecorações no pós-morte:

Humoristas adoram políticos como Sarney. O ridículo está exposto. Que nem piada pronta. É só reproduzir o que ele diz ou copiar sua figura patética. Dois amigos, a quem contei sobre o mausoléu que Sarney já encomendou num prédio histórico de São Luís, caíram na risada e combinamos que eles adiantariam o epitáfio, para a posteridade também se divertir. Aran, que em parceria com Carlos Castelo publicou o Livro dos Epitáfios, escreveu este exclusivamente para *Honoráveis Bandidos*: “Aqui jaz o dono do mar, do bar, da venda, da televisão, do jornal, do mausoléu, da rua, da avenida, do Estado”. E aí vai o epitáfio que Paulo Caruso mandou: “Aqui jaz Sarney, o presidente que queria ser Dercy Gonçalves”. (DÓRIA, 2012, p.120)

A ironia com que o livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* conta a história do político há mais tempo em atividade pública faz jus ao anúncio na orelha do livro de que ele “compõe com as ferramentas do melhor jornalismo, mas sem perder o bom humor, o retrato do Brasil na era Sarney” (DÓRIA, 2012, orelha do livro).

A narrativa jornalística escrita com ironia e sarcasmo acentua em *Honoráveis Bandidos* “certa maleabilidade de tratamento” que o pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2009, p.28) condiciona como característica de um livro-reportagem. Alguns

exemplares do formato vão se valer de outras estruturas textuais como, por exemplo, a dramaticidade com que o livro-reportagem *Rota 66*, de Caco Barcelos, narra o assassinato de pessoas inocentes pelos oficiais do maior batalhão da polícia militar brasileiro; ou, ainda, o suspense com que o livro-reportagem *Gomorra*, de Roberto Saviano, conta as aventuras de um jornalista infiltrado em uma máfia italiana.

Em todo caso, a ironia com que tanto *Honoráveis Bandidos*, como *Príncipe da Privataria* e *A Candidata que virou picolé* abordam a política nacional é comum aos livros de Palmério Dória. Os textos jornalísticos com tom irônico já eram comuns em outros impressos: os pasquins no Segundo Reinado e o Pasquim durante o regime militar, as Revistas *Cruzeiro* e *Realidade* e os livros-reportagens, desde o período de redemocratização, fazem uso deste recurso.

Este aspecto anima o jornalismo político já algum tempo, conforme aponta o pesquisador Afrânio Coutinho na obra *A Literatura Brasileira*, ao tratar do texto jornalístico na imprensa oitocentista

[...]o jornal [na imprensa oitocentista] se apresenta [como] veículo de pensamento político e social. Sob este aspecto a atividade jornalística às vezes reveste a forma de um autêntico ensaio. Muitas vezes mesmo reaparece revestindo o aspecto ensaístico, outras avizinha-se do gênero e utiliza seus meios. Pode ser ainda autêntica sátira, em prosa ou verso (COUTINHO, 1968, p.92)

Os ensaios e as sátiras publicadas nos impressos oitocentista cumpria o papel de apresentar críticas sociais e tratar dos bastidores políticos. Ao mesmo tempo que a leitura de alguns temas provocava risos, também agendava discussões sobre temas como a instauração do sistema republicano, o papel social da mulher, a escravidão, etc. A partir do século XX, o deboche e a crítica perderam espaço nos periódicos que passam a priorizar relatos objetivos e defender posturas imparciais. Jornais como *O Pasquim* e a *Revista Pif Paf*, foram alguns dos poucos títulos que consagravam a narrativa jornalística com um tom irônico, durante o regime militar. Fosse na sociedade oitocentista ou até os dias atuais, o tom satírico e irônico presente nestas textualidades estimulam reflexões sobre diversos temas e novas percepções sobre a sociedade. Reflexões também compartilhadas pelos leitores do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* sobre os bastidores da política nacional.

Se, por um lado, *Honoráveis Bandidos* não satisfaz a expectativa dos leitores de que aconteceria a “descida ao inferno” de José Sarney, responsabilizado por seus vícios morais, o narrador se predispõe a satirizar a denominada “era Sarney”. O livro-reportagem também não se restringe a apresentar retratos caricatos das personagens engendradas em uma narrativa, uma vez revelada a intenção do autor de descobrir os olhos dos leitores para o painel político nacional contemporâneo e evitar que os políticos retratados permaneçam no poder, conforme assinalado pelo autor:

Este é um livro necessário (...) E o brasileiro de bem dos dias que correm entenderá porque às vezes lhe vem a tentação de desistir, por nojo, da política e dos políticos. Contudo, leitura salutar. Conhecer as causas da náusea ajuda a encontrar o remédio. (DÓRIA, 2012, orelha do livro)

O autor de *Honoráveis Bandidos* espera que a obra contribua para resgatar a moralidade no cenário político nacional. Por certo, os bastidores políticos e as questões morais animam os textos jornalísticos contemporâneos, sejam eles veiculados nos periódicos ou ainda distribuídos no formato livresco. O tema de *Honoráveis Bandidos* se faz valer dessa tendência e propõe ao público restituir a trajetória política de José Sarney e das pessoas que se associaram a ele na trajetória de cargos importantes no poder público.

Por Sarney ser um dos representantes mais presentes na política nacional e dado os eventos que sucederam o ano de 2009, como a reeleição do político a presidência do Senado e seu nome envolvido em escândalos no noticiário, o jornalista Palmério Dória que há tempos acompanhava a trajetória política de Sarney complementa suas pesquisas jornalística e propõe a escrever uma reportagem em livro sobre o político que comemorava 50 anos de vida pública e pousava como modelo de idoneidade.

Entretanto, a exemplo de outros títulos e das coberturas na imprensa regular, a obra também se rende a uma visão polarizada da política, conforme mencionamos na introdução, por meio de uma teatralização da política nacional com políticos personificados como honestos e corruptos, concedendo ao público o papel de espectador dos desmandos políticos. A tão esperada descida ao inferno do personagem central não acontece e resta ao leitor nas palavras finais do livro o conhecimento da trajetória dos políticos que são eleitos pelo povo, para que nos pleitos eleitorais venham a escolher melhor seus representantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A publicação de livro-reportagem *Honoráveis Bandidos* reflete uma tendência contemporânea de livros jornalísticos que vêm propondo se aprofundar nos bastidores e discussões políticas do país, a exemplo de outros títulos sobre a Operação Lava Jato, já mencionados nesta dissertação. Percebemos que a narrativa de *Honoráveis Bandidos* mantém o protótipo exibido na imprensa regular que divide os políticos entre corruptos e honestos, embora a leitura deixe a sensação que a corrupção é característica comum a todas as personagens investidas em cargos públicos.

Desde a capa de *Honoráveis Bandidos*, não restam dúvidas de que o livro incide um julgamento de valor sobre a imoralidade do protagonista, o que tanto motiva os leitores a descobrirem detalhes da trajetória de José Sarney, como a quererem saber quem são as personagens que se assemelham a ele. Convalida esta proposição também a intenção do autor, declarada por ele em entrevistas sobre a obra, em que diz abertamente que se predispôs a fazer uma reportagem que ia de encontro aos planos de José Sarney de posar como herói do período de redemocratização nacional.

No palco da eleição para o Senado Federal em 2009, o protagonista é apresentado como o político que ostente 50 anos de vida pública dedicados a política brasileira, mas que, no fundo, teme que os seus eventuais crimes sejam punidos e que aquela seja o prenúncio da sua derrocada política. Do lado oposto do protagonista, caracterizado como anti-herói, o narrador do livro-reportagem apresenta Tião Viana e o compara ao Obama, representando os conceitos de nova política que animavam os noticiários políticos brasileiros e internacionais, mas que demonstra incapaz de derrotar o honorável bandido José Sarney.

Foi, então, que o narrador compartilhou com o leitor todas as peripécias do honorável bandido-mor, José Sarney, e das honoráveis figuras (termo utilizado na

orelha do livro) que o apoiam e estruturam seu poder político, incluindo o que o livro chama de *famiglia* (escrito propositalmente na orelha do livro para remeter as famílias mafiosas italianas) Sarney.

Ao propor uma análise do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, nesta dissertação, nosso interesse foi compreender o modo como o livro reporta os 50 anos denominados “era Sarney”, com ênfase as fontes e estratégias narrativas utilizadas no decorrer do livro-reportagem. Recai sobre estas narrativas jornalísticas o ímpeto de revelar denúncias, encadear as ações narradas em um enredo político que tanto se vincula a episódios referenciais, como se faz valer de descrições objetivas e subjetivas dos personagens e faz uso de amplificações ficcionais que, mesmo partindo de eventos reais, dá mais destaque a um argumento desdobrando-o de diferentes maneiras.

Para cumprir o objetivo proposto de analisar a estrutura interna do livro-reportagem analisado, elencamos as diversas técnicas textuais percebidas no texto do livro-reportagem, tais como citações, testemunho, entrevistas, epílogos, digressões, retratos, anedotas e charges, cujo principal mérito é apresentar o protagonista do livro-reportagem e aqueles que a circundam. Enquanto Michel Temer é apresentado por um retrato que contrasta hábitos refinados e discurso dissimulado, o ex-presidente Lula é apresentado por uma charge que denota a fragilidade do seu Governo e o pai do protagonista José Sarney é apresentado por uma anedota que percorre as ruas maranhenses.

O livro tece essa narrativa convalidando cada proposição com elementos referenciais concernentes a apuração jornalística (citação ao noticiário, dados oficiais e oficiais, testemunho, entrevistas, etc.), trazendo, por vezes, elementos referenciais que não foram veiculados na imprensa regular, seja pelo tempo limitado da atividade jornalística, que impede ampla apuração dos periódicos, ou, ainda, por interesses que norteiam as publicações dos veículos de comunicação.

No que se refere às contribuições que a análise deste livro específico tem para a conceituação do livro-reportagem, podemos perceber que ele convalida a proposição do livro-reportagem mantendo vínculo com os assuntos agendados pela imprensa, entretanto *Honoráveis Bandidos* se propõe a tratar a política nacional com abordagem distinta ao noticiário da imprensa regular. Ainda que o livro apresente os detalhes dos

bastidores políticos e contextualize sua narrativa com importantes episódios da política nacional, o livro também apresenta um comentário após a exposição de um fato ou, ainda, concede a sua narrativa o que Lima (2009) caracteriza como certa maleabilidade de tratamento do texto, quando comparado as outras textualidades do noticiário.

Honoráveis Bandidos se inspira em práticas jornalísticas anteriores, como elementos da grande-reportagem que surgiu na década de 1960, ao mostrar, no primeiro capítulo, o repórter inserido nos cenários onde as ações se desenvolvem (Senado Federal) e utilizar essa presença para tentar transportar o leitor para o local onde as cenas acontecem. Essas proximidades são evidenciadas pelo autor da obra que vê as práticas no livro-reportagem como a tarefa que resta ao jornalista contemporâneo. Assim como durante o *New Journalism*, as estratégias narrativas da grande-reportagem causaram estranhamento na comunidade jornalística e literária, ainda na contemporaneidade, as discussões se assemelham tendo em vista a objetividade jornalística que opera o imaginário da imprensa regular.

Há de se fazer algumas considerações a respeito do conceito de objetividade que opera a práxis da imprensa, a começar pelo fato de que a própria seleção de fatos em um texto jornalístico, seja feito por estratégias como o lead e a pirâmide invertida, já denota um recorte e uma angulação a matéria jornalística, conforme argumenta o pesquisador Nilson Lage (2001). Há também a impossibilidade de conseguir apurar um acontecimento na sua totalidade, conforme menciona Pena (2006); embora prevaleça o desejo do profissional tentar apurar os fatos com rigor. Por fim, mesmo a noção do jornalista inserido no ambiente em que as cenas acontecem, tentando captar cenas e diálogos inteiros, não impedem que o texto venha se apresentar com enunciados, por vezes, ficcionais, ou que a estrutura do texto denote as marcas de um olho que vê e comenta a respeito do que percebe.

Percebemos também no decorrer do livro-reportagem a narração dos pensamentos das personagens, o detalhamento das cenas e dos retratos das personagens, a amplificação narrativa tanto conferindo destaque a algum elemento referencial como a desdobrar os fatos narrados, como os pensamentos atribuídos a José Sarney ou a emoção vivida por Roseana Sarney quando jogava. Tom Wolfe já argumentava que tal precisão dos diálogos narrados e as características físicas e psicológicas dos

personagens levavam os críticos a duvidar da veracidade das narrativas de uma grande-reportagem.

Por outro lado, a narrativa do livro-reportagem também remete ao texto da imprensa oitocentista que, por vezes, se apresentava como uma sátira política. Na impossibilidade de narrar uma catarse trágica do político que esteve há mais tempo no país, o narrador de *Honoráveis Bandidos* remete sua análise da política nacional a uma sátira do mausoléu que Sarney prepara para posar de herói do período de redemocratização, algo que o livro-reportagem argumenta desde o princípio que é tudo que o personagem não é.

Deste modo, o que difere *Honoráveis Bandidos* de outros exemplares do gênero que vinham sendo comercializadas no mercado e que trata a política nacional, é o tom irônico que o narrador confere à narrativa, com comentários sarcásticos a respeito da política nacional e da vida pessoal das personagens.

Para Palmério Dória, restou, então, ao livro revelar ao leitor o retrato do Brasil na era Sarney para que, ciente do quadro, o leitor possa encontrar o remédio e deixar de conferir aos denominados bandidos da política nacional a honorável posição de representantes das aspirações populares.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. O. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. In: PRETI, Dino (org). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanistas, USP, 2000.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração, 2013.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do Nascimento. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

BARCELOS, Caco. **Rota 66**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. **Abusado**: o dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BENETTI, Marcia. A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja. **Revista Líbero**. 2007.

BLATTMANN, Úrsula. **Fontes Primárias**. Biblioteca Virtual nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Disponível em: <<http://bib-ci.wikidot.com/fontes-primarias>>. Acesso em: 20 maio 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Trad. Maria C. P. Dias.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Org.). **Lei da Ficha Limpa não deve ser aplicada às Eleições 2010**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/%20verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=175082>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CARDOSO, Darlete. O jornalismo como (re)produtor de enunciados. **Linguagem em Discurso**, Tubarão, v. 1, n. 2, p.1-5, jun. 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.173-191, abr. 1991.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reinaldo C.C. de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999a.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Marly D. Priori. Brasília: UNB, 1999b.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **O Trabalho da citação**. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. **O demônio da teoria: Literatura e Senso Comum**. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

COSTA, Wagner C. da. Bem-vindo ao Sarneyquistão. **Veja**. São Paulo, 29 jun. 2011.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. 6. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968.

CURY, Vania. **O trem da alegria**. Falta História. 2016. Disponível em: <<http://faltahistoria.com.br/2016/06/06/trem-da-alegria/>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DÓRIA, Palmério. **Mataram o Presidente: Memórias do pistoleiro que mudou a História do Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1978.

_____. **A candidata que virou picolé**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

_____. **A desmoralização da nossa democracia não tem limites**. Entrevista concedida. Jornal Vias de Fato. 2009. Disponível em: <https://issuu.com/viasdefato/docs/viasdefato_2>. Acesso em: 01 ago. 2017.

_____. **Honoráveis Bandidos: um retrato do Brasil na era Sarney**. São Paulo: Geração, 2012.

_____. **O príncipe da privatária**. São Paulo: Geração, 2013.

DÓRIA, Palmério; SEVERIANO, Mylton. **Golpe de Estado**: o espírito e a herança de 1964 ainda ameaçam o Brasil. São Paulo: Geração, 2015.

_____. **Entrevista com o autor**. 2017a. disponível em: <<http://geracaoeditorial.com.br/honoraveis-bandidos/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

_____. **Palmério Dória, jornalista e escritor**. 2017b. Entrevista concedida para Augusto Nunes. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/palmerio-doria-jornalista-e-escritor/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ECHEVERRIA, Regina. **Sarney, a biografia**. São Paulo: Leya, 2011.

FERNANDES, Millôr e RANGEL, Flávio. **Liberdade, liberdade**. Porto Alegre: LP&M, 1977

MILLÔR ON LINE. **Sarney e o Brejal dos Guajas**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/aberto/textos/004/007_02.htm>. Acesso: 15 abr. 2017.

FERES JÚNIOR, João (coord.). **Boletim Manchetômetro**: Reformas do Escândalo JBS. Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim-M_maio.pdf>. Acesso em: 1º maio 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 03 fev. 2009. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/02/03/2/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vertice, 1990.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 1946.

HOLTWIJK, Ineke. **Sinais de Fumaça**. Holanda: Atlas, 2007.

KRAKAUER, John. **No Ar Rarefeito**: um Relato da Tragédia no Everest. Rio de Janeiro: Saraiva, 1998.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

LAGO, Rudolfo. Prática e conhecimento. In: SEABRA, Roberto; SOUSA, Vivaldo (orgs.). **Jornalismo Político**: teoria, história e técnicas. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LEITE, Paulo M. **A outra história da Lava-Jato**: uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia. São Paulo: Geração, 2015.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

LINHARES, Marcos. **Nos Bastidores do Jornalismo Esportivo**: A Magia da Cobertura Esportiva Mundial. São Paulo: Saraiva, 2006.

MACIEL, Alexandre Z.; ROCHA, Heitor C. L. Ângulos Plurais: Livro-reportagem, Compromisso Público e Autonomia Jornalística. **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Caruaru, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2089-1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

MARANHÃO 66. Direção e produção: Glauber Rocha. Som direto: Eduardo Escorel. Rio de Janeiro: Mapa Filmes, 1966.

MARTIN, Marcel; **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, livros I, II e III, 2008.

MEDINA, Cremilda. Lugar dos Jornalistas: no centro das tensões. In: SEABRA, Roberto; SOUSA, Vivaldo (org.). **Jornalismo Político**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MORAES, Dênis de. **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORAES, Geneton. **Dossiê Brasília**: os segredos dos presidentes. São Paulo: Globo, 2005.

MORAIS, Fernando. **Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. **A Ilha**: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1976.

_____. Um olho no Jornalismo, outro na Literatura e os dois na grande reportagem. **Jornalistas e Cia**: protagonistas da imprensa brasileira. São Paulo, 20 set. 2010.

NETTO, Vladimir. **Lava Jato**: o juiz Sérgio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

NOGUEIRA, Carlos. A anedota popular portuguesa: forma breve multimidiática. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/459/326>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

PAGLIOSA, Elcemina Lúcia Balvedi. **Humor**: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Ariane Carla. Os discursos no discurso do livro-reportagem. **Caligrama**, São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64695/67316>>. Acesso em: 17 maio 2017.

RAMOS, Jorge. Ditadura Vargas incinerou em praça pública 1.640 livros de Jorge Amado. **Jornal Correio**: O que a Bahia quer saber. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64695/67316>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Revista Contracampo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, p.1-18, jan. 2005.

RIBEIRO, Ana Paula G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos históricos**, n. 31, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

SASTRE, Angelo. **Luar aos avessos**. São Paulo: Scortecci, 1999.

SCHNEIDER, Sabrina. **A ficcionalização do real no livro-reportagem Abusado: o dono do Morro Dona Marta, de Caco Barcellos**. Dissertação PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4235/1/000398241-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2017.

SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. Leya: São Paulo, 2015.

VARELA, Draúzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VENTURA, Zuenir. **1968 o ano que não terminou: a aventura de uma geração**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

WOLFE, Tom. **Radical Chique: o novo jornalismo**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.